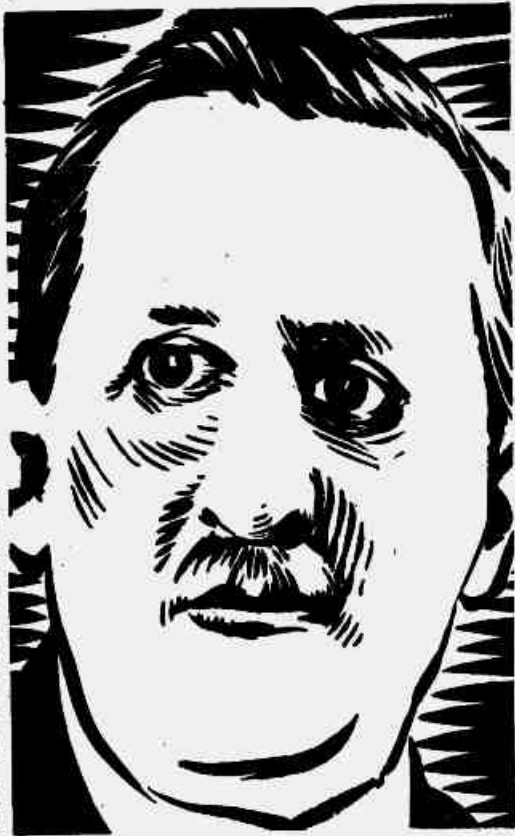


AUTORES & LIVROS

29/3/942
Ano II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II
Núm. 10



GRAÇA ARANHA

SUMÁRIO

- PÁGINA 143: — Notícia sobre Graça Aranha — Bibliografia de Graça Aranha. — Pensamentos de Graça Aranha.
- PÁGINA 144: — A imolação do cavalo, de Graça Aranha (com ilustração de Osvaldo Goeldi).
- PÁGINA 145: — Dois artigos de Humberto de Campos sobre Graça Aranha. — O encantamento dos Pirlampas, de Graça Aranha.
- PÁGINA 146 E 147: — A mocidade heroica de Joaquim Nabuco, de Graça Aranha.
- PÁGINA 148: — Correspondência de escritores. Carta de Osvaldo Cruz a Graça Aranha. — O princípio do amor, de Graça Aranha.
- PÁGINA 149: — O estertor do velho, de Graça Aranha (com ilustração de Osvaldo Goeldi).
- PÁGINAS 150 E 151: — Estética da vida, de Tristão da Cunha. — Aspiração da liberdade, de Graça Aranha.
- PÁGINA 152: — Correspondência de escritores. Carta de Graça Aranha a João Ribeiro. — Graça Aranha, de João Ribeiro.
- PÁGINA 153: — A cigarrinha, de Graça Aranha. — A vida interior das obras de arte, de Graça Aranha.
- PÁGINA 154: — Adens a Graça Aranha, de Ronald de Carvalho. — A estética de Graça Aranha, de D. Milano. — Conversa literária, de Antenor (Visconde de Taunay).
- PÁGINA 155: — Correspondência de escritores. Carta de Pedro Américo a Graça Aranha. — Graça Aranha, de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira). — Otimismo brasileiro, de Graça Aranha.
- PÁGINA 156: — Temístocles Maciel Aranha, de Jerônimo Viveiros.
- PÁGINA 157: — Posição de Graça Aranha, de Tristão de Ataide (da Academia Brasileira).
- PÁGINA 158: — Correspondência de escritores. Carta de Alberto de Oliveira a Graça Aranha.
- PÁGINA 159: — Aluizio Azevedo e Graça Aranha. — Correspondência de escritores. Carta de Graça Aranha a Machado de Assis. — Aspiração da liberdade, de Graça Aranha.
- PÁGINA 160: — Um centenário, de Graça Aranha. — Contra a Academia, de Graça Aranha. — Essência da arte, de Graça Aranha.
- PÁGINA 161: — A chuva depois da seca, de Graça Aranha (com ilustração de Osvaldo Goeldi). — As vozes do Brasil, de Graça Aranha.
- PÁGINA 162: — A enxada estética na arte moderna, de Graça Aranha. — Que é espírito moderno?, de Graça Aranha.
- PÁGINA 163: — Malazarte, de João Ribeiro.
- PÁGINA 164: — "E indo por terra parar no Peru", de Jorge do Lima. — Um terceiro Viriato Correia, de Viriato Correia. — O Intermezzo, de H. Heine.
- PÁGINA 165: — Poemas de Murilo Mendes (de O Visionário).
- PÁGINA 166: — O poeta mundano, de Manuel Afonso. — Correspondência de escritores. Uma carta íntima de Raimundo Correia. — Honorio Armond, príncipe dos poetas mineiros, de Alphonso de Guimarães Filho. — Galeria de nomes suítes.

NOTÍCIA SOBRE GRAÇA ARANHA

José Feres da Graça Aranha nasceu em São Luiz, Maranhão, no dia 21 de junho de 1868. Era filho do dr. Temístocles da Silva Maciel Aranha, jornalista ardoroso e de real talento, que em São Luiz manteve durante anos a publicação de "O País", diário cuja evolução deu mereço ser estudada.

Grande foi a sua precocidade de espírito, e segundo o seu próprio depoimento, já aos dez anos, ele tinha escrito um trabalho sobre a África, completação de Eliseu Reclus, Stanley e outros autores.

Antes de mais, tendo feito os estudos primários e secundários nos liceus do Maranhão, transferiu-se para o Recife, para estudar Direito. Formou-se em 1888, tendo como colegas Ruiheito Pessoa, José Bezerra, Alcega Marrocos, Elpidio Figueiredo, João de Melo, Castello Branco, entre os que ascenderam a situações principais, na vida pública. Durante o tempo em que estudou em Recife, esteve sob a influência de Tobias Barreto, e o maior dos brasileiros que ainda existiram. Esse fascínio de Tobias vai ser, talvez, e predominantemente entre todas as influências que ele recebe. Quando voltar para a Academia Brasileira, em 1897, apresentará um trabalho sobre o seu "fauleur" e nome do autor de "Memórias e Loucos". E, mais tarde, ao regressar ao Brasil, no momento de declarar guerra à Academia e de se fazer o campeão das ideias de renovação literária e filosófica em nosso país, e de certo ainda o exemplo revolucionário e ardente do chefe da Escola do Recife que estava sub-conscientemente noticiando a sua ação...

Tristão da Cunha logo depois de formado, Graça Aranha aqui se dedicou à advocacia, ao magistério e à magistratura. Foi professor de Direito, juiz no Espírito Santo, procurador sectional no Distrito Federal.

Amigo dileto de Nabuco, acompanhou esse grande brasileiro, quando das missões especiais de Londres e Roma. Nesta última cidade, em 1903, foi eleito pelos seus colegas para vice-presidente do Congresso dos Poetas Latinos, reunidos sob a presidência de Angelo de Gubernatis. No Tribunal Arbitral Bras-

leiro-Boliviano, ocupou o lugar de primeiro secretário. Foi depois nosso ministro plenipotenciário em Cuba e em Haia.

Durante a guerra de 1914-1918, Graça Aranha manteve uma atitude do mais ardente partidário, em favor dos povos que lutavam contra a Alemanha. Sua intervenção, documentada em memoráveis entrevistas concedidas ao "New York Herald" e a "Le Temps", para que o Brasil entrasse no conflito ao lado dos Aliados, foi desassombrosa.

Aposentando-se na carreira diplomática, veio para o Brasil e aqui se pôs em contacto íntimo com os jovens, que trabalhavam nas letras e no jornalismo. Fez-se chefe de escola modernista, promovendo a "Semana da Arte Moderna" em São Paulo, que foi como que o toque de reunir dos renovadores brasileiros. Pronunciou então, dentro da Academia uma conferência notável, a qual se pôde resumir neste imperativo preciso: "Se a Academia não se renova, então morra a Academia." Como resultado desse querela, rompeu Graça Aranha com a instituição, da qual fora um dos fundadores, e para a qual entrara depois das mais suas insistências de Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Lúcio de Mendonça.

Graça Aranha possuía um grande talento literário, e entretanto não deixou nenhuma obra abundante. Escreveu pouco, e assim procedeu desde a mocidade. Sua estrita nas letras se deu de maneira particular. Era no tempo da "Revista Brasileira", e grande amigo de Veríssimo de Nabuco, de outros ilustres escritores, que na redação da revista faziam seu ponto habitual. Graça Aranha diariamente ali passava. Certo dia apareceu na mesa do diretor, oferecendo-se à colaboração, um conto assinado por Flávia do Amaral, escritora nova e inteiramente desconhecida de todos. O diretor do trabalho, Veríssimo, recebeu o trabalho, achou-o esplêndido e tão entusiasmado ficou que o leu em voz alta para todos ouvirem. O conto saiu publicado, e foi a estreia de Graça Aranha, pois aquele nome de mulher era o disfarce que o escritor adotara. O conto em questão figurou depois em

"Canaã", levemente alterado, e com o nome de "A Ciganinha", o transcrevemos neste suplemento.

Graça Aranha, que sempre aspirou à ação pública, esteve articulado com os movimentos revolucionários que se processaram no Brasil no decênio de 1920, e durante um detos foi preso. Podemos dizer — e é uma observação fácil, que qualquer pessoa fará — que o movimento modernista, que ele procurou operar em nossas letras, correspondeu, no terreno literário, a renovação política que se operou de 1922 a 1930.

É certo que a ação de Graça Aranha tem sido subestimada por muitos que se beneficiaram das lições e das altitudes dele. Cumpre, porém, a quem observa imparcialmente o ambiente cultural do Brasil, reconhecer o grande papel que no seu momento ele teve, ao envia-lo os seus esforços para que as novas gerações brasileiras encontrassem novos caminhos de pensamento e de sensibilidade. Graça Aranha morreu nesta cidade, em 26 de Janeiro de 1931.

Bibliografia de Graça Aranha

- Canaã, romance, Abril de 1902;
 - Malazarte, drama, Fevereiro de 1911. (Em francês). Representado em Paris no teatro de "L'Oeuvre";
 - Estética da Vida, Rio, 1920;
 - Correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco, Rio, 1923;
 - Espírito Moderno, Rio, 1925;
 - A Viagem Maravilhosa, romance, Rio, 1930;
 - O meu próprio romance (autobiografia, incompleta), Rio, 1931.
- Existem colaborações de Graça Aranha na Revista da Academia, na Lanterna Verde, na Estética, na Revista de Brasil, no Movimento Brasileiro, do qual ele foi um dos orientadores.
- Também se encontram colaborações suas, assinadas com o seu nome ou com pseudônimos vários, em folhas desta capital, de Campos e de Buenos Aires.

Pensamentos de Graça Aranha

O DESLOCAMENTO DAS CIVILIZAÇÕES — Um dos erros das interpretações da história está em preconceito aristocrático que concebem a ideia de que ninguém, porém, até hoje soube definir a raça e ainda menos como se distinguem umas das outras; fazem-se sobre isto jogos de palavras, mas que não como esses desenhos de muros que ali vemos no alto, aparções fantásticas do nada... E, depois, qual é a raça privilegiada para que só ela seja o centro e o agente da civilização? Houve um tempo na história em que o senil brilha em Babilônia e no Egito, o índio nas margens sagradas da Ganges, e eles eram a civilização toda; o resto do mundo era a

nebulosa de que se não cogitava. E, no entanto, é junto ao Sena e no Tamisa que a cultura se esgota hoje numa volúpia feita e alquebrada. O que eu vejo neste vasto panorama da história, para que me volto ansioso e interrogante, é a civilização deslocando-se sem interrupção, indo de grupo a grupo através de todas as raças, numa fatal apresentação gradual de grandes trechos da terra, à sua luz e calor... Uns se vão iluminando, enquanto outros descem às trevas...

A FORÇA E O AMOR — Quando a humanidade partiu do silêncio das florestas para o tumulto das cidades, veio

descrevendo uma longa parábola de maior escravizada à maior liberdade. Todo o alvo humano é o aumento da solidão, e a ligação do homem ao homem, diminuídas as causas de separação. No princípio era a força, no fim será o amor.

O UNIVERSO — O Universo não é um espetáculo, é uma interrogação.

A FINALIDADE DA ARTE — A finalidade da arte não é a imitação da natureza. Ela tem o seu fim em si mesma. O espírito humano é tão criador como é a natureza e só se atinge a obra de arte quando o esse

(Continua na pág. 144)

A IMOLAÇÃO DO CAVALO — Graça Aranha

(Ilustração de Osvaldo Costa)

Ao amanhecer de um dia de neblina, a paisagem perdera o seu contorno exato e regular. As linhas definitivas dos objetos confundiam-se, as montanhas enterravam as cabeças nas nuvens, a cabeleira das arvores fumegava, o rio sem horizonte, sem limite, como uma grande pasta cinzenta, ligava-se ao céu baixo e denso. O deserto apagava-se, a bruma mascarava os perfis das coisas e o colorido surgia com a sombra numa sublime desforra. Por toda a parte manchas esplêndidas se ostentavam. E sobre a campina coverdeada, vaporosa, uma dessas manchas, linearmente azulada, movia-se, arqueava-se, baixava-se, erguia-se e se ia lentamente dilatando. O sol não tardou a vir, e a natureza sacudia-se, a nevoa fugiu, o céu espanou-se e dilatou-se em maravilhosas limpezas. A mancha, movendo-se a plumele definiu-se no perfil de um pobre cavalo que passava na vercura os seus olhos de velhice e ladiga, tristes e longos. De passada, com os tímidos e rios becos, afagava a crava, tuturando-a com fastio e desânimo, enquanto a sua atenção de cavalo experimentado estava voltada para a cabana, a cuja porta os seus donos, os novos colonos magiars, o miravam com interesse. A neblina leve, veloz, vinha distrair o gaucha na postura de curiosidade humilde, e acariava num irio eléctrico o seu pelo raso e faldado. Estremecia num gozo mudo, e estendendo o focinho, adivinhava os becos, o usual e grato, beijava o ar. Não mais encontrava a nevoa, que fugira para os montes, levada pela brisa, como se fosse imperceptível veno que envolvesse alguma coisa errante e fetiche. Um rulo de sol, porém, acescra a brincar-se nos olhos e inclinava-lhe a pupila. Meigalhas da natureza.

Um dos jovens magiars, levando uma corda, caminhou para o cavalo. O animal entregou-lhe a cabeça numa mistura de abandono e ledio. O rapaz passou-lhe o cabresto e o levou ao posto fronteiro a casa, onde o amarrava. Os colonos tinham resolvido principalizar naquele dia a plantação do prazo, e o velho deu ordem de partir para a queimada. Os filhos armaram-se das ferramentas de lavoura, o cigano, saindo de sua modesta e apenas armado de um chicote, acompanhou os outros, que, desmarrando o cavalo, seguiram com ele para o roçado. As raparigas que ficavam em casa cheias de instintivo pavor, viuam o grupo afastar-se vagarosamente.

Chegaram ao acerto que, aberto como uma larga ferida sobre o dorso da terra, era um sulco de alguns metros de largura, circundado a queimada. Da mata carbonizada ainda restavam de pé alguns troncos despojanos, enegrecidos. Mikau e Lentz, passando aquela hora, passaram perto do roçado e viram chegar ao grupo dos vizinhos.

— Ainda bem, disse Mikau, eles vão trabalhar; faz-lhe do ver esta gente apática, irresoluta, entorpecida na preguiça.

— Mas para que trazem eles quase arrastado aquele cavalo? perguntou Lentz.

E os dois se afastaram um pouco e ficaram a distância acompanhando os movimentos do grupo.

O velho colono segurou o animal pelo cabresto e o colorido no meio da vala. Os filhos puseram-se de lado, num recolhimento religioso. O pai puxou o cavalo para a frente. De chicote em punho, o cigano seguia atrás, e a primeira vergastada, cortando o ar num sibilo, caiu em cheio sobre o animal. Este, como arremetendo-se de si mesmo, pisoteou assustado. Novas lambadas foram arremessadas



por suas vigorosas. Estirou o cavalo o pescoço para a frente, abaixou-se, alongou-se, encroscando quase o ventre à terra, como para se libertar do fâlego que lhe vinha do alto. Os seus membros se extorciam, estrangulados sob a dor intensa. E desapiedadamente, puxavam-no para diante, levando-o ao furor do acote. Naquele sacrifício cumpria-se uma missão sagrada; ligava-se a nova terra ao nervo da tradição da terra antiga. Quando os antepassados tártaros desceram do planalto asiático, e no solo europeu renunciaram à vida errante dos pastores, para lavrar o campo e buscar na cultura a satisfação da vida, sacrificaram aos deuses o velho companheiro de peregrinação nos brancos "steppes". E, assim, a imolação ficou sempre no espirito dos descendentes como um dever, cujas raízes se estendem até ao fundo da alma das raças.

Continuava o grupo a caminhar. O velho, como um sacerdote, conduzia a vítima, seguida do cigano, em cujo rosto se acompanhava a antiga expressão infernal e terrível dos antepassados; num retrocesso harmónico e rápido, produzido pelo singular efeito da paixão sangüinaria. Os outros assistiam mudos à cerimonia. O chicote vibrava incessante; as suas pontas de ferro cortavam o jombo do animal. O ar leve e frio, penetrando nos flos de carne viva, causava uma dor fina, aguda, acurba, e a vista e o cheiro do sangue excitavam ainda mais a energia do flagelo.

Incer. Voto-lhe uma histórica insensibilidade, uma rudimentar anestesia, uma assassina obsessão. Estopteou-o uma vertigem, mas o acote não parou. Os sulcos na carne abriam-se mais fundos; o sangue escorria frouxo. Molino de dor, o cavalo prosseguia arrastado, regando a terra. Gotas vermelhas respingavam sobre a descoberta cabeça do velho magiar, de uma brançura de aquena. As suas narinas dilatavam-se em lânguido gozo. Cavos gemidos ressoavam no peito da besta. E no seu olhar infinito de moribundo trêmulam-se os humildes protestos e os tímidos apelos de misericórdia.

E o refo soava, enquanto o mártir ia lento, de pescoço, estirado, pernas trôpegas, esvaldo-se pelas veias abertas, como torneiras de sangue. O cigano mais terrível, mais feroz, transfigurava-se, e da sua garganta afinada irrompeu bruses, sonoro, o canto de guerra dos senhores tártaros. O chicote cruel e rápido marcava o compasso desse ritmo estranho. O contágio do furor apoderou-se dos outros que, imobilizados, assistiam ao sacrificio. E embriagados pouco a pouco pelas frases da música, pela sugestão do ritmo, pelo odor de carne sangüenta, acompanhavam o canto, num coro infernal. O animal, exaustivo, caíra de lado, como um peso inerte. O acote incoravel ainda o levantou uma vez, e no solo, como numa verónica, ficou estampada a imagem do seu corpo, impressa

em sangue. Prosseguiu sem interrupção, fúgado, lugubre, o canto que feria asperamente o ar, e era o eco da melodia sagrada da morte. O cavalo deu mais alguns passos, cambaleando como um alucinado, e afinal prostrou-se sobre a terra. Afogante, resflegando num escapado estertor, morria vagarosamente. Nas suas pupilas de moribundo fotografaram-se num derradeiro clarão as fisionomias dos algozes. E esta imagem medonha, que se lhe guardara no interior dos olhos, era a infinita tortura que o acompanharia a em da propria morte, presidindo à dolorosa decomposição da sua carne de mártir.

Cessaram as vozes. Os homens agruparam-se em torno

do cadaver, rezando como fantasmal loucos. Poças e borbelhos manchavam o chão a camada de argila, lisa, reverberando como uma cortina, tornava o seio da terra impalpável ao sangue, que, sorvido pelo sol, se evaporava e dissipava no ar. Era a rejeição do sacrifício, o repúdio da imolação, o repúdio da cruenta tradição do passado. A nova Terra juntava a sua contribuição aos limpídidos ideais dos novos homens.

— E para que? disse Mikau comovido até às lágrimas, e para que a tortura, a flagelação pelo sangue, se E a resposta é alegre, como uma zangarda bela e fresca, lhes dando os frutos, cedendo-lhe somente as brandas violências do amor...

Pensamentos de Graça Aranha

(Continuação da pag. 143)

piritro se liberta da natureza e age independentemente. As formas artísticas, que se limitam a reproduzir a natureza, são de qualidade inferior aquelas que o artista formula como criação individual e livre. Nem todos os povos primitivos se subordnam à natureza, muitos foram verdadeiramente artistas, criando obras de arte sem limitação, como jogos da fantasia espiritual. Quanto mais uma ci-

vilização é artística, mais ela se afasta da natureza. A arte não é um canto da natureza, visto através de um tempo, guerra, como a paisagem não é um estado da alma. Todas estas formulas subjetivas fizeram o seu tempo. São incongruentes hoje. A essência da arte está nas emoções provocadas pelos sentimentos vagos, que não veem dos contactos sensoriais com o Universo e que se exprimem nas cores, nas linhas, nos sons, nas palavras.

MOCIDADE HERÓICA DE JOAQUIM NABUCO

(Continuação da pág. anterior)
sumir magnificamente neste ato, em nome do seu país por uma maior grandeza moral entre os outros povos.

O sentimento nacional foi o pendulo da existência de Joaquim Nabuco. Ele marcou no quadrante da sua vida politica o mesmo e perpetuo ritmo: na mocidade Nabuco renuncia a todas as seduções do "lazarismo" intelectual, desprendendo-se do encanto magico, que o reteo longos tempos nessa floresta abençoada da arte, e vem se misturar ás dores e angustias da sua terra, e faz resolutamente o seu dever completo... Na madureza ele mudou de campo de combate. A principio lutou dentro da sociedade politica, foi parte principal do drama da formação nacional do novo Brasil, depois se retirou da acção, e meditando sobre os nossos destinos, escreveu a elaboração histórica deus e nos explicou a finalidade de brasileira e a consciência nacional. Nesse momento aumentou a sensibilidade dos olhos do nobre poeta de expressão literaria, e nos deu outras e mais raras vozes... Mais tarde, Joaquim Nabuco pela sua acção diplomatica, concorre poderosamente para a integração do Brasil na politica do continente. Ainda nesse ponto o seu sentimento nacional o guiou e lhe deu esse maravilhoso inclino politico que jamais o abandonou.

A grandeza internacional do Brasil será tanto maior quanto mais preponderante for a sua posição na politica americana.

Dante da Europa se firmara finalmente a unidade politica da America diferenciada pelo finalismo continental e por via nos participamos dessa vida politica que exprimeu os profundos desejos da civilização. Foi o velho amigo do poeta de Joaquim Nabuco e do seu nacionalismo. E ainda nesse momento insistiu ele medita sobre o que nos temo do inicio da vida politica... E Carlos que o inspira e o novo e velho se junta, com a perpetua e simples volta ao ponto de partida e do ciclo da sua vida sentimental.

INVOCACAO A NABUCO

Na nostalgia em que nos hoje informamos a destino e patria o seu espirito que nos vultamos... Que orão seria a sua se ele tivesse a renovação do prodigio da mocidade e tivesse mais uma vez de nos dar o seu hereditario? Que combates combateria? Que novas esteras ele sonharia, e para que alto firmamento ideal ele nos arrebataria na sua eloquencia?...

Mestre! mestre! Para onde vamos? Onde esta fragil barca que se descompõe no temporal vai ser arremessada? Onde o seu naufragio ou a sua salvacao? quem responderá?...

Tudo é um grande e infinito tumulto na antiga terra brasileira. Aquele doce remanso da velha sociedade em que se harmonizaram a vontade e a submissão de uns e a obediencia e humildade de outros, teve de findar. Uma imensa confusão fervilha; da terra surgem cubiceiros sonhos de ego de volúpia expressos nos ardores de uma lingua barbara e no sangue de uma raça formada na fornalha dos desejos e revoltas.

Nesta confusão a consciência nacional se evapora; nós não seremos mais os mesmos no futuro, tudo o que vem do passado se desmorona e sem as correntes da tradição nos flutuamos ao capricho do destino nebuloso e inerte.

Onde a força que nos orga-

nize de novo e aos embates furiosos do cosmopolitismo ofereça a formidavel armadura nacional? quando se formará a elite social que seja a expressão da nossa consciência coletiva e nos conduza e nos mantenha firmes e grandes?

Por mais que a filosofia tudo considere, homens e povos, apenas como um acidente na grande inconsciencia das forças universais, no terrivel silencio do infinito, não podemos nos imaginar fora da sociedade que é a categoria da vida humana, como o espaço é a categoria dos corpos. E' uma fatalidade a que o nosso profundo realismo impõe resignação. Cada um de nós é necessariamente o homem de uma raça, de uma nação. Não há liberdade tão poderosa que nos emancipe desse circulo fatal, e se o espirito pela força da abstracção despedaçar todas as restrições accidentais, as secretas correntes da nossa personalidade nos prendem áquela magico inferno que é a associação já longinqua, já inalteravel, onipotente e misteriosa, dos outros homens dos mesmos desejos e que formam na fuga do tempo a singular afinidade do inconsciente de tantas gentes. E' nessas categorias sociais que se produz a maravilhosa atividade humana.

Orn desses circulos que são o quadro e o campo da acção do espirito nos subimos desde os mais restritos e limitados até ás nações e aí exatamente é que se produz em toda a sua extensão o fenomeno da civilização. O alvo dessa cultura individual e coletiva, a sua razão de ser é a criação de individualidades superiores que assegurem a mais profunda harmonia á coexistência social e fazer vir a maior soma possível de bens que se exprime na filosofia e na arte.

Para essa nobreza espiritual, a vida seria a epopeia da resignação. Eu penso em Dante, em Santa Teresa, em Pascal, em Spinoza, em Goethe, e eu imuto o vôo rebelde de tais heróis e os espaços sem horizontes que desceram. Oh! abismos imsondáveis! Oh! magnificas vertigens! E eu sinto que eles são os redentores, os libertadores de toda a servidão imortal de tantas innumeras almas humildes que se abatem asparam... E a divina tentação do infinito... A cultura se caracteriza nessa altura sublime. Em cada povo ela deve criar um pensamento nacional, uma consciência nacional, isto é, uma civilização nacional. E tudo o que se trama nas luas economicas, todo o triunfo sobre a natureza, o galho, a fortuna, a expansão viçaz, tudo isto é o caminho do inconsciente da coletividade para chegar no máximo da sua expressão moral. Muitas vezes não se chega até lá e se desaparece numa volta da história, não se deixando um traço, um sulco no grande espaço em vôo pernoctado...

Para nos salvarmos desse irremediavel desastre e escaparmos do triste silencio em que nos extinguiremos, precisamos executar dentro de nós mesmos uma serie de esforçados trabalhos para chegarmos a uma vitória completa e sermos uma força dentro da floresta espiritual da terra... Seria a agitação da nossa alma. Seria a redenção nacional de que uma vez o heroismo de Joaquim Nabuco nos deu a maravilhosa aurora... Mas, sem tardar, as sombras desceram...

E nesta longa noite em que entramos que astro nascelo no céu da nossa espiritualidade, que astro, mesmo de luz baixa e trêmula, nos guiará?

GRAÇA ARANHA.

Correspondência de escritores:

Carta de Oswaldo Cruz a Graça Aranha

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
CASA POSTAL 532
BRASIL - RIO DE JANEIRO

Manguinhos 14 de Ago. de 1913

Prezado amigo Graça Aranha

Examinámos o material enviado com o intuito de descobrir nele a "Amoeba" que, entre nós de nós dependa, quer a responsabilidade pela desinfeção. O exame resultou negativo. Se precisar de outro material enviado, com o intuito de oferecer

Oswaldo Cruz

"Fac-simile" de uma carta de Oswaldo Cruz a Graça Aranha

Manguinhos, 14 de agosto de 1913. To de descobrir nele a qualquer eludicação, que "Amoeba", que, entre nós de nós dependa, quer a responsabilidade pela desinfeção. O exame resultou negativo. Se precisar de outro material enviado, com o intuito de oferecer

TERRA - Graça Aranha

Dejo da Terra: árvore! Espiritualidade da Terra: árvore! Elegância, força, doçura, fragilidade, eternidade.
Folhas: ardor e sentimento. Golhos: doçura, amparo, egualho, aspição, elevação para o infinito.
Postura da árvore: adoração perpetua, trágica imobilidade. Silêncio: Campo deserto, árvore solitária. Montanha espectral, árvore, fantasmas alucinados.
Árvore e vento. Inútil gemido. Infatigável acoute.
Árvore e sol. Febil exaltação do aromas. Resinos. Quietação. Adormecimento da natureza na volúpia do perfume.
Madrugada da árvore. Cantos de alvorada. Clarias, flautas, sumbidos. Alegria, alegria. Fim de sombra.
Noturno. Gargalhadas. Aves zombeteiras. Rotórias do porvir. O que a árvore vê à noite...
Suave humidade. Perfida humidade. Vida secreta. Pedros úmidas. Limos, artistas sutis. Róseos troncos verdes. Céu úmido.
A árvore e o água. Porco selvagem. A água misteriosa que mora no intimo da árvore e mora nos celulas humanas. Intogração.
Vida profunda Inteligência buscando na Terra a vida.
Humanização. Árvores disciplinadas, dominadas. Revoltas, violência. Vingança. Venenos. Segredos dos vegetais. Solidariedade. Unidade verde.
Desterro da árvore. Saudade. Nostalgia.
Desterro da árvore. Saudade. Nostalgia.



Um retrato de Graça Aranha, em companhia de Joaquim Nabuco, (sentado à direita) e Carlo Magalhães de Azeredo (de pé)

O ENTERRO DO VELHO

Graça Aranha
(Ilustração de Osvaldo Goeldi)

A forma de Felicíssimo voltava para novas meditações. O trabalho depois do trabalho, as horas das tardes conversando na cozinha de Milkau, e com a sua variedade e alegria entretinha as duas emigradas, contando as coisas da sua vida aventureira, cenas do Norte, desse Coast Range em cuja areia se via a implacável e vazante do mar, na energia e na esperança. Quando não havia serviço urgente, Joca juntava-se a Lentz e os dois se embrenhavam no mar, a caçar. Na convivência com esses sertanejos Milkau apreciava as ansias em que se via debatendo o seu espírito. A espontaneidade de graça a coragem e a bondade deles eram novos arrimos para a vida...

Nenhuma incidente perturbava o calmo viver de imigrantes e trabalhadores, até que uma manhã o agrimensor e os seus ajudantes, sentados à porta do barracão, viram uma mancha negra passar velejando majestosa sobre o céu claro.

Urubú!... disse Felicíssimo.

— Ah! temos carniça por aqui, opinou Joca indagando com os olhos atilados o vôo do corvo.

A grande ave solitária desce vagarosa, boiando negligente num vasto círculo do espaço, como um barco de velas negras. Logo depois outra subiu no horizonte e não tardou muito que outras mais viessem solar a simplicidade do azul. E daí

a pouco se ia balçando e restringindo a um ponto da mata o vôo dos infectos urubús que os trabalhadores acompanhavam curiosos e divertidos em suas almas infantis.

— Mas... ali, naquele ponto, é a casa do "bruxo", observou um dos homens, designando assim a morada do intratável e velho caçador que habitava aquelas margens do rio.

— Val ver que é algum dos cachorros que morreu... Também, que o diabo os leve a todos... praguejou o mulato.

— Que a peste os acabe... Malvados!... ajuntou outro.

— E mais o dono...
— Qual, para mim não morreu bicho nenhum. Se fosse, o velho o teria enterrado, como a um filho, concluiu Felicíssimo.

— Sim... e não haveria carniça.

— Quem sabe se não é o velho que está morto? conjeturou um trabalhador.

— Homem, é verdade... acudiu um camarada. Há dias que o não vejo...

— Quem sabe! também eu... declararam outros do grupo.

— Vamos ver, seu cadele? propôs Joca ao agrimensor.

E todos se levantaram e seguiram na direção da morada do caçador. Ao aproximarem-se, ouviram latidos e uivos de cães. Mais perto, quando descortinaram a casa, viram os cães ladrando, correndo como demônios doidos para os urubús que teimavam em balçar à terra. As aves negras rasqueavam quase o chão, e quando os

cães se arremessavam sobre elas esquivam e vôe e iam pousar logo adiante.

— Vocês não veem?... A carniça é o velho... gritou numa gargalhada alvar um dos homens.

— Que fedor! Este diabo está podre há muitos dias, berrou outro.

Instintivamente todos pararam, como num conselho.

— Então, seu cadete, que se faz? perguntou Joca ao agrimensor.

— Ora!... vamos a enterrar o velho... Deus lhe pardoe a alma... Nós lhe cuidaremos do corpo, disse decisivo o carenoso.

Os homens não hesitaram mais, agora inspirados pelo impulso de piedade de Felicíssimo, e todos caminharam para dentro do cercado. Vendo-os aproximar-se a matilha de cães abandonou os urubús e avançou como uma só massa, atrojada, furibunda, terrível, contra os homens. Aproveitando a diversão, os corvos caminhavam no terreiro, e numa dança macabra iam invadindo a casa num riso infernal, espichando voluptuosos as cabeças petulantemente de harpias descaídas.

Diante do arranco dos cães os homens fugiram, e na porteira da cerca os defensores da casa pararam arreganhando os dentes, ulvando, ladrando, as sanguíneas bocas escancaradas.

— Como podemos afrontar essa canalha!... perguntou um dos trabalhadores, quando já estavam fora do perigo.

— Joca, vá com outros buscar os ferros para darmos uma

lição àquela cachorrada... ordenou Felicíssimo, saboreando uma vingança.

— Vamos daí, disse Joca, e partiu acompanhado de mais dois.

Os outros ficaram atirando pedras aos cães, que, estacados na cancela, não se arredavam, furiosos e tremendo. Os urubús, descendo em maior número dos ares, continuavam em cortejo a penetrar na casa. Um hurriel e crescente fétido mesmo à distância tonteava os homens, dando-lhes ansias de vomitar.

— Oh! que demora, resmungava impaciente Felicíssimo esperando na estrada a volta de Joca. E ia gritando:

— Pedra, rapaziada! mão certa!

Os cães latiam, mostrando os dentes brancos e afilados... E os urubús continuavam a balçar do céu... Afinal, pela estrada vieram correndo esbaforescidos Joca e os companheiros carregados de enxadas, foices e pás. Cada um se armou, e Felicíssimo ordenou com entusiasmo:

— Agora, avança, meu povo! Os cães resolutos e raivosos precipitaram-se sobre a cancela, que, ao choque dos seus corpos unidos, se espantou, dando-lhes passagem; os cães não retrocederam e lançaram-se sobre eles, mordendo-os desesperadamente. Os invasores berravam na dor:

— Mata! mata!

E a pau e foice arremeteram-se contra os animais. Num momento estavam os agressores

todos rotos, e o sangue corria das feridas. E da peleja, umas vezes saía um cão gritando, ganhando, quando uma paulada certa e furibunda lhe quebrava as pernas, outras eram homens que, debandados, isolados, fugiam pelo terreiro perseguidos... Estes trataram logo de se unir, tragando com os instrumentos um círculo de defesa:

— Não afoxxem! ordenava Felicíssimo.

— Avança! avança!

— Para dentro!... para dentro!...

Recuarum os cães ante a energia do ataque; e correndo sumiram-se como por encanto. Os homens, indo-lhes no encalço, penetraram na casa, brandindo as armas... Mas entontecidos pelo cheiro sufocante, estacaram indecisos e apavorados diante de um quadro medonho. Dentro, os urubús comiam um cadáver humano que jazia por terra, o corpo do solitário e abandonado imigrante. Os olhos tinham sido devorados e as cavidades imensas e rubras escancaravam-lhe a testa. Alucinados em seu gozo satânico, os corvos, sem dar fé da gente continuavam a picar, a comer, avidamente, embebedados. Os cães, esquecidos de si, faziam frente aos invasores.

— Chô! Chô, canalha, atroou um grito de Joca, desesperado de nojo.

E num ímpeto de compaixão avançou para o cadáver para livrá-lo dos urubús. Agarrando-o pelas cancelas e pelas roupas, os cães o detiveram... Os camaradas acudiram prontos em sua defesa. Diante do alarido da luta, os urubús esburdoados largaram a presa e, abrindo as asas espalhando com o vôo ainda mais o fedor, incapazes de se afastarem daquela nauseabunda atmosfera, pousaram morosos, pesados, nas traves da casa, e aí se postaram fúnebres, medonhos, como testemunhas do combate dos homens e dos cães... Quando Joca conseguiu tocar o cadáver, recrudescer o furor das feras. Não temiam mais os ferros e os coqueiros e atacavam os inimigos, que se apossavam do um... Foi um devário; homens e animais se batiam corpo a corpo, se feriam, se despedaçavam, como num combate de doidos... Os homens estavam estracalhados e sobre as pernas nuas e brancas de muitos deles corria um sangue quente... Gulchando, os cães morriam, estorcendo-se como possessos e atirando-se sobre o cadáver do velho. Depois de muito tempo de luta, alguns trabalhadores puderam apossar-se do corpo e o foram carregando para fora, enquanto os companheiros os defendiam com um esforço arrojo. O resto dos cães ainda arremetiam contra eles, mas eram logo mortos... Os que ainda restavam, não esmoreciam e mais alucinados investiam. Um deles cravou as presas na coxa de um homem com tal fúria que este ficando-o com o ferro e tentando arrancá-lo com as mãos, não conseguiu. O cão cada vez mais se enterrava pelas suas carnes a dentro... Correu outro homem em seu socorro e com um certo e violento golpe de foice cortou o pescoço do animal; a cabeça ficou segura na carne da vítima e das artérias rotas jorrava o sangue...

Não havia mais cães a matar. O terreiro ficara negro de corpos decepados, mutilados, de membros esparsos. Os homens maltratados, doloridos, doitaram no chão o velho. Em revoada, os urubús vieram assanhados para o terreiro

(Continua na pág. 152)



VIDA — TRISTÃO DA CUNHA

lista, fosco, primitivo, ou sublime, porque cada homem representa, interpreta, produz formas cores ou harmonias íntimas, a música secreta da alma.

"Há sempre em arte esse segredo do artista, que é como a essência da sua obra... alguma coisa que não foi revelada, que está antes e nos leva para o que está depois. O que a arte exprime claramente é como uma ponte entre dois mistérios, o que vive profundamente na alma do artista e o que vem depois da obra de arte e não acaba nunca.

"Para o artista, os sons musicais da Natureza, os murmúrios do vento, o ruído das árvores, o canto dos pássaros, a música das águas, são tão sugestivos de emoções intelectuais como as harmonias de uma orquestra.

Nada o meu amigo aquele regresso à natureza, aquele parietismo artístico próprio de nossa alma contemporânea.

"Na Grécia os deuses, na Renascença o homem, nos tempos modernos a Natureza.

A propósito de amor, vai mais longe que o gênio da espécie. Recordo o símbolo platónico do Amor, e acompanha-lhe a projeção cósmica. O indivíduo não sente apenas o desejo irracional de se perder num corpo amado. Esta sede excede os limites da forma humana. A gente obedece, através do amor, ao chamado obscuro e imperioso da unidade universal.

Completando a página do "Baqueje", em que Platão aponta o desejo como a voz do ser humano primitivo, como o magnetismo da fusão sexual, diz:

"... a verdade última da existência do Universo foi descoberta um instante nessa teoria simbólica do amor. Platão percebeu que a busca do ser humano é a volta à unidade com todo o universo, de que a consciência metafísica o separa. Desde então há o grande raiço que é preciso preencher, o espaço vasto, o silêncio que é preciso atravessar, e sobre o qual dançam Eros, tentador sublime, índice da inconsciência infinita.

Lembra com Pascal que não andamos no mundo para outra coisa que não seja amar. E poderia ter lembrado com o Dante que Amor move as estrelas.

Espirito infinitamente variado, este unificador de sínteses desdobra-se num observador minucioso, e tal como outro não temos de maior agudeza. Há neste volume um curioso paralelo entre o ex-imperador alemão e o imperador Juliano, miúdas associações engenhosas que mostram como Graça Aranha é um dos nossos críticos criadores, à maneira de Nabuco.

Estudando a nossa psicologia, ao lado de energia britânica, da inteligência crítica francesa, do sensualismo artístico italiano, da metafísica germânica, coloca-se a imaginação brasileira, o que se chama a nossa "implacável sensibilidade", a qual é reflexo da prodigiosa natureza tropical, agindo sobre o espírito lusitano, nascido num

país pequeno, heróico e nostálgico, tentado pelo mar.

"Nos olhos, doces e tristes, das mulheres portuguesas, vê-se ainda a saudade das caravelas.

Esta melancolia cética, tendendo já afogado nas brumas oceânicas a tranquilidade mediterrânea do espírito latino, veio ao desvairar ante a grandeza inhumana da natureza tropical. E eis porque os nossos trabalhos por lhe resistir e pela domar foram admiráveis e silenciosos. E eis porque, aderente com justiça o escritor, tendo-a conquistado materialmente, deve o homem dominá-la espiritualmente, substituindo a metafísica delirante que lhe fora imposta por ela, a possessão estética onde encontrará o gozo da comunhão na clareza incomparável.

O Brasil cessará em dia de ser o ambiente da elegia para inspirar os acordes do hino dionisíaco à força, à beleza, à alegria de nascer, que ali sorri na irrimediável germinação da vida maravilhosa.

Quisera eu citar todas estas páginas, de excelente observação, e ao mesmo tempo um lido canto em louvor da nossa natureza luminosa, onde "ludo é música no silêncio verde".

Aqui muito convém lembrar que Graça Aranha é dos raros escritores brasileiros que amam o Brasil. Eu não falo dessa abstração verbal e artificiosa que opera nas arengas políticas, mas do Brasil físico, do Brasil humano, com a beleza das coisas e a gente natural. Enquanto Euclides da Cunha recordava a "sylva horrida", e o sr. A. Rangel evoca um inferno verde, Graça Aranha vê em nossa natureza um infinito tesouro de arte. Notou-lhe o silêncio, e sabe quanto este silêncio é cheio de vozes. Sua inspiração, que tem alguma coisa de vegetal pela força imprevisita e livre, lembra a cerrada opulência da nossa floresta. Tenho que isto se deve um pouco à distância, àquele benéfico afastamento sem separação, que é como a gravitação harmônica de um satélite, e substitui todos os acidentes da assiduidade pela saudade mágica.

E cuido que foi também esse desejo distante que ajudou a lhe ensinar achados como este:

"A suprema beleza do país deslumbra o homem nascido no seu mistério, enfeitado pelo seu quebra-mentos. Não estará nesse amor físico do homem e da terra o segredo do patriotismo brasileiro, que tem o sabor capitoso de uma união voluptuosa?"

Mas por nos faltar à gente essa comunicação com o meio físico, andamos tantos ainda a manipular laboriosamente certa literatura livreca e alheia à vida, que o meu amigo denominou uma vasta literatura de pedantes, voadora "estranhamente e sem esperança ao classicismo "bárbaro" dos portugueses".

"Nunca tais escritores se entenderam secretamente com as coisas de que trataram.

A esse esforço opõe Graça Aranha a liberdade de Alconar. "que desaprendeu a disciplina clássica e goza alegremente das primitivas da liberdade."

"Cada instante é uma nova afirmação do espírito

humano sobre a infinita matéria, e as relações se manifestam na fantasia das expressões felizes, novas, alegres de nascer...

Muita razão tem o meu amigo em reclamar a renovação das expressões, que é o único modo de manter viva a língua. Entretanto, aquela emancipação da disciplina clássica creio que está a pedir explicação, que não vá algum vadio supor que para bem escrever basta saber mal a língua. É indispensável estudar as formas clássicas, mas para possuí-las, não para ser possesso delas. É necessário criar novas palavras, pela razão que diz tão suficientemente o meu amigo. O arcaísmo vocabular corre os mesmos riscos que o neologismo — os do erro de gosto. Uma palavra esquecida quando é a voz de uma ideia da qual não se tem uma palavra nova. Esta é sempre legítima que nasce e aquela quando a de uma ideia que não morre. E não o regular é o gosto intelectual, que se não ensina e dificilmente se aprende. Por este modo foi clássico Machado de Assis, cuja precisão mental em nada lembra os exercícios fêrricos dos pescadores de sardinhas.

Considero Graça Aranha que, entre os espíritos desequilibrados no seu meio, Machado de Assis é a única exceção. Eu por mim conheço outras, e precisas entre as quais o próprio Graça Aranha. Segundo ele, Machado de Assis teria renunciado a reflectir o ambiente físico por não se ter podido aliar a natureza, fazendo-a servir aos fins artísticos.

Inteligência superior aos equívocos da arte social, faltou-lhe a Machado de Assis aquela sensualidade ultrahumana, aquela amoroso pantemismo que nos dera neste artista plástico. Foi o nosso moralista, no sentido dado a este ofício nos séculos de pensamento, a saber, homem que não moralizava nunca, e que se divertia dos homens.

"Machado de Assis é o nosso escritor livre. A sua fantasia é imprevisita, ele escrevendo, gozando o espetáculo. Os seus grandes livros foram escritos quando tinha os olhos inteiramente abertos, e por isso a sua pintura da vida é uma zombaria.

Mas Graça Aranha assinava perfeitamente as restrições impostas à visão do mestre pelo seu propósito pessimista e a sua miragem feminina. E que ele, no fundo, era também um artista, e sentia saudades da vida e do amor, que lhe escondera a sua excessiva atenção aos homens. Não tinha a vitalidade bastante rica para abranger tudo. Eis porque não nos deixou uma criação sintética, sorte que coube a José de Alencar. Este, nota o crítico, no "relâmpago de gênio que foi Guarani", fixou o ciclo da "formação nacional do Brasil, o encanto do português e do índio, de que nasceu a alma brasileira". E foi, observa excelentemente, o escritor integralmente brasileiro e americano, pois Gonçalves Dias não fez mais que submeter os temas indígenas ao ritmo clássico do seu espírito.

De coisas europeias, dá-nos Graça Aranha impressões finas e párias. Assim, fala sobre a "tristeza dos naturalistas" franceses, à qual opõe aquela recon-

quista da alegria, do pagantismo, do pantemismo, que a sinala as obras de Renouf, de Monet, de d'Annunzio, de Paul Fort, sobre o realismo de Velasquez, de raça portuguesa, em contraste com a exaltação mística e atormentada da pintura espanhola; sobre Rubens, o primitivo individualista, o que ensinava aos gênios da multidão a entrada do castelo da arte. De Flaubert entende que foi, com Goethe, o criador incomparável. Mas esquece Shakespeare, o principal. É uma trindade, Dantes da morte de Renan, mas quer-me parecer que nisso vai um pouco longe. Estará Renan bem morto? O filósofo, o pseudo sábio, talvez: a quem o meu amigo censura com razão o virtuosismo metafísico, a delectar-se em disputar da ordem da do livre-arbitrio, isso, ao tempo de Taine. Mas há ainda o artista, o moralista. É certo que neste momento passa por um eclipse. Nós estamos vivendo dias terrivelmente pragmatistas e afirmativos, e nestes pouco lugar podem ter as atitudes intelectuais como a sua. É essa, de resto, a sorte da morte parte dos escritores. A clareza de dos espíritos é uma claridade lunar, cujo ciclo comporta certos prazos de ausência e quase de óbito entre os homens. Renan deixou de ser da hora presente, mas as horas mudam. A sensibilidade humana é giratória. Há nele um humanismo, uma graça amável perante a vida, uma harmonia de dizer, que provavelmente o impedirão de sumir-se. Acho também Graça Aranha cruel com Nietzsche, a quem associa por demais aquela espessura germânica, cujas culpas não bem nota o autor de Zarathustra. É certo que este não acentua de si toda a poeira russa. Mas se carrega ainda aos pés um pouco do solo áspero, não esqueçamos que soube voar bem alto com ele.

O meu amigo não morre de amores pelo sr. de Cuvél, e quem não perdoa o ser o "gênio dos meio-cultivados e dos meio-sábios".

Toda a filosofia tem o seu reflexo prático. As conclusões éticas desta encontram-se de Spinoza. Eis porque, como Spinoza, prega a Alegria, esse "estado superior da alma". E com tal far-se encontram ambos com o senhor São Francisco, cheio de graça. Eles sabem que na alegria está a simpatia, a qual reúne os homens, para os levar à unidade. A sociabilidade é um aspecto da eufimonia total. Esta moral é nobre. No dia em que os espíritos houberem alcançado a harmonia estética, o homem poderá dispensar as andadeiras puras a que se arrima neste vale de consúcio. Será firme de pés e caminhará pelas alturas. Tais são as deduções normativas da filosofia estética.

A obra de Graça Aranha é bem o reflexo da sua atitude perante o mundo, a flor e o fruto de um pantemismo cordial. Sua crítica é positiva e lenta de pessimismo ou malícia, e não aponta as faltas senão por lhes indicar confiadamente o concreto. É rico de sugestões ditosas, obedece àquele "grande amor, que reclamava o gênio da "Gaia Ciência". Seu estilo, de uma grandidade amável, distingue-se pela força da invenção e da expressão. Não é mais que lhe percorrer algumas páginas e logo encontramos desses trechos de ouro, acaso numa simples frase, que são como o pré-

mo lapidário de longos trabalhos silenciosos.

Não resisto ao gosto de transcrever alguns. Em "Malabarite":

"Os meus pensamentos são espectros, eles saem da sepultura onde entrou para sempre a minha inconsciência.

"Oh! esplendor da natureza!... Nesse corpo vive toda a natureza e por ele eu me sinto em comunhão profunda com as coisas.

"A mentira é mais verdadeira que a verdade de toda a gente. Tem mais vida, mais sangue, mais cor. Vale mais do que a verdade, porque representa as coisas que deulam ser, e não são, por culpa nossa.

"A água está na origem de tudo. Desce dos céus e torna a voltar das profundezas da terra, e gera as nuvens errantes. Corre sobre a face do mundo, que ela embelleza, e das entranhas da vida sobe aos olhos dos homens para os consolar.

"Eu vi o sol iluminar o mundo, o vento refrescar a terra, e o mar como um desejo de amor.

Na "Estética da Vida":

"Para o artista grego o homem é um deus, que desceu à terra. Para Rodin o homem é um animal que vem da natureza e sobe da gorila.

"A terra brasileira eleva-se numa ascensão espiritual. Sente-se em cada pensamento a inspiração de um grande destino. A energia cria a miragem, que por sua vez se torna o animador da vontade. O Brasileiro vive o poema da existência.

"Este momento do Brasil reclama o máximo de instrução e de ciência, que Herberto os homens da barba americana e da servidão europeia.

"Cristo e Rousseau são os dois acidentes mais extraordinários na história do espírito humano. A influência de Rousseau no Ocidente só foi encadida pela do Cristo. O Cristianismo transformou o mundo... E a sensibilidade de Rousseau se tornou a da humanidade por mais de um século... Rousseau renoua a grande alavanca do futuro do passado: a igualdade.

Podia continuar a citar, e iria longe. Eu tenho que Graça Aranha é propriamente um espírito genial. De outro não sei em nossa literatura presente com tanta energia criadora. Do ponto de vista da arte de escrever, sua obra poderá parecer desigual, alguma vez pobre ou inacabada. É o preço quase inevitável de tudo quanto traz grande coisa de vida nova. Mas o turbilhão do seu pensamento jorra de fontes profundas, e sobe alto dentro do céu. Muita vez também derrama-se amorosamente pela terra, onde nos revela formas claras e doces. É original, tu multuoso, vulcânico, dotado de juventude perpétua. Conseru o entusiasmo, a possessão dionisíaca. É um dionisíaco, à maneira de Nietzsche, e como este, um pensador musical. Faz dançar ao sol as miríades de moléculas intelectuais que leva consigo. Não contentará a todos. Poderá mesmo descontentar para os livres espíritos e para os artistas.

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES

Carta de Graça Aranha a João Ribeiro

7, av. Piabanha, Petrópolis, 2 de fevereiro de 1903. João,

Jan. Piabanha Petrópolis 2 de fev. 1903

Perde tempo a trabalhar

Sim. Também já comecei a trabalhar no teu vinha... Ontem mesmo remexi um pouco o terreno, mas não sei o resultado. Procurarei fazer furos por outro lado. O diabo é que não tenho bem vivo, esse sentimento de minar, que é o fundo de toda a intriga. Falto-me o instinto do tatú. Que triste coisa, meu amigo, a verdade. Tenho aqui vivido muita fora dela, numa doce mentira, num grande êxtase. Faço coisas inúteis, e por isso profundas e solenes. Vem daí um instante. Dá-me umas horas de filosofia e mesmo do teu terrível sarcasmo. Por ele terei a realidade dolorosa.

João,
também já comecei a trabalhar no teu vinha... Ontem mesmo remexi um pouco o terreno, mas não sei o resultado. Procurarei fazer furos por outro lado. O diabo é que não tenho bem vivo, esse sentimento de minar, que é o fundo de toda a intriga. Falto-me o instinto do tatú.

Vem com teu filho para encanto da minha. Petrópolis é amável e nos abraça com os seus copiosos aguaceiros. Então não vale a pena? Há também dias de sol em que não há cor e dias encobertos que são esplêndidos de nuvens. Tu conheces isto. Só tem de grande a solidão... e isto mesmo é limitada, como o vício humano. É preciso olhar para dentro.

Vem com tua filhinha para encanto da minha. Petrópolis é amável e nos abraça com os seus copiosos aguaceiros. Então não vale a pena? Há também dias de sol em que não há cor e dias encobertos que são esplêndidos de nuvens. Tu conheces isto. Só tem de grande a solidão... e isto mesmo é limitada, como o vício humano. É preciso olhar para dentro. Minha mulher manda muitos lembranças à tua senhora. E eu fico esperando-te correndo, meu querido João. Teu Graça Aranha.

Minha mulher manda muitos lembranças à tua senhora. E eu fico esperando-te correndo, meu querido João. Teu Graça Aranha.

João Ribeiro

GRAÇA ARANHA — João Ribeiro

Nesta manhã ao tomar da pena para cumprir o "meu dia de luta" abro os jornais e tenho a dolorosa notícia da morte de Graça Aranha. Foi para mim uma triste surpresa. Não acreditei que estivesse perto do fim aquele gentil espírito que sempre sonhava com o futuro e que via realizado aquele seu quase princípio de que o brasileiro devia ser um revolucionário perpétuo. A revolução devia ser para todos nós o pensamento único e o nosso pão cotidiano. Embora a "Viagem maravilhosa" fosse um cântico à revolução, eu nunca aprendi aquela sua oração dominical. Conservador de todos os costumes, quase pé de boi, e agora velho de mais para as flexíveisidades do dinamismo, sempre

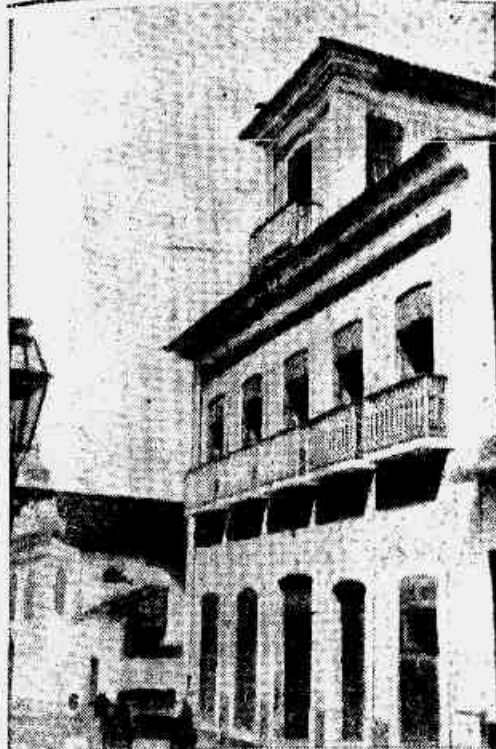
busquei conciliar o velho e o novo e converter as astinomas filofólicas. Graça Aranha era todo novo em qualquer momento. Na Academia, para ela entrou a erudição sem ter escrito um livro como o pediam os estatutos. A verdade porém é que todos o queriam lá dentro, Machado, Nabuco, José Veríssimo, os melhores da companhia. E a esse prelúdio de glória literária respondeu Graça Aranha com o romance de "Canadá". Fomos amigos desde antes dessa demonstração para mim inútil que conhecia o seu vigor de espírito quando podia dá-lo e entretenimento de todos os dias. Mais tarde saiu Graça Aranha para a diplomacia. Ainda o tornei a ver em Londres em

1901 no lado de Nabuco que era o ministro e dos secretários Domicio da Gama, Gurgel do Amaral e Cardoso de Oliveira que, todos, acabaram embaixadores. Abida o tornei a ver em 1914 em Geneve, no ano da guerra em que ele teve parte de intelectual no entusiasmo (de que eu não participava) que mobilizou os numerosos aliados contra a Alemanha. A França, disse um observador, venceu por submissão. A verdade, porém, a mim sempre me pareceu que era a Inglaterra a instigadora da grande catástrofe mundial. A França fosse a vítima expiatória. Hoje renasce a compensação

pelo menos na esperança da paz problemática. Graça Aranha tinha grandes sensibilidades de espírito e de coração. Foi apologista dos teutões em "Canadá", como Ilex foi depois inimigo acerrado. Foi um dos glosadores da união luso-brasileira para recuar logo depois desse propósito irrealizável. Tinha sido acadêmico exemplar no tempo de Joaquim Nabuco para depois apregoar a morte da Academia, fossilizada e enterrada no cemitério dos clássicos e do dicionário e na quersão dos novos ideais da literatura. A Academia não reagiu e nem devia reagir. As coisas continuaram como antes: foi ele convidado por mais de uma vez a voltar ao cenáculo. Os seus amigos, como eu, assás numerosos continuaram a consagrar-lhe a antiga estima.

Ele, porém, não voltou. E já agora a morte abre a porta do seu lugar vazio entre os companheiros. O temperamento de revolucionário permanente impedia-o de sentar-se na cadeira que tanto honrou e ilustrou recebendo a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco, o que bastava para expressar a fidelidade ao princípio primordial das nossas letras. Hoje que todos declinamos a sua morte, em cogitar de pequeninas e inuteis atividades literárias, o seu espírito paira na saudade serrana das nossas admirações. Quanto a mim peço um grande e suave amigo, porque para mim a grande feição psicológica de Graça Aranha era a sua enorme ingenuidade e boa fé. 27, Janeiro.

A CIGANINHA — Graça Aranha



Casa de N. S. de Nazaré, rua do Egito, S. Luiz do Maranhão. Ali fez Graça Aranha o seu curso primário



Graça Aranha aos cinco anos de idade



Um retrato de Graça Aranha, na época em que ele escrevia "Canadá"

Quando Milkau partiu, o juiz ficando só, rismava em tudo o que acabara de encontrar detidamente, nesse mundo a transformar-se, nessas ânsias para novas e mais belas expressões da vida, nessa esperança luminosa e feticheira... E, apesar do deslumbramento do visão, as atribuições do momento nenciam-no.

— Tudo desmorona em torno de mim. Já ninguém aqui se entende, e não tarda que eu mesmo seja estranho a tudo e nada mais sinta de comum com aqueles que são os homens de minha terra... O que me resta é ainda este sossego da família, este amor de mulher que me conforta, e esta criança que nos rejuvenesce, enquanto lá fora tudo vai desabando.

Não ouvindo mais rumor de conversa no escritório do marido, a mulher de Paulo Maciel entrou aí discretamente, como tinha por hábito todos os dias antes do jantar. Era esbelta, magra e ainda muito jovem. A palidez brasileira, doentia e diáfana, dilatava-lhe os olhos negros e lascivantes. Sentou-se no seu lugar de retiro e daí, arrancando o marido das cismas em que estava, foi-se reclinando suavemente para ele. Maciel, eternamente fascinado por ela, acobrou-se, e seu demora esquecido de suas devandadas angustias e debeis revoltas, foi em sussurro entrefecendo com a companheira, como em atos de brande e macio cabelo de mulher, uma doce e infidua conversação. A noite vinha vindo, avançando e estendendo-lhes em silêncio os braços cheios de ternura misteriosa, e tudo foi uma voluptia, casta e sutil.

Mas não tardou que passas mudos e velozes or sacudissem desse vaporoso adormecimento, e logo invadissem o aposento a figura em desorden de uma criança. Trazia na faces vivas e acesas, tremia-lhe o narizinho; os cabelos vinham debandados, e pela testa corria um suor gelado. Coiu nos braços da senhora, vibrando, abafada:

— Mamãe!
— Esta, aflita e estupefacta, olhando-a sem ver, reconheceu-lhe a ansiosa o corninho.
— Glória! Glória! murmurou.

O marido chegou-se a ela, e tomando-lhe uma das mãos, beijou a criança.
— Sosseguem.

Esta palavra foi dita varonilmente e trouxe lágrimas à mulher, como uma reacção de alento, e Glória, a criança, enterrou mais a cabeça no colo onde se agasalhara. Neste momento entrou no aposento a criada, que, agitada, começou a explicar a angústia da menina, constituindo com largos gestos e grandes vozes, quito numa algararia, um episódio da rua. Passavam ambas, quando uns imigrantes mendigos se acercaram delas, pedindo esmolas. Algumas mulheres do bando desejavam com mãos descaradas apossar-se das joias da menina, e uma mais ouvida beijou-lhe o rosto; e enquanto forçava por tirar-lhe a pulseira, o filho arrancou-lhe o laço de fita, correndo numa gurgalhada de triunfo. A criada defendera Glória, repellido o grupo com o chapéu de sol, mas a sua energia tomou correspondera uma zozeria desbrandada. Se não fosse a intervenção de dois homens que passaram, a luta não se terminaria logo. Mal puderam escapar, partiram devairadas para a casa, no meio de imprecações de fúria.

Durante a narração, a moça segurava a menina pela cabeça, beijando-lhe frequentemente os amortecidos olhos de sonda-bida. Paulo Maciel, para diminuir nesta o natural e inextinguível horror aos pobres, tentou distirçar o acontecimento, sorrindo daqueles sustos. A

criança encarou-o indelicada. O mirá-la; voltou à senhora que ensinava a chorar:

— Mamãe, não chora. Você tem tanto dinheiro... Você não aperta... Não é, papai?
Fazia-se escuro. A criada lardava em trazer o candieiro. No completo repouso da casa, a sombra que abafava os últimos clarões da luz, a figura e as palavras de Glória, como a imagem e a voz de um passado horrível, que ressurgia em meio da felicidade, tinham aves de maníofros. E ainda assim. Maciel gozava um abrande e requintado prazer intelectual naquelas tenebrosas visões da criança...

— Você não era assim, mamãe, como agora, boa para mim. Eu não tinha bochecha, não tinha criada; nem cama! Andava suja. Não era? Você não tinha vestido bonito, não tinha dinheiro, não tinha anel?... Tinha uma pulseira que aquele moço lhe deu... Papai ficou zangado, você apertou muito, hein, mamãe!...
A pobre moça desalentada parecia ver lágrimas no rosto do marido.

— Depois, um solugo histérico, outro, mais outro, sucedendo uma modorra interrompida de instante a instante pelo estalar de suas garatinhas arredadas aos pulsos da senhora, que tentava inutilmente adormecê-la. Os seus sentidos salam do pesadelo numa dolorida expressão de susto e de fadiga. Levantou a cabeça, fitou os outros com um sorriso leve, melancólico, que traduzia uma mansa agonia, rudimentar, inconsciente, a indizível lriatza das almas rudes, primitivas ou infantis. Moveu os lábios como quem ia falar, e os dois esbararam, em ábilta transformação de alívio, a sua voz.

— Ah! nós também fomos como eles, hein, mamãe! murmurou Glória, brandamente.

A mulher de Maciel a principio não percebeu toda a extensão daquele pensamento, mas do pouco que compreendeu, ficou aterrada. Maciel que estava e ler, deixou cale o livro, e enfiou olhos agudos na menina.

— Sim, mamãe, há muito tempo, longe, noutra terra. Nós andávamos na rua toda a hora, dormíamos na rua, você me carregava, quando eu não podia mais; papai me dava tanto...

A sua fisionomia transfigurava-se com essa recordação, e, em êxtase, roitada para a janela, parecia buscar dias passados. Os outros cisamavam.

— Você se lembra quando a gente não tinha que comer e ia pedindo dinheiro? Você me batiscava para eu chorar e me empurrava dentro das lojas para pedir comida...

— Glória, disse Maciel, que tolteas são essas? Não faleis nisso...

A menina moveu para ele o rosto. Queceu-se um momento calada, obedecendo à intimidação. Ouviu-se um grande suspiro. Mas, daí a pouco, como que irresistivelmente:

— Ah! que frio fazia lá. Aqui não se treme, não cai neve. Por que, mamãe?... Você se lembra daquele chapéu que você tirou do menino na rua e me deu? Ih! correram atrás de nós, não foi, mamãe? Mas nós nos escondemos naquela casa escura, e eu fiquei com o chapéu bonito...

— Glória! Glória! teve a moça forças de exclamar.

Paulo Maciel levantou-se convulso, tomou-a ao colo e mostrou-lhe uma estampa, que tirou precipitadamente do armário.

— Que bonito! não se conleve a criança. Me dá, papai?

— Dou, se não disseres mais tolteas.

Ela pagou-lhe com um beijo. Voltaria à realidade o seu espirito desanubiado das nevoas que o envolviavam? pensou Maciel. E pousou Glória no chão com a gravura. A criança, porém, pouco se demorou em ad-

mirá-la; voltou à senhora que ensinava a chorar:

— Mamãe, não chora. Você tem tanto dinheiro... Você não aperta... Não é, papai?

Fazia-se escuro. A criada lardava em trazer o candieiro. No completo repouso da casa, a sombra que abafava os últimos clarões da luz, a figura e as palavras de Glória, como a imagem e a voz de um passado horrível, que ressurgia em meio da felicidade, tinham aves de maníofros. E ainda assim. Maciel gozava um abrande e requintado prazer intelectual naquelas tenebrosas visões da criança...

— Você não era assim, mamãe, como agora, boa para mim. Eu não tinha bochecha, não tinha criada; nem cama! Andava suja. Não era? Você não tinha vestido bonito, não tinha dinheiro, não tinha anel?... Tinha uma pulseira que aquele moço lhe deu... Papai ficou zangado, você apertou muito, hein, mamãe!...
A pobre moça desalentada parecia ver lágrimas no rosto do marido.

— Depois, um solugo histérico, outro, mais outro, sucedendo uma modorra interrompida de instante a instante pelo estalar de suas garatinhas arredadas aos pulsos da senhora, que tentava inutilmente adormecê-la. Os seus sentidos salam do pesadelo numa dolorida expressão de susto e de fadiga. Levantou a cabeça, fitou os outros com um sorriso leve, melancólico, que traduzia uma mansa agonia, rudimentar, inconsciente, a indizível lriatza das almas rudes, primitivas ou infantis. Moveu os lábios como quem ia falar, e os dois esbararam, em ábilta transformação de alívio, a sua voz.

— Ah! nós também fomos como eles, hein, mamãe! murmurou Glória, brandamente.

A mulher de Maciel a principio não percebeu toda a extensão daquele pensamento, mas do pouco que compreendeu, ficou aterrada. Maciel que estava e ler, deixou cale o livro, e enfiou olhos agudos na menina.

— Sim, mamãe, há muito tempo, longe, noutra terra. Nós andávamos na rua toda a hora, dormíamos na rua, você me carregava, quando eu não podia mais; papai me dava tanto...

A sua fisionomia transfigurava-se com essa recordação, e, em êxtase, roitada para a janela, parecia buscar dias passados. Os outros cisamavam.

— Você se lembra quando a gente não tinha que comer e ia pedindo dinheiro? Você me batiscava para eu chorar e me empurrava dentro das lojas para pedir comida...

— Glória, disse Maciel, que tolteas são essas? Não faleis nisso...

A menina moveu para ele o rosto. Queceu-se um momento calada, obedecendo à intimidação. Ouviu-se um grande suspiro. Mas, daí a pouco, como que irresistivelmente:

— Ah! que frio fazia lá. Aqui não se treme, não cai neve. Por que, mamãe?... Você se lembra daquele chapéu que você tirou do menino na rua e me deu? Ih! correram atrás de nós, não foi, mamãe? Mas nós nos escondemos naquela casa escura, e eu fiquei com o chapéu bonito...

— Glória! Glória! teve a moça forças de exclamar.

Paulo Maciel levantou-se convulso, tomou-a ao colo e mostrou-lhe uma estampa, que tirou precipitadamente do armário.

— Que bonito! não se conleve a criança. Me dá, papai?

— Dou, se não disseres mais tolteas.

Ela pagou-lhe com um beijo. Voltaria à realidade o seu espirito desanubiado das nevoas que o envolviavam? pensou Maciel. E pousou Glória no chão com a gravura. A criança, porém, pouco se demorou em ad-

A vida interior das obras de arte

Graça Aranha

Libertador e construtor, o espírito moderno sabe que há uma unidade essencial e infrangível entre todos os seres, os organismos, que por sua vez são órgãos do Todo universal. Uma obra de arte é organismo distinto dos outros organismos, mas por sua vez ela é órgão do pensamento, da emoção, da vida total. Ligar estes organismos particulares ao organismo universal é o senso oculto da cultura. A obra de arte deve ter uma vida interior em relação com a vida exterior, de que faz parte integrante.

Adeus a Graça Aranha - Ronald de Carvalho

"Graça Aranha. Não estamos aqui, congregados em torno da tua imagem humana, que desaparece para sempre dos nossos olhos, para dizer-te adeus. Tu nos deixaste a desprezar a melancolia. Tua voz, que foi a última das nobres vozes de uma geração viril, que herdou de Tobias Barreto a disciplina do livro e amou e aprendeu com Joaquim Nabuco a julgar o mundo sem grita nem desespero, tua voz foi uma exaltação de perpétua alegria.

Nós estamos aqui para chamar a morte de um grande homem. O gênio concedeu-te o milagre da duração e da eterna presença. Pela força da tua energia criadora, ninguém está mais vivo, neste momento, ninguém estará mais vivo, pelo tempo adiante, neste Brasil novo que aditivamente, anunciaste, quando tudo era ainda crepúsculo e desesperança, neste Brasil que palpita nas raízes da tua obra e cuja aurora, mercê do teu raticínio, ratou sem surpresa para nós.

Tua inquietação infatigável, que espantou Bergson, tua imaginação prodigiosa, onde Biotroux descobriu cimos de estranhas luzes, teu heroísmo intelectual que fascinou um ser geométrico, a exemplo de Barrés, e uma raivada fúria como Clemenceau, não esmoreceram até o derradeiro instante, não recuaram, diante do inimigo, que te surpreendeu, bravo soldado da idéia pura, de armas

na mão, face voltada para o desconhecido e para o mistério. A paixão do espírito foi o teu único amor. Por isso não envelheceste. Por isso, eras e és o mais jovem de todos nós. Mas não amaste o espírito, como simples substância metafísica, como sibitina categoria de filósofo.

Amaste o espírito como um instrumento generoso de ação. Por esse amor, ninguém sofreu tanto como tu, meu amigo imortal. Mas não repeliste a zombaria com o escárnio. Não te vingaste das injectivas e das humilhações com a medrosa ironia dos sofistas. Venceste sempre pelo entusiasmo, por um entusiasmo virginal de criança, que se refazia da infância e da crueldade, inventando o mundo, a cada passo, como o teu "Malacarte", jogando com as aparências universais.

Há uma palavra que condena-te. Permite, porém, que eu a empregue aqui. Temos saudades de ti, Graça Aranha. Mas nós te prometemos, nós que formamos a Fundação Graça Aranha, nós que estivemos contigo até o terrível momento, e guardamos ainda o teu riso rumoroso e gigante e o teu olhar direto e penetrante de Mestre, nós te prometemos fazer da tua saudade uma perene lição de confiança na vida de fé no espírito de renovação do Brasil.

Graça Aranha, estamos sob o teu comando".

CONVERSA LITERÁRIA

O último número da "Revista Brasileira" (56º fascículo) traz uma jóia do mais fino lavor literário. É um contozinho de duas páginas apenas, assinado por nome de mulher, que nos parece pseudônimo — "Flávia de Amaral".

Intitula-se "Nevoas do passado"; e quanto delicioso pela novidade, singeleza de estilo, delicada fragrância da frase, sem nenhuma pretensão ou sinal de esforço.

Cena rapidíssima, de adornevel simplicidade, porém de imenso fundo filosófico, a rasgar de súbito horizontes tão vastos quanto desoladores; facto necessariamente verdadeiro, pois só de uma observação sincera é que pode emergir tanta intensidade de sentimento.

Marido e mulher num gabinete de estudos. Grande calma, repassada de "um quê" de volúpia, na intimidade de dois seres que se amam ainda profundamente apesar dos tempos decorridos juntos.

De repente, entra a filha, histérica, nervosa, assustada, balbuciante. Acabara de passar por um grande terror. Uns ciganos haviam querido despojá-la de uma joiazinha, saiva, porém, pela energia da criada que a acompanhava.

Buscam os pais quietá-la; não conseguem. Continua o sobressalto.

Dai vem a reconstrução de um passado que deixa marido e mulher, bem como o leitor, pasmos, compungidos...

Por que é que haviam tido fim os tempos de miséria, fome e sofrimentos? Outrora, em época já muito distante, também os três, pai, mãe e filha, andavam como aqueles boémios, a vagar pelas ruas e praças, maltrapilhos, famintos, repellidos por todos, mendigando chorando ou buscando alguma coisa que furtar.

Não raro a mãe se entregava a rapazes adventícios; o pai a esbordona cruelmente, mas em seguida tirava-lhe o dinheiro que podia encontrar, não obstante a resistência oposta.

Que horror! Que cenas terríveis e nojentas!

Por que, porém, tudo isso se transmudara de chofre, sem transição? Como se havia substituído a riqueza, o sossego, a segurança do futuro a dores tantas e tamanhas vicissitudes?

O momento de ansiedade toca a pungente angústia. Na verdade, que pais são esses, tão indignos e batidos do infortúnio no passado, quanto agora serenos e... Que mistério que! Não mente, por certo, a pobre... possível que a imaginação de uma criança ideasse todo o acervo de degradações e misérlas, aliás, tão comuns na vida dos enfeitados da sorte.

As últimas palavras do conto dão-nos a chave de tudo, admirável resumo de uma situação moral, ainda não explorada — erio eu — em literatura.

"A nossa caridade amorosa colhe frutos amargos. Há dois anos, num grande desespero de infecundidade, abrimos o coração àquela filha de uns menérgos espanhóis. E agora, de suas células obscuras e implacáveis, surgia diante de nós, como um castigo, uma existência de outros, um passado albeio!"

Não é tão belo e original?

ANTENOR.
(Visconde de Taunay)

("Cidade de Campinas", 21 de abril de 1897).



Graça Aranha num retrato dos últimos tempos de sua vida



Graça Aranha lendo em seu gabinete de trabalho

A estética de Graça Aranha

D. MILANO

Graça Aranha procedia por "belas frases", belas mais pelo espírito do que pela forma. Não há nele a tortura da palavra, mas a felicidade da expressão: "A grande fatiabilidade do espírito humano foi ter percebido o espeláculo universal"; "Aquela que sabe que o seu ser não é permanente, mas uma simples aparição do nada, que se transforma indefinidamente, vive na perpétua alegria"; "A concepção estética do Universo é a base da perfeição".

Assim Graça Aranha resume toda a sua filosofia numa atitude estética diante do universo, admirando seu camarilhismo, erendo sem desconfiar, compreendendo ou procurando compreender sem martirizar a faculdade analítica. Esse era um método de conseguir a "perpétua alegria". Ao contrário de Schopenhauer que punha em dúvida a verdade de qualquer filosofia que não tivesse as suas raízes afundadas na terra árida do pessimismo.

Vencer o terror do universo e assumir uma atitude estética diante do caos, eis o seu ensinamento, belo de um modo geral, mas inconsequente como conceito filosófico. Ele diz: "O efeito mágico do sofrimento moral é o de criar a consciência, que nos explica a nossa separação do universo, que nos confina no nosso próprio ser, que nos faz sentir o Infinito, que nos dá a divina tentação de desaparecer para sempre no Todo universal". Eis um modo de ser todo pessoal, uma aciação da morte quase uicida, um modo simpático de tratar a desgraça, que me faz lembrar o homem Graça Aranha, a sua complacente dignidade que com um sorriso desarmava qualquer inimigo. A aproximação da morte, ele devia ter sorriso carinhosamente ao receber em seu apartamento a esguia dama que iria ser daí por diante a sua eterna companheira.

Como orientador de uma geração, papel bem a feição de seu espírito, ele não trazia uma idéia nova, mas um entusiasmo novo, talvez mais eficaz. Tudo nele respirava uma felicidade,

uma alegria harmoniosamente composta, produto de acção, de compreensão, de simpatia humanas. Não havia nele "revolta" (não obstante - famosa sessão da Academia de Letras em que abandonou os seus pares, carregado em triunfo por um grupo de jovens) não havia nele "revolta" como em outros líderes que, sob uma influência futurista mais tarde negada, queriam arrasar tudo, museus e bibliotecas, como macacos em loja de louças. Violências só imaginárias felizmente e que não passaram dos gestos mais ou menos aceitáveis de rasgar gramáticas portuguesas e quebrar o verso duro em mil pedaços.

Graça era um construtmo. Suas razões anti-acadêmicas eram outras que não a manifestação simplista de um populismo bruto, então em voga, e de um combate analfabeto à cultura secular. Isto se vê pelo seu respeito solene à beleza, ao ideal de arte; o contrário, na verdade, da atitude modernista de então, em que se fazia a desmoralização da arte e da poesia, e nisto residia o seu livro encanto. Lemos o seu altíssimo conceito de poesia: "Pela evocação do abstrato e do indistincto (então só se fazia poesia "objetiva"), nenhuma arte é superior à poesia, que nessa sugestão profunda e vaga toma a sua verdadeira essência. Planície assinalou essa força mágica de transposição particular à poesia, que "exprime em geral toda a ação que faz por ser uma coisa do não-ser no estado de ser". "A poesia começa onde a arte acaba".

Tão apurado gosto era contrário ao espírito da época que timbrava em ser escandalosamente anti-estético. Um "estético", tipo que Graça Aranha personificava singularmente, tinha de ser combatido pelos tupinambás modernistas com suas plumagens de índios decorativos, inimigos da Grécia e da tradição clássica, em nome de um regionalismo e de um ineditismo que foram mais tarde de bem modestas consequências.

Criara, assim, Graça Aranha (Continua na página 139)

Correspondência de escritores

CARTA DE PEDRO AMÉRICO A GRAÇA ARANHA

Graça Aranha OTIMISMO BRASILEIRO

Manuel Bandeira

Graça Aranha

(da Academia Brasileira)

Florença, 11 outubro 9. 2. -
36 via Pier Capponi.

Como Sr. Sr. Graça Aranha.

Duol que meu jeito começa, mas
sem carta para mim, e se referiu a
meus Amigos em Londres, e que este
e por em contato intelectual com
o futuro pintor de Avelar por meio das
luminosas páginas do *Choucrian*, e ainda
depois pelo retrato que lhe mandou de
presente, e grande o meu desejo de
conhecer pessoalmente o Mestre Compositor
a quem hoje me dirijo com a liberdade de
sympathia e do apelo.

Sabe que estou bastante incomodado
do estomago, mas que se ocha rentabilidade
em Paris, talvez com perspectivas de ir
para Roma.

Não tenho casa para o receber digna-
mente, porém é effectivamente meu,
e não pedir-lhe que passe por esta
cidade. Tranquilla Cidade, onde com
muito prazer o acompanharia a ver
o que foi possível em uma rapida visita,
e onde fico desayando. lhe saudos e felic-
dade.

Cicera por a mim e a minha mulher
ao pé da *Exp. sua Senhora*, e acatou
um cordial aperto e meo do

J. V. de
not' affet' patricio ad' rto
Pedro Americo

"Cicera" de uma carta de Pedro Americo a Graça Aranha



Heloisa Graça Aranha Rosa e Silva, filha de Graça Aranha. Morreu nesta capital em 1936. Na fotografia, ela traz ao colo o filhinho Aluizio

Graça Aranha morava ultimamente num arranha-céu da Praia do Russel, em frente a estátua do almirante Barraco. Estive lá na manhã de 27 para visitar-lhe a câmara ardente. A sua casa era de um conforto simples, claro, geométrico e correspondia bem àquilo que eu que o levava para as formas plásticas mais abstratas e mais despojadas do elemento pitoresco. Nenhum luxo senão a arte, que o não era para o seu espirito que só dela se alimentava. O ambiente era inteiramente modernista. Só se encontraria de antigo naquelas paredes alguns retratos de antepassados ou de amigos já desaparecidos (Nabuco) e por trás da cabeceira da cama uma pintura representando a velha mansão colonial de Felipe no largo do Botafogo. Tudo o mais eram quadros de Ismaelovitch, Cicero Dias, Di Cavalcanti, De Garo e outros novos, fotografias de casas de Le Corbusier, de criações plásticas populares (esculturas pobrezinhas de Garanhuns) nas quais se encontra o mesmo carater da arte culta de vanguarda.

Aquela hora ainda matinal havia pouca gente a lhe vejar o corpo. Renato de Almeida e d. Eugénia Alvaro Mureyra lá estavam e me contaram como o linhão deixado na véspera, depois de 10 horas da noite, b e m disposto, alegremente ocupado com a divulgação dos primeiros prémios da Fundação que tem o seu nome. Três quartos de hora depois ambos recebiam em suas casas o telefonema afilto que anunciava o ataque súbito e quase fulminante do edema. O destino foi generoso para com ele, poupando-lhe as degradações do fim lento, matando-o numa hora de alegria, daquela alegria que ele queria para base estética de toda arte.

A mão de sua neta, neta também de Rosa e Silva, levantou para mim e para Rodrigo Melo Franco de Andrade, o lenço que lhe cobria o rosto. Estava um pouco mais magro. Tinha a palidez de todos os mortos. Estava belo. Integrado não na perpétua alegria, que a alegria afinal é agitação e criação do espirito, no seu caso aparência e jogo pueril de arte, — integrado na perpétua serenidade. Fraquezas que porventura haveria no homem tinham desaparecido daquela máscara de impressionante nobreza. O homem fora belo, mas o morto estava ainda mais belo. Assim a morte nos ensina a nobreza da matéria, descomposta às vezes pelo tumulto vão do espirito. A morte dava ali a Graça Aranha o de que sempre senti falta em sua obra por tantos títulos magníficos: a serenidade, a interioridade. O que ele procurou sempre e cada vez mais, a proporção que lhe aumentava a idade, foi o entusiasmo e a alegria. O seu último livro testemunhava um estado de verdadeira re-adolescência.

Nunca fez parte do grupo de amigos e discípulos de Graça Aranha. Aliás, não havia propriamente discípulos de Graça Aranha. O movimento de aproximação foi mais dele para os rapazes do que destes para ele. Havia amigos de Graça Aranha que aceitavam a sua profissão de fé de entusiasmo. Ora, esse entusiasmo não só me deixava frio como suscitava mesmo a vontade de contrariar o professor de entusiasmo, o qual não tinha a menor importância, porque ele era um grande escritor e eu apenas o mais tíscico dos poetas líricos. Só uma vez o seu entusiasmo me con-

A magia que rompe da terra brasileira torna-a a eterna "dessejada das gentes". Pode-se dizer que o encanto brasileiro está na aureola de opulência e de esperança, na doçura nativa, no sentimento vago e indefinido que emana da misteriosa grandeza do Brasil. A sedução começa no instante da descoberta no século XVI, quando a energia da Renascença impele os homens a desvendarem o mundo depois da grande epopeia libertadora do espirito humano que, vencedor do terror inicial subjugou a natureza na armadura da ciência e a apazigua nos limites de uma arte serena e disciplinada. Desde o vitorioso domínio português, o destino do Brasil se fixou para sempre e continuou a espiritualidade no mundo americano.

Pela sua gigantesca extensão, pela sua população dominante, pela coesão nacional, pela fidelidade à cultura clássica, que lhe foi sempre um traço característico, o Brasil pode realizar soberanamente o seu maravilhoso destino humano. Perador do amavel esforço daquela disciplina que venceu a natureza, conservador dessas tradições fecundas, o Brasil se torna mais ativo, mais enérgico, imprimindo-lhes o ritmo acelerado da America.

Como definir com justeza a elaboração americana nas camadas desse país formado pelos latinos? Que é o espirito americano? Sente-se que há no fermento americano uma modificação do conceito da civilização. Será unicamente o americanismo uma reação contra o principio qualitativo que é a matéria prima geradora do espirito latino? Em todo o caso teve por muito tempo a significação de uma rutura da tradição europeia, e a America foi compreendida singularmente como o continente do novo, uma civilização de base material oposta à civilização espiritual da Europa, uma colossal forja de trabalho e de transformação dos velhos valores da cultura.

Mais tarde, vem a revelação do idealismo americano, e as suas sínteses sociais, democracia, igualdade internacional, poder do dinheiro, excesso da força, rapidez da ação, foram interpretadas como sinais de misticismo originário, expressões de uma dinamização moral determinada pela formidável atmosfera física, criadora de uma civilização de energia e de justiça.

O mais interessante problema da civilização brasileira seria saber até que ponto as formas europeias dos nossos espiritos resistem ao mecanismo americano, e como a vibração deste se adapta às tradições da nossa cultura. Dessa fusão dos dois espiritos, latino e americano, resultariam algumas soluções de que o Brasil tem o segredo. Na ordem moral, em paralelo com a independência de espirito, a ausência de preconceitos, a persistência de humanismo e a clareza do idealismo clássico. Na ordem social o principio da igualdade, como base do direito público, e a subordinação do poder administrativo à justiça. Na ordem material, o sentimento do progresso indefinido, justificado pela vitória do homem contra as resistências formidáveis do mundo físico, a conciliação da produção intensa, indispensável às novas sociedades, com a qualidade que é o sinal da perfeição das civilizações tradicionais, a incorporação da natureza à arte na realização da Cidade do sonho, da luz, da cor e da fantasia, sublime morada do Extase.

A suprema beleza do país desumbrado o homem nascido no seu mistério, enteficado pelo seu quebranto. Não estaria nesse amor físico do homem e da terra, o segredo do patriotismo brasileiro, que tem o sabor capcioso de uma união voluptuosa?

tagiou e foi no famoso dia da Academia. Me entusiasmei sem razão nenhuma, porque o dia da Academia foi afinal um despropósito e o gesto de Graça Aranha parecia, que era a consolidação do movimento modernista foi na realidade o começo da desagregação do modernismo como movimento coletivo. Somente naquela escaramuça académica Graça Aranha era o lado Inteligente e estava realmente simpático, destemido e radiante de mocidade.

O que me parece ter agido como elemento inibitório na última fase de Graça Aranha é que a esse gosto absorvente de moça modernidade se contrapunha o residuo persistente da sua verdadeira mocidade, a que dahlava da escola do Recife, impregnada ainda daquela imaginação verbal arrebutada e quase destituída de todo espirito de "humour". O esforço de Graça Aranha para se aproximar dos processos modernos prejudicou os seus dons naturais de romancista. A sua obra teria sido maior se fosse construída no mesmo espirito de "Canaã", que afinal ficara como a única que é extremamente sua: "Malazarte" está contaminada de lsbensmo, como a "Viagem Maravilhosa" de intenções plásticas cubistas e objetivo-dinâmicas que brigam com os surtos descritivos do seu temperamento romântico amigo de cores e sentimentalidades vibrantes e sensacionais. A sua força estava nos períodos longos e ele tentou fragmentar-se e restringir-se em ellypes contrárias ao seu feitio largo. Obrigou-se a uma técnica de volumes, quando o

seu natural era ao invés desmanchá-los no jogo violento das claridades meridiana.



Perfil do escritor dum desenho de Orlando



Temístocles da Silva Maciel Aranha - Jerônimo de Oliveira

A vida de Temístocles Aranha foi integral despenhamento de duas altas funções sociais: jornalismo e magistério.

Consagrando a este duplo apostolado toda a energia de seu belo espírito de patriota e todo o devotamento de sua assombrosa capacidade de trabalho, Temístocles foi, sem o querer, durante largo período, o centro animador da atividade intelectual e econômica do Maranhão.

Passava-lhe, pelas salas de suas aulas e pela redação de seu jornal, a vida maranhense daqueles tempos: o estudante, seguido de ensinamentos; o comerciante, que carecia de conhecimentos sobre os fatos econômicos da terra; o político, que comete a discutir as crises da administração da Província.

Simples e llano, ponderado e reflexivo, Temístocles ouvia a todos com igual atenção, revelando nas suas opiniões admirável equilíbrio de ação, sempre presidida por forte desejo de servir a coletividade.

Dai o seu grande prestígio no professorado, o alto conceito que desfrutou no seio das classes conservadoras, a imensa popularidade do seu nome.

Nasceu Temístocles da Silva Maciel Aranha às 11 horas da noite de uma terça-feira, em 8 de agosto de 1837, no alto Maracujá, em São Joaquim do Bacanga, vila do Maranhão.

Neste mesmo sítio, no ano seguinte, a 1.º de novembro, foi batizado pelo frade carmelitano Manoel da Silva Soares, servindo de padrinhos seu avô paterno Inácio de Lóiola Maciel Aranha e d. Josefa Joaquina Lisboa.

Em 1850, está ele matriculado no Liceu Maranhense, cujas aulas frequentava até 53, quando seus pais — João Joaquim Maciel Aranha e Josefa Joaquina Moraes e Silva Aranha — resolvem fazê-lo estudar engenharia na capital do Império, para onde segue no vapor "Barana", a 15 de outubro desse mesmo ano de 53.

Na Escola Central, onde ingressa em 1854, figura o moço maranhense entre os bons estudantes, ao lado de André Rebouças, de quem foi íntimo amigo.

Não concluiu, porém, Temístocles o curso, iniciado sob tão promissoras auspícios.

Abalara-lhe a saúde grave enfermidade, que o fez regressar ao Maranhão em 1857, para dele não mais sair.

Tinha, e então, Temístocles vinte anos de idade.

Nada obstante, instala um Instituto particular de ensino — o Colégio de São João Batista — e é convidado para dirigir o "Jornal do Comércio", substituindo o fundador desta folha, Pradêncio José Botelho (1858).

A partir dessa época, a vida do futuro moço é um duplo apostolado: quando deixa a cátedra de professor, em que se revela exímio como poucos, e para manejar a pena do jornalista, que anima, orienta e conduz a sociedade.

E' que lhe corria nas veias, pelo lado materno, o mesmo sangue que animara a fibra de José Cândido de Moraes e Silva, o fundador do segundo colégio que teve a Província e do indomável jornal — "O Farol", o qual marcou uma época inconfundível na história da imprensa do Maranhão.

Na cátedra de português do Colégio de São João Batista, como na de matemática da Casa dos Educandos, na de retórica e poética do Seminário das Mercês, na de lente de geografia do Liceu, Temístocles foi sempre "um maravilhoso professor, ardente, culto, com o mágico dom da comunicabilidade e da fascinação". "A geografia que ensinava", diz um dos seus discípulos, "era uma disciplina sedutora". "Cessava de ser uma nomenclatura de terras e povos,

para se tornar o ambiente físico e econômico do homem". "Atraía, sobretudo, a atenção dos seus discípulos para as terras de futuro — o Brasil, a Oceania, a África".

Deste modo, como professor, plasrava, com carinho inextinguível, o espírito da mocidade, que ele ia, mais adiante, na estrada da vida, acolher e aconselhar, paternamente, quando estreatre nas colunas do seu jornal.

Como diretor do "Jornal do Comércio", o jovem jornalista permaneceu até março de 1861, época em que passa a redigir, em companhia do dr. Carlos Fernandes Ribeiro, posteriormente conhecido barão de Grajaló, o periódico "Imprensa", que deixa em outubro desse ano, para ir substituir Sotero dos Reis na redação do "Publicador Maranhense".

Em março de 1863, Temístocles despede-se da redação do "Publicador" e funda "O País", jornal católico, literário, comercial e noticioso, bi-hedomadário, cujo primeiro número circulou a 28 de abril, sendo impresso na tipografia de Belarmino de Matos, em grande formato, e contendo três colunas.

Já, então, Temístocles era o jornalista, de quem Joaquim Serra dizia ser "hábil, de frase calma, substancial e cortez, jamais entrando em personalidades e estando sempre pronto a animar os talentos novos".

"O País" foi a verdadeira tenda de trabalho do grande jornalista maranhense, que a manteve durante mais de vinte anos, sempre cercado pelo escafo da intelectualidade moça naqueles tempos: Celso de Magalhães, João Cândido, Francisco e Augusto Viveiros de Castro, Almir Nina, Claudio e Luiz Serra, além de outros.

Referindo-se ao "O País", Joaquim Serra, na sua curiosa "História da Imprensa do Maranhão", informa: "é uma das folhas mais interessantes do norte do Império, exercendo decidida influência na opinião pública maranhense e gozando na praça de São Luiz do melhor conceito".

Orgão das classes conservadoras por cujos interesses pugnavia, infatigável na defesa das mais atentadas idéias, escrito numa linguagem correta e elevada, o famoso periódico formava, de fato, a opinião pública da Província, realizando assim a individualidade do seu redator-chefe e proprietário, cujo sentimento dominante foi, na frase de Viveiros de Castro, um cativado amor à terra maranhense, um desejo intenso de vê-la próspera e feliz.

E' o patriotismo era a feição característica do jornalista, do homem público, considerado "emérito e infatigável oboreiro do progresso da terra maranhense", pelos seus próprios contemporâneos, a bondade foi o sentimento predominante no seu grande coração.

E, assim, durante vinte anos, defendeu o "O País" os oprimidos, clamou contra as injustiças e despertou e estimulou os sentimentos altruísticos da sociedade.

E' ele quem em 1867 mostra a necessidade imperiosa de uma associação, destinada a proteger as famílias dos voluntários que mandávamos aos campos do Paraguai, assim como foi ele o primeiro a correr, caridoso e bom em auxílio dos pobres, flagelados pela grande epidemia de variola de 32.

E' de 3 de janeiro desse ano o seu artigo

A PESTE

Val tomando horrores proporcionais a epidemia da variola.

Cresce o número das vítimas diárias e não tem conta o dos atacados. Ruas há, como a do Egito, em que rara é a casa em que não

se encontra um ou mais doentes.

Está a cidade neste estado, e a caridade adormecida, todos a esperarem os socorros públicos oficiais, o pão do governo.

Não é isto bastante. Dê o governo tudo quanto puder, nestes dias não se rejeitam socorros, mas faça a população por si alguma cousa. Tire o abastado um pouco do supérfluo que despense e dê aos que morrem mais da miséria do que da epidemia. Ao abastado diga-se o remediado, que há de achar das verbas de suas despesas alguma que poderá ser cerceada para dela tirar uma escola para socorrer os desgraçados. O pobre, que vive do parco ganha cotidiano, esse mesmo encontrará em sua pobreza um óbulo para juntar à dádiva do rico.

A caridade inventa mil meios para expandir-se e o real do povo produz milhares.

"Oponhamos às violências da natureza a unidade humana", dizia há pouco Victor Hugo, "enviando o produto de uma subversão em favor dos inundados da Alta-Italia".

"Por toda a parte, onde se produz o mal, que a unidade humana se erga e produza o bem".

Não podemos esperar socorros estranhos, não devemos contar só com o dinheiro do governo.

Organizem-se comissões, que percorram as casas dos indigentes, e, matando a miséria que nelas reina, diminuam as vítimas da epidemia.

A frente desse movimento ponham-se os sacerdotes, os médicos, e aqueles que pelos sofrimentos dos pobres tem compaixão.

E' na direção dessa santa cruzada que mais realçará a influência do padre, o cujo apelo não haverá quem seja surdo.

E' no meio da peste, a disputar-lhe as vítimas, expondo a própria vida, que o médico dá provas da santidade da sua missão e que é fiel ao juramento prestado. E' si o seu campo de honra, onde pode com mais brilhantismo mostrar seu patriotismo e coragem, do que o soldado no campo de batalha.

Estamos dando um triste exemplo de nossos sentimentos.

O que se dirá de uma cidade, assolada pela peste, na qual não aparece meia dúzia de homens que se ponham em movimento e organizem um serviço de caridade regular e bem dirigido? Havemos de esperar tudo do governo, da caridade oficial? Faca o governo por seu lado, mas venha a caridade particular, que ainda achará muito em que se exercitar.

Não podemos terminar sem nos dirigir às senhoras. Quando se trata de caridade tem a mulher a primazia. Ninguém a pratica com mais abundância de coração do que ela, com mais alegria, com mais vontade. Oferece-se agora às senhoras maranhenses excelente ensino de dar: a expansão aos nobres sentimentos que lhes guarda o coração.

Deixai por um momento os vossos cômodos, constitui-vos em comissões, ide à cara de vossos amigos, reuni tudo — puderdes em favor dos pobres, rouca dinheiro, roupa, géneros alimentícios, tudo; ide, que as vossas virtudes, a vossa nobreza, jamais brilharam nos

salões, como brilharão nesta caridosa peregrinação.

Lembra-vos do que fizestes no tempo da guerra do Paraguai. Se não tivestes essas recompensas futeis, que o homem tantas vezes estima, mas que a mulher sempre despreza, tivestes a melhor, a mais agradável das recompensas, a gratidão daquelas mães de família a quem matastes a fome, cujas lágrimas enxugastes, e que guardam indelevelmente gravados no coração, os nomes de Eponina Conduzê e suas companheiras".

E os auxílios não demoraram. Deles nos dá notícia o "País" de 10 de janeiro: comissões do clero, sob a direção de monsenhor Mourão, a do comércio, com Manuel Vieira Nina à sua frente, a dos estudantes, presidida por Manuel Antônio Araújo, a organizada pelo "O País".

Era assim o notável jornalista: os sentimentos de bondade de seu formoso coração acordavam a caridade dos maranhenses, nos dias angustiosos da cidade.

Não foi, certamente, Temístocles o criador no Maranhão do jornal popular, papel que, indubitavelmente, cabe a Victor Loato, mas foi, sem dúvida, o mediano, o preparador para a transformação dos velhos nos novos moços jornalísticos. "O País" representou justamente o meio termo entre o velho e rotineiro "Publicador Maranhense" e o jornal leve, alegre, noticioso e popular.

Político militante num partido — o Conservador, onde a sua palavra era acatada e considerada pelo chefe, — conselheiro Gomes de Castro, e ouvida com respeito pelos correligionários, que lhe exigiam nas ocasiões difíceis, como nas eleições de 1854, Temístocles Aranha, entretanto, mantinha o seu jornal numa situação de independência assombrosa no meio das fortes lutas que agitavam as agremiações partidárias de então, e, deste modo, o publicista maranhense impressiona o observador de hoje pela imensa serenidade e grande equilíbrio do seu belo espírito.

E' sob este aspecto que ele desempenha o mandato do deputado do Partido Conservador à Assembleia Legislativa Provincial, na legislatura de 1869-70.

Al o político não perde a linha impeçável do redator do maior jornal da Província, embora tenha, muitas vezes, de defender com ardor as idéias e interesses do seu partido.

Foram essas qualidades invejáveis, que ornavam a personalidade de Temístocles Aranha, que levaram as classes conservadoras a elegê-lo presidente da Associação Commercial do Maranhão, lugar que occupou durante um triênio.

Deste cargo não fez o notável jornalista uma sinecura de honras e homenagens; pelo contrario, transformou-o em pesada cruz. E assim e que, eleito, para logo, emprende, só, sem auxiliares, a estafante tarefa de organizar a estatística econômica da Província — trabalho perfeito e completo. Nos duas essas duas esplêndidas exposições do açucar e algodão do Maranhão, realizadas nos anos de 1883 e 85.

Do que se passou nestas festas do trabalho, que foram também consagrações de crenças profundas e vastas esperanças, dizem os noticiários dos jornais da época, donde respiramos estas notas:

"Não somente o café terá exposições anuais, A Província do Maranhão té-las também de açucar e algodão, organizadas e dirigidas pela Associação Commercial, que, como sabem os nossos leitores, iniciou a 23 de dezembro último três uteis cortames pela primeira

exposição daqueles dos produtos, que já se efetuou no Brasil."

"Dois gêneros de tamanho valor, para cuja produção o Império apresenta condições especiais, as zonas, jamais haviam sido representados, sendo muito incompletamente em em nossas exposições nacionais, onde a promiscuidade de multidão de artigos de diversa natureza não permitia considerar por seus variados aspectos aqueles ricos produtos, tão dignos de estudo. A esclarecida iniciativa da Associação Commercial do Maranhão torna-se por isso mesmo mais credora de simpatias."

"O exemplo do Maranhão é para ser imitado; além de mais foi obra da iniciativa individual; merece, portanto, ser admirada em parte onde é tão difícil seguir o rasto da iniciativa sem dar com a praçada, mais ou menos visível, da proteção do governo." (Artigo editorial do "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro.)

"Deve estar satisfeito o sr. Temístocles Aranha com o resultado da exposição.

Seus inteligentes e perseverantes esforços tiveram o melhor êxito. A grande quantidade de amostras expostas e a maneira por que a população da capital mostrou saber avaliar os seus nobres intuídos, concorreram em massa à exposição, são a prova do acolhimento que sua idéa encontrou e dos títulos que conquistou a gratidão da Província o digno promotor da exposição." (Da "Facotilha", jornal maranhense.)

"Graças ao patriotismo do cidadão a quem a posteridade chamará benemerito, o sr. Temístocles Aranha, o Maranhão realiza sua segunda exposição agrícola." (Trecho do discurso com que o presidente José Leonardo de Godoi e Vasconcelos abriu a segunda exposição.)

Discursando nesta exposição, 1885, Temístocles Aranha aborda a magna questão do dia — a abolição do elemento servil. Ainda ali a palavra do jornalista reflete a mesma serenidade de sempre, impressiona pela justa medida e exata compreensão dos fatos. Ele — o abolicionista — que já então tinha libertado os seus escravos; ele — a alma boa e bronzada, que despertava a caridade adormecida dos maranhenses, ele — o arauto dos grandes ideais na imprensa, não se deixa arrebatado pelo entusiasmo estonteante do movimento irresistível, estuda com reflexão o problema, mede-lhe as consequências, avalla-lhe os efeitos.

Ouçamo-lo, nesta bela página: "E' de absoluta necessidade a reforma que espiritos generosos exigem, e que facilmente ninguém mais terá força de impedir; mas o mal é crônico e só como as doenças crônicas deve ser tratado. Se nestas applicações o tratamento das moléstias agudas, a cura não se efetuará e pagará o enfermo com a vida a imperícia de quem o quis curar.

E' a escravidão um funesto erro, concordo, é uma planta venenosa que cresce no solo da Pátria, concordo ainda; e, finalmente uma mancha no pavilhão nacional. E' esta justamente a minha opinião.

E', porém, um erro de cálculos, e não poderá ser dissipado com a mesma rapidez que seria, se fosse conhecido. A árvore estendeu raízes fortes e profundas por baixo dos alicerces do edifício social, se a arrancarmos (Continua na página 158)

POSIÇÃO DE GRAÇA ARANHA

Tristão de Ataide
(da Academia Brasileira)

Se ainda é cedo, para se dar o balanço de Graça Aranha, talvez já seja possível indicar a sua posição em nossas letras. Ela o vê, nitidamente, como o fruto de união de duas gerações. Contemporâneo daqueles que nos precederam, foi ele ao mesmo tempo contemporâneo nosso. E parecia ter sempre a idade dos mais moços que o cercavam, pois nunca soube sequer o que fosse envelhecer. E foi a grande lição que nos deu. Nos fomos uma geração que nasceu velha e foi renovando, em poucos, com o passar dos anos e o renovar das concepções. Somos hoje muito mais moços do que há vinte anos atrás, pois passamos do sentimento à afirmação, da dúvida à confiança, do tédio à sofrimento. Isso não impede que grandes dissidências nos separem, pois nada mais superficial do que a unidade de uma geração.

Mas Graça Aranha iniciou inconscientemente, em muitos pontos de vista, essa renovação do modo de viver. Pois foi sempre uma criança grande. Viveu numa infância constante. E promoveu sempre fazer do mundo um lugar de exaltação.

Conheci-o em Paris, antes da guerra, nesse momento de intensidade extrema de vida que precedeu os longos anos posteriores de morte e sofrimento. Graça Aranha estava no seu elemento. Tinha encerrado a sua primeira fase da vida: o deslumbramento juvenil por Tobias Barreto, que lhe ser o novo invisível e remoto de toda a sua carreira; os anos de leitura intensa (os únicos em que leu e estudou realmente, segundo ele próprio me contou), na no interior do Maranhão, cujo eu, quando andou fraco do peito e impedido de movimentar-se muito; a longa fermentação estética e filosófica interior, toda ela girando em torno de uma constante exaltação subjetiva; o conhecimento da Europa; a revelação ruidosa de "Canaan", em 1902, despertando louvores e censuras desmedidas e marcando logo um momento excepcional na história de nossas letras; antes e depois o contato íntimo com o grupo da "Revista Brasileira", a amizade por Machado, tão diverso dele e sobretudo o encontro com Nabuco, a convivência com Nabuco, em Roma, como secretário da Missão Especial, a admiração por Nabuco, pólo latente de sua alma, como Tobias Barreto foi o seu pólo germinal. Pois havia, bem marcadas em Graça Aranha, essas duas regiões interiores: a da latência, que durante a guerra ia vibrar com Barrés pelo triunfo em França e que lhe deu toda a vida esse culto da beleza, essa apologia da "estética da vida", como atividade suprema da arte, finalidade última da existência, como procurou demonstrar na sua infeliz "Viagem maravilhosa", — e do outro lado, a da germanidade, que lhe comunicou o pantêismo filosófico, a apologia da imigração louca em "Canaan", a transformação de "Malasarte", numa espécie de Peer Gynt Tropical, a nebulosidade vaga de sua objectivação constante do "Todo Infinito". Era um latino, com Joaquin Nabuco, e um germano, com Tobias Barreto. E a reserva a última fase da vida para descobrir em si o tropical!

Quando o conheci, terminara a primeira fase de irradiação em contato com a sua geração e preparava-se para entrar em contato com a nossa. Íntimo que eu era de seu filho, lembrava bem de uma tarde em que juntos tomávamos chá com ele no hotel Ritz (talvez andasse por ali Marcel Proust, cujo no-

me nos era então completamente estranho, por isso se dava em maio ou junho de 1913), lamemos partir, o filho de Graça Aranha e eu, dentro em poucos dias para o Brasil. E o Graça nos passou o que se chama um "sermão" sobre a nossa displacência, o nosso ceticismo, a nossa indiferença pelas letras brasileiras, o nosso excessivo "francesismo" intelectual. E mostrando-nos o marinho das letras brasileiras e a necessidade de comunicar-lhes um sopro novo de universalidade sadia, propôs-nos que fundássemos no Rio, um centro de cultura a que chamaríamos: "Centro Goethe!"

É um incidente que sempre me ficou na memória como admiravelmente expressivo do temperamento de Graça Aranha. Dirigia-se a nós, que tínhamos então vinte anos, com a confiança que ele depositava na mocidade; verberava a inércia do meio literário brasileiro, mas interessado em dar-lhe novo vigor; censurava o nosso "francesismo", mas em Paris, a dois passos da Sofómac, onde acabara de pronunciar a sua memorável conferência sobre a "Imaginação doméstica", e na place Vendôme, cuja beleza estimulava a sua latência latente; aspirava para a literatura brasileira, não uma fase de nacionalismo tropical, como a propor mais tarde, mas um alargamento além das fronteiras, e tomando por modelo um espírito universal como Goethe, símbolo da cultura humanista, em terras incógnitas de hordas bárbaras; e finalmente, pregava a nós, que tínhamos vinte anos, a necessidade de ser moços! Tudo isso havia nessa proposta que Graça Aranha nos fazia nessa tarde mansa de Paris, há quase dezoito anos passados.

Ao contrário do geral dos brasileiros o senso do ridículo exagerado nunca pesou em Graça Aranha. E isso facilitou a finalidade interior de sua obra que foi essencialmente a de renegar a nossa velhice prematura, a de agitar a nossa infância precoce, a de espantar as nossas tendências culturais acadêmicas. Foi sempre um "extrovertido", segundo a classificação psicológica de Jung. Viveu sempre para fora, para a luz do dia, para a sociabilidade, para o movimento exterior, para criar turbulências em torno de si mesmo. E teve sempre a mais cândida confiança em si mesmo e nos outros. Se a avarice, tal como Julien Green a descreveu no seu íntimo "Mont Cindre", é dos pecados, talvez o que mais deve ofender a Nosso Senhor, pois é o pecado da relação por excelência, da alma fechada a si mesma e aos outros, da repulsa completa à caridade que é a virtude por excelência, como nos diz S. Paulo — se a avarice assim é, muito haverá que perdoar a esse pagão impenitente que nunca soube ser sóbrio e sempre viveu aberto para si e para os outros. Levou sem dúvida essa extroversão constante a um grau nem sempre aconselhável, mas era assim por temperamento e certa hipертrofia do eu que acaso tenha possuído era generosa e ingénua. Gostava de aparecer, como gostava que os outros aparecessem. Não desdenhava absolutamente da glória, mas não a queria só para si e sempre se alegrava com o triunfo daqueles a quem queria bem.

Quando o conheci em Paris, portanto, estava em transição da primeira para a segunda fase literária de sua vida. Preparava a sua "Estética da vida", que a princípio ia chamar-se "Ide", isto é, fragmentos de penetração na realidade filosófica

da vida, que ele exprimia pelo prefixo in. Mas como o esteticismo tomou o vulto, deliberou então sistematizar os fragmentos esparsos e teilar uma filosofia da arte que fosse uma filosofia da vida. A "concepção espetacular do universo", como dizia, era realmente a sua atitude em face dos acontecimentos, derivada daquela falsa concepção individualista, de que lhe fazer a apologia alguns anos mais tarde, em casa, na conferência com que inaugurou a famosa "Semana de Arte Moderna", em S. Paulo, que abriu ao público o modernismo literário brasileiro.

"Desde Rousseau", escrevia ele então, — "o indivíduo é a base da estrutura social. A sociedade é um ato da livre vontade humana. E por este conceito se marca a ascendência filosófica de Condillac e da sua escola. O individualismo freme na revolução francesa e mais tarde no romantismo e na revolução social de 1848, mas a sua libertação não é definitiva. Esta só veio quando o darwinismo triunfante desencadeou o espírito humano das suas pretensões origens divinas (sic) e revelou o fundo da natureza e as suas tramas inexoráveis. O espírito do homem mergulhou neste insondável abismo e procurou a essência das coisas. O subjetivismo mais livre e desencantado germinou em tudo". (Espírito Moderno, p. 15).

Essa profissão de fé naturalista fora bebida em Tobias Barreto e no movimento que desepurificou por meio século grande parte da inteligência brasileira. E ali se encontrava a face perniciosa de sua obra filosófica, que tanto prejudicou a sua obra literária. O individualismo social, que proclamava, a par desse naturalismo biológico, vem também afastar de si, tanto a extrema esquerda, como a extrema direita do movimento de renovação intelectual brasileiro, com que ele sonhava nestes últimos anos antes da guerra e que só está vindo adiar por algum tempo.

Logo que esta terminou, porém, voltou Graça Aranha definitivamente ao Brasil, acompanhado logo em seguida pelo livro com que pretendia dar ao nosso pensamento, uma vitalidade que há muito perdiera: "A estética da vida".

Vinha então travar contato com a mocidade do seu país, com essa nova geração que nasceria e se formara durante os anos de seu afastamento pela Europa. Terminara o convívio com a sua própria geração. Preparara longe daqui o novo espírito de individualismo libertário e estético com que pretendia guiar as novas gerações. E voltava agora para iniciar a fase que lhe ser a final de sua vida cheia e generosa.

Lembro-me bem, numa estadia que aqui fez durante a guerra, da alegria e do entusiasmo com que leu o livro de estreia de Ronald de Carvalho, "Luz gloriosa", aparecido em 1913, mas que só em 1915 ou 1916 veio a conhecer. Graça Aranha procurava avidamente os moços com que contava arjar de novo a nossa literatura. Foi-lhe negada, pelos mais modernos, por ocasião da famosa conferência de 1924, a qualidade de moderno e acusado de adesismo e de oportunismo. Se é certo que as suas concepções estéticas variaram do subjetivismo ao objetivismo, de 1922 a 1924, todos que o conheceram de perto podem dar testemunho de que dez anos antes, em 1913, ou 1914, a grande preocupação de Graça Aranha já era iniciar

uma fase nova da literatura brasileira.

Fosse qual fosse, portanto, o repúdio com que mais tarde muitos de nós julgássemos dever marcar o nosso dissídio definitivo com Graça Aranha (ou pre-antropófago, pela pena de Oswald de Andrade, poucos dias depois da conferência da Academia, acusando-o de "modernismo atrasado" — os esteticos, pela pena de Jackson de Figueiredo e mais tarde de outros, acusando-o de "individualismo pernicioso" ou "naturalismo anaerótico" — fosse qual fosse esse abandono das extremas, folgo aqui em trazer o meu testemunho pessoal de que a renovação literária e intelectual que hoje sentimos em nossas ideias deveu a Graça Aranha o seu primeiro impulso, muito antes que aqui desembarcasse para reconquistar o Brasil e reanimar as nossas letras. Porque isso inconscientemente ele o fez. Aproximou-se da nova geração. Não apenas pela validade de encaixar um movimento, o que logo depois das primeiras escaramuças lhe fizeram notar ser inútil, pois os novos queriam governar-se ou desgovernar-se... por si mesmos. Aproximou-se dos moços por que ele era um moço de sempre, que não envelhecia e que morreu com uma alma de adolescente. E procurou animar a todas as tentativas esparsas de renovação que via surgir, procurando orientá-las, sistematizá-las e enfeixá-las. Foi o que fez em 1922, em S. Paulo, em 1924, no Rio. Estava lançado o modernismo como movimento dos espíritos. Começava realmente uma nova fase para a nossa literatura. Condensavam-se os vapores que se tinham vindo acumulando lentamente pela obra de alguns individualistas e pesquisadores.

Graça Aranha teve, por um momento, a ilusão de poder enfeixar numa unidade de alegria, mocidade e confiança no futuro tudo aquilo que a nova geração mostrava querer no sentido de cortar as amarras com o passado. Graça Aranha cortou publicamente, escandalosamente, o nó gordão. Não era ele mesmo um construtor. Não era um criador de coisas novas, tanto assim que quando quis criar uma coisa de arte moderna, com a "Viagem Maravilhosa", foi aquele fracasso literário que todos viram. Ele era um chefe, um animador. Não era, porém, um construtor. Ele fez o gesto que nenhum outro teria a coragem e sobretudo a autoridade de fazer, dando o nome que tinha e a marca que já havia deixado em nossas letras com o sucesso formidável de "Canaan". Graça Aranha teve esse gesto bellissimo, que deixou gravada para sempre, em nossa memória aquela sessão memorável da Academia. Foi um momento realmente único, em que sentimos nascer qualquer coisa de novo. E na hora em que, depois da conferência, vimos aproximar-se na sala de entrada, da Academia, Coelho Neto, carregado aos ombros pelos seus partidários, não hesitamos um segundo em carregá-lo também, Graça Aranha em nossos ombros, opondo o futuro ao passado, a nova geração à velha geração! Foi um momento de emoção inesquecível! Um momento raro de unidade plena em torno de uma renovação, de um início, de uma porta aberta para o futuro!

Durou pouco porém a unanimidade moderna. Oswald de Andrade e Jackson de Figueiredo marcaram imediatamente os limites das suas extremas, enterando no terreno uma lança simbólica, vermelha ou branca. E nós, ainda cecillantes, ainda

envenenados por aquela mesma intoxicação de dilettantismo, que o Graça nos censurava em 1913, nos fomos aos poucos fazendo a escolha do joio e do trigo e marcando por nossa vez os limites dos nossos aplausos e os motivos das nossas dissidências.

Estava, porém, transepasto o Rubicon, Graça Aranha tinha alcançado o objetivo que visava. Pois, seguramente, não lhe importava no fundo esta ou aquela orientação. Na enumeração dos "novos" que ele lançava, nos debates escandalizados dos velhos críticos molhados, adunham-se os mesmos dois nomes que iam fixar o repúdio dos extremos. Jackson de Figueiredo e Oswald de Andrade junto a outros das mais diversas orientações. Graça Aranha só acreditava no "movimento", na reatividade, na superação contínua de modo que as fórmulas ou o objeto das convicções não lhe interessavam. O que ele queria naquele momento era marcar a independência da literatura brasileira em face da portuguesa e sobretudo da da nova geração em face da velha geração, que fora a sua. E isso ele o conseguiu plenamente. A Academia repudiou o seu projeto de reforma acadêmica. Entre os mais que a sua coragem, o seu desassombro, a sua voz generosa impingiam à publicidade, as divergências de orientação se fizeram logo sentir. As revistas que ele andou a fundar, pouco duraram. O modernismo logo depois se "conventionalizou" de tal forma, que os mais sinceramente modernos se libertaram também dele. Graça Aranha não chegou a formar sequer um núcleo muito pequeno de seus em torno de si. Mas a sua ação arrojada como a de nenhuma outra figura literária dos nossos dias. E só não teve mais repercussão porque logo em seguida a atmosfera social começou a solidar-se e o modernismo literário foi abafado pelo modernismo político.

Mas Graça Aranha tinha alcançado o seu objetivo. Estava lançada uma era nova para a literatura brasileira e esta templa com os moldes passados e seguia para novos rumos, para novos erros, para novos êxitos ou fracassos. E o nome, a obra, o feito, o desassombro, a "Viagem" cotada de Graça Aranha estava ligada para sempre a esse movimento capital das nossas letras. Estava cumprido o seu conselho da tarde remota de 1913 em Paris. O que nós não fizéramos a seu conselho, vicia ele próprio fazer.

A última vez que vi Graça Aranha foi naquele jantar com Keyserling. Falou de si mesmo diante de um morto não é falar de si e sim dele. Graça Aranha, com aquele carinho discreto que tinha por todos e que representaram alguma coisa de vivo no terreno das ideias — o que o levou a escrever no "In Memoriam" de Jackson de Figueiredo, uma página memorável de generosidade e calor — Graça Aranha, com aquela ênfase espontânea em que procurava elevar tudo o que tocava, com aquele orgulho ingenuo de exagerar o que fosse para o bem da vida da mocidade, na renovação do Brasil novo, Graça Aranha apresentou-me petulantemente a Keyserling — "ce jeune philosophe thomiste", como se realmente houvesse diante dele aquilo que ele apreciava... Boa, bela e generosa alma! Não me arrependo de ter marcado, com uma vivacidade porventura excessiva, o meu repúdio formal pela "Viagem Maravilhosa". Foi-o com o mesmo ardor e a mesma convicção

(Continua na pág. seguinte)



Correspondência de escritores

CARTA DE ALBERTO DE OLIVEIRA A GRAÇA ARANHA

Rio, 12 de fevereiro de 1942

Meu Graça

Assentamos eu e João

Rebena assistida na piscina da praia, 17 deste luminosíssimo fevereiro. Tomaremos a barca da tarde. Não quis ir só; dentre os nossos amigos, pareceu-me ser o João, a quem mais perto está de mim na amizade, e a quem mais perto está de mim na amizade, e a quem mais perto está de mim na amizade.

Não posso escapar sem meu amigo Almeida, pois, e assim abraço a esposa e a filha e põe ali o coração e a alma e a vida inteira.

Regressaremos no outro dia à nossa praia e calor.

Sabíamos eu e minha mulher da doença de tua senhora, e de coração fazíamos e continuamos a fazer os melhores votos por que ela torne à antiga saúde. E' o que fará a Suíça, com a terapêutica de clima alpin. Eu deixo os meus amigos e vou pessoalmente os amigos que ficam.

Adus, meu querido Graça Aranha. Até

Todo e sempre teu Alberto de Oliveira

Rio, 12 de fevereiro de 1942.

Meu Graça,

Assentamos eu e o João Ribeiro visitar-te na próxima quarta-feira, 17 deste luminosíssimo fevereiro. Tomaremos a barca da tarde. Não quis ir só; dentre os nossos amigos, pareceu-me ser o João, a quem mais perto está de mim na amizade, e a quem mais perto está de mim na amizade, e a quem mais perto está de mim na amizade. Não posso escapar sem meu amigo Almeida, pois, e assim abraço a esposa e a filha e põe ali o coração e a alma e a vida inteira. Regressaremos no outro dia à nossa praia e calor. Sabíamos eu e minha mulher da doença de tua senhora, e de coração fazíamos e continuamos a fazer os melhores votos por que ela torne à antiga saúde. E' o que fará a Suíça com a terapêutica de seu clima. Que pena só possamos acompanhar-vos as nossas saudades e não pessoalmente os amigos que ficam. Adus, meu querido Graça Aranha. Até 17.

Todo e sempre teu

Alberto de Oliveira.

Temístocles da Silva Maciel Aranha

Continuação da página 156) curmos violentamente, desbarata o edifício, convulsão-se-a o solo da Pátria. Essa mancha que conspurca o labirinto da nação brasileira não poderá ser apagada com o emprego de reagentes fortes, porque com ela pode ser destruída a própria bandeira.

Pede, senhores, essa reforma muita calma, pede duas manifestações de coragem cívica: uma a de dominar e dirigir os sentimentos dos abolicionistas que trazem agitados tantos espíritos; a outra, afirmar francamente as nossas convicções, opondo resistência legal aos impulsos violentos desses sentimentos, e também aqueles que quiserem parar ou retroceder.

Só assim, senhores, se servirá patrioticamente ao país na perigosa situação em que se acha.

E seja quanto antes tomada uma resolução porque não pode a lavoura continuar no estado aflitivo em que se vê.

Vivendo mais para os interesses da coletividade do que para os seus, foi o "País" uma empresa de poucos recursos, que lutara com dificuldades, as quais, agravando-se dia a dia levaram o seu proprietário a passá-la a outrem, em 1934.

Tocante, pelo pesar e pela dor que nele transparecem, é o artigo, publicado em 31 de março desse mesmo ano de 34, com que o velho e culto jornalista se despede da imprensa e comunica ao público o fechamento de "O País".

El-lo: "Depois de mais de 25 anos de um exercício apenas interrompido, nos primeiros tempos, por curtos períodos, deixo hoje de ser jornalista."

Depois de uma existência de mais de 20 anos, desde 28 de abril de 1863 nunca interrompida, deixa hoje de existir o "País".

Retirando-me da imprensa, posso com orgulho dizer que nela militei só dominado do desejo que em todos os atos de minha vida me tem acompanhado — o desejo de promover o desenvolvimento intelectual e moral desta terra.

E essa foi por conseguinte a missão que desempenhei o "País" durante sua existência.

Não deve desaparecer um jornal da natureza deste, sem que o leitor, que já está com ele habituado, seja informado do que motivou esta resolução.

Há muito tempo lutava o "País" com grandes dificuldades para manter-se, desde que sua publicação, de três vezes por semana, passou a ser diária, pois duplicou-se-lhe a despesa e pequeno aumento leve a receita.

Isto obrigou-me a sacrifícios enormes, até que, esgotados todos os meus recursos, veio uma sociedade em comandita amparar o jornal.

Vendo, porém, eu, depois de um ano de formada a sociedade, que o estado financeiro da empresa não melhorava, dei disto conhecimento aos sócios comanditários, aqueles que tão generosamente me auxiliaram, e a quem a maior gratidão devia; e em vista da escrituração, que lh' foi apresentada, e do que lhes expus, resolvemos suspender a publicação do jornal.

E' este o único motivo por que desaparece o "País". Não desaparece o jornal, porque os lucros auferidos pelo seu proprietário coligam a este em posição de não precisar trabalhar. Mu-

to ao contrário. Pobre entrei para a imprensa e mais pobre ainda saio dela. Tinha então 20 anos e era solteiro; hoje tenho mais de 40 e numerosa família.

Não se rompe com hábitos inveterados sem sentir-se grande abalo, não se deixa uma profissão que se exerce sem a interrupção de um só dia, por mais de 20 anos, sem um profundo sentimento; e assim pode cada um avaliar o que me vai na alma vindo desaparecer o "País", este jornal que criei, que sustentei até o impossível.

Mas como não há dor sem lenitivo, resta-me a consolação de retirar-me da imprensa sem a ter deshojado, de ter sustentado o jornal no mais elevado nível do conceito público.

Aos bons e velhos assinantes do "País", a todos que o auxiliaram, minha eterna gratidão.

Aos meus companheiros de trabalho, meus amigos, esses honrados operários, que desde a fundação do jornal o não desampararam e a seus companheiros de oficina, profundo reconhecimento.

Mas a existência de "O País" estava presa a vida do jornalista. Temístocles sobreviveu-o apenas três anos.

As 4 horas da manhã de 27 abril de 1887, falecia, na cidade de São Luiz, Temístocles Aranha, de quem Gomes de Castro disse em sentido artigo: "Inteligência tão robusta, quanto esmeradamente cultivada, coração aberto a todos os afetos generosos, se bem que lutador ativo e esforçado, não conheceu as amarguras do ódio, e no leito do descanso eterno, banhado nas lágrimas, que a saudade verte de todos os olhos, e acompanhavam-no as preces de quantos o conheceram."

Temístocles Aranha desposou, a 5 de setembro de 1867, d. Maria da Glória de Alencastro Graça, filha do conselheiro José Pereira da Graça (barão de Aracati) e irmã do notável filólogo brasileiro dr. Heraclito Graça, do desembargador Abel Graça, general Graça e almirante Alencastro Graça.

Deste casamento nasceram dez filhos: oito meninas e dois rapazes — o grande romancista Graça Aranha, já falecido, e o nota-vel almirante Heraclito Graça Aranha. Uma das filhas casou-se com o general Tasso Fragoso, figura de alto teor intelectual e moral entre os grandes generais do Exército brasileiro.

Posição de Graça Aranha

(Continuação da pag. anterior)

com que saudei entusiasmaticamente as páginas admiráveis do prefácio na "Correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco", que talvez tenha sido a plenitude do talento de Graça Aranha.

Considero-o e considero-o um mestre de idéias "perspicaz" para a nossa geração ou para todas as gerações vindouras, pois trouxe até nos revestidos do prestígio do talento e da modernidade, todos os erros da geração naturalista.

Mas devo dar diante dessa admirável figura que desaparece o meu testemunho pessoal de tudo o que lhe deve a nossa geração e em geral a nossa literatura. Graça Aranha foi uma das mais altas figuras da nossa inteligência. Ele amou intensamente a beleza, como amou intensamente tudo o que fosse ardente e generoso; tudo o que fosse nobre, moço criador e forte. Devemos e podemos admirá-lo, preservando-nos dos seus grandes e imperdoáveis erros!

Creio que nenhuma homenagem mais sincera se pode prestar a um homem do que dizê-lo claramente, sem subterfúgios, todo o bem e todo o mal que se pense de sua obra, e de sua ação. Tendo dito, desasombradamente, em vida de Graça Aranha, a ponto de sacrificar com isso relações de infância, o que pensava francamente de uma e de outra, julgo que prestei do meu canto, a essa bela figura de brasileiro a homenagem mínima que merecem os homens da sua estatura.



Uma das numerosas caricaturas que o escritor inspirou

Aluizio Azevedo e Graça Aranha



O escritor, ao tempo em que escreveu a "Viagem Maravilhosa"

Quando apareceu a "Canoa", Aluizio Azevedo publicou, em "La Nación", de Buenos Aires, uma famosa carta a Graça Aranha. O "Jornal do Comercio", desta cidade, o transcreveu. A carta do grande romancista de "O Mulato", ao seu colega que acabava de estreir, é a seguinte:

"Nada quero adiantar sobre a "Canoa"; esta carta não é ainda o veículo das minhas impressões, e apenas um pobre resumo do meu dever para contigo; dir-te-ei todavia que, toda essa brilhante critica publicada sobre o livro, deixa-me muito a desejar sob mais de um ponto de vista. As duas coisas que no teu livro mais me empolgaram é admiração não foram ainda citadas: uma em questão de contexto e outra de conceito, e são as seguintes: 1.ª, a circunstancia extraordinária de prenderes feliciteramente o leitor durante mais de um terço da obra com duas únicas personagens, o diálogo constantemente; sem que te valesses de episódios narrados em que entrasse a tradicional pimenta da intriga ou do drama; 2.ª, é o atrevimento da opinião expressa por Lentz e respeito do instinto amoroso e do casamento, quando esse aristocrático espada com bainha de sociologia explica a razão pela qual fugiu para a America. Essas duas coisas são capitais do livro e nivelam as forças do teu autor, como artista e como filósofo revolucionário.

Não, as mais vivas expressões da "Canoa" ainda não foram apontadas — a fugaz dialogo entre o preto velho de Sambamba e Milkau, substitue ricamente capitulos inteiros sobre o escravidão no Brasil; o fecho do magistrado satira judicial em casa de Kraus é de uma justiça e de uma precisão, que não conheço em nenhuma outra obra dos por mim conhecidas. Dou-me, entretanto, a tua desdenhosa crueldade para com os mulatos, no meio de tanta abundância de ternura, revelada até pelos seres vegetativos, como lá está naquelle esplêndido ponto de descreção da floresta; o teu desdenho pelos ridiculos e desgraçados mestiços, vulgarmente odiados pelas suas presunções e atrevidas artimanhas, mas por isso mesmo lamentáveis, ainda mais chocou a coração por ter por fundo um poema de amor, em que tua bondade perdoa a outras roupas estrangeiras as maldades e os defeitos que não aprendeste no livro; Joco e os seus congêneres não seriam talvez tão pouco resistentes, se os filhos dos brancos não lhes tivessem roubado no berço o leite materno que lhes pertencia. Qual é o brasileiro branco que não partilhou do leite que só devia pertencer ao mulato? O filho da negra, que entregava os peitos ao filho do branco brasileiro, não deve ser, em caso nenhum, amaldiçoado por um escritor do Brasil.

Ao felicíssimo queria-o eu mais sensual, mais fraterno e com os dedos e os lábios ensarados pelo abutido do cigarro; queria-o grande tomador de café e só caído para o cerveno por espirito de imitação, dado o meio germanizado em que se achava. Não me parece justo que, entre tantos afamados e tanta cervela, o unico que verdadeiramente se emboracha com esta seja um brasileiro; não me quadrou muito também que o pobre diabo não soubesse haver-se com o traidor; isto acontece, mas não é a regra geral, a que aliás não impediu que eu me fizesse com o episodio e não o encontrasse de mais na cena. A dança e o músico dos ciganos, cuja alegre e ingénua sensualidade se confunde do modo inquietante com a trua sensualidade do sacrificio da cruva sensualidade do sacrificio da cruva sensualidade do sacrificio da cruva...

É uma das notas mais belas e mais originais da obra, que o mim impressionou ainda mais do que a cena do enterro do velho solitário. Mas, sobes tu de uma coisa? sobes que os teus dois protagonistas não são alemães, nem pertencem ainda a nenhuma das raças atuais, como igualmente ainda não existem no mundo de hoje? De onde serão eles? Quem sabe? Lá para os me-

dos deste século serão talvez japoneses; o japonês é hoje a única raça, entre as triunfadoras, que possuiu em si elementos capazes de produzir as virtudes fortes e as belas qualidades morais dos teus dois heróis. Quanto u patriotismo, sentimento que nem sempre existiu no homem, foi afinal substituído de todo por essa outra coisa que ainda não tem nome e mal principia a ser formado pela comunhão e pela solidariedade universal, nesse dia, o japonês, abstermo, tranquilamente valeroso, meigo altruísta, será na revolução social do Ocidente, o que nenhum dos povos ocidentais de hoje poderá ser, por egoístas, materiais e corrompidos.

O que é verdade, meu Graça Aranha, é que lá noquele perdido ponto do extremo Oriente, pois aliás dos castos, dos reverências e da aristocracia intelectual, o socialismo já existe há dois séculos em muitas das suas mais corinthios monistologos, dando ao amor a liberdade de que este precisa em beneficio e para a dignidade da especie; fazendo tã maternidade uma virtude doméstica e um bem social, venha ela de onde vier e seja engendrada lá como far; limitando as posses pecuniárias do individuo, como no Ocidente se limita o direito de ter mulher; obrigando a virã solteiro e válido a prover a subsistência das viuvas desamparadas e das solteiras incapazes de procrear e servir de mulher, aos moços de qualquer estado a trabalhar para os velhos invalidos e para as crianças sem familia, pois que a economia é lá considerada uma coisa indigna e o herança um ato impudrico; desclassificando socialmente a mercador intermediária e dando o primeiro plano social àqueles que se distinguem pela bondade, pela abnegação, pela virtude civica, pela coragem ou pelo talento, seja estes nas ciencias, nas letras, nas artes, e, vê bem, nos officios, elevando assim a operãr acima do capital e da especulação mercantil. Não acredito que a nova vitória revolucionária do amor venha da Europa, seja da Alemanha ou da Rússia, ela virã do meigo Oriente, como veio a outra, saçada por São João e pregada por Jesus.

Da Europa só sairão violências e conhações. A França, se fizer em nove 93, para chamar ao nivel social já não o burguês, mas o operário, este será no futuro o que é hoje, o capitalista ou o negociante, e nem por isso a humanidade se amará melhor, nem por isso as mãos dos fortes largarão as terras em que os fracos morreram de fome.

Milkau só encontraria seus dezdoz apostolos lá do outro lado do mundo, onde talvez ainda exista, ou já exista, algum príncipe "Nekhludor", como o senhor Tolstoi, no seu amorosa "Ressurreição". Tu l'vra lá qual posto eu mais do que da "Trabalho", de Zola, abriu detroiva de meus olhos fascinados um grande rasão, mas não foi o Europeu que por este envergou, foi o Oriental, de onde senti chegar um largo sopro de bondade, e reclamar as terras e onicas terras do Brasil por milhões de bocas que toem e não comem.

O diabo é que o machado e a fo-

ce tanto servem na mão do homem para decepar árvores e cortar caeiros, como servem para decapitar, e esquarterar os seus inimicos, e que atrás da fortuna estão sempre o espírito a cabeça e a avides, e por detrás dos beijos estão os dentes caninos. Infelizmente Abel não tem descendência e, se a tivera, já a historia hoje morto de fome.

Não me despeço de ti nem tanto no desfecho do teu romance. Estou com o Magalhães Azevedo. Não faz justo o fazeres desvalgar aqui homem, que é um belo equilibrio de intelligência, bondade e ternura. Que Maria, essa outra Eva, como a primeira expulsa do Paraíso por peccado de amor, chegasse, depois de vencer sua venhosa de porta em porta e pelo soldão das florestas, a desventura de razão, como Orelia ou como Margarida, vã, é franco, é maluco; mas ele, um aparelho todo de ouro e cristal, cujos molos trabalhavam sobre diamantes, ele devia conservar a renora lucidez com que a sua alma rija e casta apurou até então todos os seus impulsos, e todos os seus atos, e devia vencer; devia fazer brotar do teu invento o amor, o Canoa sonhado. Desceiva eu, entim, que a bondade de Milkau não lesse uma revolve; mas a mesmo expressão da saúde produzida pelo amor.

Ora: afinal não queria por enquanto fazer-te no obra, e só estou a divagar sobre ela e a desclassificá-la em juzes mal expressos e pretentivos; quando tudo o que eu queria dizer-te nesta carta é que — o teu livro faz o orgulho da minha amizade e o tu carta fez a alegria do meu coração. Perdo-me, e já agora segue isto como está escrito".

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES

Carta de Graça Aranha a Machado de Assis, accetando uma cadeira na Academia

Meu querido Machado. Ainda cheio de suas comovedoras invocações, reli ontem a noite que Job, depois de disputar longamente com Deus, tapou a boca.

Estou diante de você na attitude do grande Humilhado. Não é preciso repetir aqui o livro santo; não me pergunte onde me achava quando Jeová criou o Braz Cubas. Cedo ás honrosas insistências suas e do no so amado Joaquim Nabuco. Bendito-me à discreção; sou um "torçudo da Academia".

Agora deixem-me a consolidação de pensar que a amizade, como fundamento da solidariedade humana, também é um "princípio libertário".

E assim eu posso exclamar tranquilo: como é doce a incoerência!

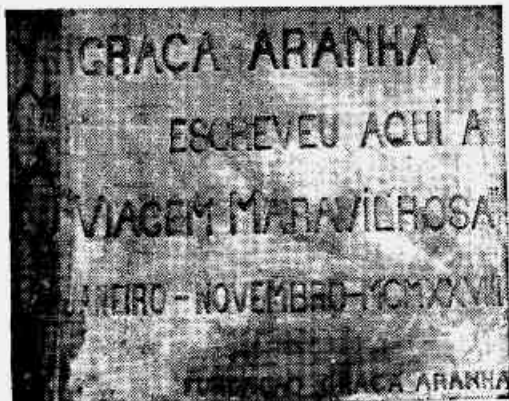
Seu, do coração, GRAÇA.



Fotografia de Graça Aranha, em sua mesa de trabalho

ASPIRAÇÃO DA LIBERDADE — Graça Aranha

"Toda a marcha humana é uma aspiração da liberdade; esta é o verdadeiro apelo, o estímulo, a razão de ser de uma sociedade. A ordem não é um principio moral; é apenas um factor preexistente e indispensavel ao conceito social; não percorreu o homem... A liberdade é como a propria vida, harmonia existirá por momentos, nasce e cresce na dor... mesmo num regime de escravos de senhores, mas será instável, e sem liberdade não há ordem possível; a busca e a realização da liberdade como fundamento da solidariedade não o fim de toda a existência. Mas para si chegar, que caminho não pode haver sociedade sem ordem, como cálculo sem numero; a harmonia existirá por momentos, nasce e cresce na dor..."



Placa existente na casa em que Graça Aranha escreveu a "Viagem Maravilhosa", e ali posta por iniciativa da Fundação Graça Aranha

UM CENTENÁRIO - Graça Aranha

"Mas isto é uma revolta!..."
 O primeiro exclamava há um século, na data que hoje comemoramos, o neto de São Luís, percorrendo com passo trêbuçado e inchante as luxuosas salas do palácio de Versailles, ao rei de França tinha chegado o eco da tempestade popular, que retumbava em Paris arrastando as levantes navais da Bastilha, reboando baluarte do absolutismo real, que ali estava inerte e letárgico atestando a onipotência do despotismo.

Na encenação do terror, Luís XVI, fraco e covarde, perde a cabeça, e não foi bem claro a significação grandiosa daquela rebelião insólita de escravos. Não era um lamulão; era, porém, alguma coisa mais seria do que uma simples revolta popular, mais terrível do que um motim inconsciente de povo. Era o primeiro ato de uma tragédia, que se desenrolou depois: era a Revolução, que faz uma enorme erupção vulcânica sobre a plebe sacudida de seus ombros a peso de muitos séculos.

A revolução, que em 1789 começou a abalar a França, como todo fenômeno social, não irrompeu inconsciente e sem causa. A revolução, antes de ser sentida pelo elemento popular, já inspirava a alma dos grandes homens, assim como numa viagem que nos empurra a natureza, o sol ao romper as brumas do horizonte doba primeiramente os cumes das montanhas e a luz depois vai descendo pouco a pouco das eminências...

Já havia algum tempo que uma amargura dolorosa transparecia no espírito ridente do francês; a sociedade caminhava para o seu completo descalabro; haviam-se amontado os infortúnios de um povo oprimido. A desorganização lavrava por toda a parte, na administração entregue aos caprichos pueris de uma corte cercada de vândalos, embriagados de favores; na sociedade entregue às preocupações da ganância e com o vício a malar-the a selva; na família desvirtuada de sua missão, bela e grandiosa.

A solução revolucionária da crise que corria os alicerces da velha organização impunha-se a todo espírito, a que acumulados opressões faziam haver na própria cetera seiva para reagir. A 14 de julho, com a tomada da Bastilha pelo povo, derrocava-se também o passado, e traçava-se uma nova ordem de coisas. Começou a revolução; no princípio fora uma dor e nervosa euforia que, transmitindo-se, eletrizava a todos; era a gargalhada febril do po-

vo. Na assembléa a eloquência dos oradores incitava ao entusiasmo, ao delírio; em todos os ânimos percorreu, imperioso, o mesmo desejo de abnegação, a nobreza, num estoicismo admirável, fazia ostentação da abdicação de seus privilégios, o cleiro inspirado em idéias liberais, a burguesia regenerada e confiante, o próprio rei despiu a majestade, o envoltório do despotismo. Tudo isto, porém, tornou-se inútil, para preencher o vácuo do grande abismo, que o povo do Paris cavara, era preciso mais, muito mais. Foi então que apareceu o último ato dessa tragédia de desfecho límpido; crueza-se os cadáveres, e guilhotina decepará inúmeras vítimas, cujo sangue regava o solo da pátria. Eclipsou-se aquele primeiro riso da euforia, vieram os momentos lúgubros, e com eles a lágrima. Essa dor, porém, foi necessária e foi boa, porque, na frase de um pensador italiano, a dor educa os homens e os povos, a dor faz reaparecer em nós uma consciência já perdida.

É a consciência readquirida sob o estertor da agonia não foi de uma nação isolada, foi de uma raça, ou ainda mais, porque a revolução era universal e difundida por toda a parte as novas idéias. Chegou naquela época o momento em que o povo, que já tinha a consciência civil e religiosa, com a rei e com o papa, começou a ter consciência de si mesmo. Na idade média, repetindo os conceitos de um comentarista, o papa era o estado, assumia por si todo poder, todo saber; depois o estado foi o rei, e essa afirmação revolucionária teve a vida e teve a força da fé, que operou milagres e trouxe a vitória. O povo na revolução francesa também afirmou a si próprio, negou os privilégios, negou a nobreza, negou a divindade, negou as preeminências, não prevaleceu senão ele que foi rei soberano, e deusa Razão.

Na evolução histórica, depois do claricismo, depois da realidade, vem a democracia. A revolução francesa, revolução da raça latina, e finalmente revolução universal, abalou consubstancialmente tudo, reformou os costumes, reformou os usos, as leis, fundamentou os direitos modernos; a sociedade retemperou-se em uma nova forma, reconstituiu-se num novo organismo.

Da terra regada pelo sangue das vítimas, sacrificadas ao futuro indomável das revoluções, mais viciosa e mais pura brotou a nova civilização; e hoje, amorticados, e mesmo apagados todos os ódios, o mundo inteiro celebra o grande fato, numa glorificação universal.

Em 14 de julho de 1789, há cem anos, na França houve uma explosão de luz.
 ("Diário da Manhã", de Campos — 14-7-1939).

A estética de Graça Aranha

(Continuação da página 154)
 para si um paraíso no meio do "terror cósmico". Em suas frases: de sentido maravilhoso, enfeitando conceitos felizes, o que vale não é uma filosofia procura da verdade, mas uma ardente busca da beleza. Por vezes a beleza toma forma tão envolvente que a ela se adapta sem esforço a verdade.

Ocupamo-lo ainda: "A beleza em si, certamente, não existe, mas resta-nos a suprema aspiração estética. A idéia absoluta se extingue no oceano infinito dos fragmentos do Universo... Fica a aspiração, fica o desejo de que tudo seja belo, e nessa aspiração, nesse frêmito, está o segredo da arte, a transformação do Universo em uma estética pura".

Esse admirável artista que a todos distribua a mãos largas a sua simpatia; porém, eu, como grande parte dos revoltados de então, caminhava em sentido contrário à sua resplendente diretriz.

A ESSÊNCIA DA ARTE

Graça Aranha

Todo o conhecimento do Universo é estético, desde que não se pode explicar cientificamente a substância. Dos contactos, que nos vemos pelos sentidos, resultam sentimentos vagos, que nos levam à indistinção no Todo infinito. É a essência da arte. O artista é aquele que possui e transmite esses sentimentos vagos, transcendentais, e realiza na obra de arte a fusão do seu ser no Universo.

Contra a Academia - Graça Aranha

A fundação da Academia foi um equívoco e foi um erro. No sentido em que comumente se entende ser uma academia, é esta um corpo de homens ilustres nas ciências, nas letras e nas artes, consagrados pelo talento e trabalhos, sumos do espírito de uma cultura voltada para as academias são destinadas a zelar tradições e apoiar um povo culto, do que são os expoentes. Diante desse conceito, a Academia Brasileira foi um equívoco. Somos um povo inculto, sem tradições literárias ou artísticas, ou pelo menos de tradições mediocres, que seria melhor se apagassem. O fato de haver raros escritores ou artistas de primeira ordem não forma uma tradição. E é ridículo supor que as tradições são criadas pelas academias. A tradição não é um artifício. Vem do inconsciente coletivo e, se tem força para impor-se no curso do tempo, viverá a despeito das academias. O equívoco permaneceu, porque geralmente se imagina que um país de Academias literárias alimenta-se de um vasto manancial de produção, que é preciso reger e disciplinar. No Brasil não existe tal produção. A Academia está no vácuo. Não tem função possível a exercer, segundo a tradição acadêmica. E se tem a função de regulamentar a inteligência e criar o academismo, ela é funesta. Foi o seu erro inicial.

Para justificar-se a sua fundação evocou-se a necessidade de defender o Passado "que ameaça ruína, diante do Futuro que não tem forma". Como em toda a criação, no princípio era o terror... O passado é uma floção. Não o criamos, o interpretamos e o deformamos. Não tem realidade objetiva. A sua existência é a sua personalidade são inteiramente subjetivas. Sob este ângulo relativo e realista, o Passado não existe livremente. É uma sugestão do terror. Como função social é a soma de deuses, de monstros, de fetiches, que se disfarçam em regras, métodos, gramáticas para nos governar e nos limitar. O Passado é o pavor, que perdura em cada um de nós. Se pudessemos dominá-lo, vencê-lo em nosso espírito, contemplá-lo com alma de vencedor, altiva e com justiça, saberíamos extrair das suas expressões, o encanto e a lição. A nossa vida existe verdadeiramente no excedente da herança que recebemos. O que vivemos do passado não é nosso, não somos nós. A nossa vida começa exatamente no ponto em que se inicia a nossa libertação, ou já no

esforço que fazemos para nos libertar das nossas heranças espirituais. Só daí em diante começamos a viver "a rosa" pessoalidade. Aquela que não tem forças para essa libertação, para criar a sua vida e fazer dela uma força nova, esse na sua humilde submissão não é um homem vivo. É espectro do passado.

A Academia será uma reunião de espíritos? Mas por que deusa saia, como no túmulo das múmias, a tradição gravou para deleite dos espíritos, além da morte, o que em vida eles amaram e fizeram as suas delícias intelectuais, os versos, os dísticos dos clássicos, as glosas dos arcades, as baladas românticas, as deformações do sentimentalismo, as rimas gramaticais? Ou neste Brasil, que programam converter em uma China literária para império de todas as velhices, a Academia será uma casta de imortais em um país de imortais?

Para que fomos criados, a que alta e vigorosa missão fomos chamados do nosso caos intelectual? Para defender a tradição. Tradição de que? Do espírito nacional? Mas isto não é função de Academias. O espírito nacional defende-se por si mesmo ou morre. Tradição da nossa literatura? Ela felizmente é incerta, em infinita formação, e neste período alucinante de aspiração, o mal acadêmico poderá matá-la. A nossa missão é manter a ordem nos espíritos, nas artes, nas letras? Seria uma finalidade inútil, porque a ordem é da essência da vida. Não há coexistência sem ordem. O que chamam desordem é uma abstração sem valor lógico. No sentido absoluto, a ordem é o ritmo do universo, a sua fatalidade. É como a energia, a matéria, a inteligência. A liberdade, essa não é da essência das coisas. É uma relatividade humana, que forçamos a existir para a nossa ilusão criadora.

O segundo erro da formação da Academia foi copiar a Academia Francesa. A imitação é uma prática brasileira. Em tudo renunciámos à energia de criar para fazermos simplesmente a cópia, que mal se aceita a nossa índole e ao nosso ambiente. Copiando a Academia Francesa, fizemos logo ao nosso ato de submissão e passamos a ser reflexo da invenção estrangeira, em vez de sermos dinamizador e original da cultura brasileira. Somos excessivamente quantitativa imortais, com sagração ex-

gerada para tão pequena literatura. Justificou-se o quadro ferjado-se inconspicuamente um "simulacrum" com a adoção do metro, que também nos veio da França, cuja única vantagem foi tornar maior o quociente dos mortos e o divertimento das eleições mais repetidas. Pelo fato de sermos uma Academia não significa devermos reproduzir o figurino francês. A Inglaterra não adotou o sistema métrico, fundou afinal uma Academia, mas fez obra própria e não a copia servil. A nossa Academia é brasileira. For que brasileira? Para ser um instrumento enérgico da formação nacional, uma salvadora do espírito brasileiro. A sua aplicação foi um erro, mas já que existe que viva e se transforme. Há uma vida espiritual intensa, que a Academia desconhece. Deixemos entrar aqui um sopro dessa vida para despertar-nos da sonolência em que afundamos. O Brasil é movel. Todo o Universo move-se, transforma-se perpetuamente. O espírito do homem corre como a matéria universal. A energia é a vida única, disse o místico. É a essência da vida. A energia brasileira apressa-se da terra e funde-a. Secam-se os vales de lágrimas da tristeza romântica e o otimismo alegre a ressurreição. Tudo vive espiritualmente. Só a Academia traz a face da morte.

Ao iniciar-se a criação acadêmica lamentou-se cautelosamente não ter a Academia força para instituir um estilo acadêmico, como toda a arte francesa, convencional, acabado, perfeito. É para esse estilo acadêmico que por uma fatalidade institucional caminhamos e o atingirmos sem a rajada de espírito moderno não tivéssemos levantado contra ele as coisas desta terra informe, paradoxal, violenta, todas as forças ocultas do nosso caos. Só elas que não permitem a língua estratificar-se e que nos afastam do falar português e dão à linguagem brasileira este maravilhoso encanto da slúvio, do esplendor solar, que a tornam a única expressão verdadeiramente viva e feliz da nossa espiritualidade coletiva. Em vez de tendermos para a unidade literária com Portugal, alarguemos a separação. Não é hora perpetuar a vassalagem a Hercúlio e a Goett e a Camillo, como foi proclamado no asseor a Academia, que nos reunimos. Não somos a câmara mortuária de Portugal!

Em memória do escritor



Romarias de amigos de Graça Aranha ao túmulo do escritor, no Cemitério de S. João Batista

AS VOZES DO BRASIL - Graça Aranha

Tudo se harmoniza, espírito e natureza, no fulgurante ambiente brasileiro. O céu não é leve nem sutil para alimentar idéias de debil e fria beleza. Não é um céu clássico para cobrir acendidos. É um céu ardente, encandecido, longínquo e implacável, que aspira as forças da natureza, homens e coisas, os eleva, os engrandece e os dissolve na insuportabilidade da luz. O dinamismo brasileiro tem o seu auge na profunda harmonia com as forças do universo, que aqui se apresentam fecundas, céleres, volúctas, vorazes. Não percamos o equilíbrio neste jogo ariscado com a eternidade.

Sob este céu, encerrados neste quadro da energia tropical, debatem-se os espíritos dos homens. A margem desta bacia, que a mar fecunda e que a terra contempla numa elevação estática, os sonhos das jovens brasileiras se cruzam. Tudo é nítido no espaço ardente; a água lisa espelha, as ilhas refletem, as casas inflamam-se, vapores, cúpulas, navios, zimbórias, azulejos, pedras, árvores, tijolos, barcos, tudo pesa e tudo se agita. É o movimento universal na quitação luminosa. Na ânsia de posse da Terra e de libertação espiritual, uma voz divi:

minha alma não se harmoniza com esta luz... das forças da natureza. A consciência antiga separa-me do Tudo e ajusta-me da terra descomulgada. Volo as asas do meu espírito. Os meus olhos fecham-se a esta luz apressada e só vejo a claridade serena, que ilumina o almo dos meus antepassados europeus. Torço a terra anágora da civilização, rotacionando no mundo clássico, como que se harmoniza o meu pensamento. Há uma voz límpida no passado, que é a atração da morte.

Outra voz responde: "Este é o meu Brasil. A nossa missão é imortalidade. Nada

me afasta da sua energia transcendente, que vibra na minha alma e alegria a minha fusão com esta terra exaltada e fascinante. Os meus olhos não se voltam para o Oriente, de onde vieram os meus antepassados, eles só fixam a imensidade da terra, que atança para o Ocidente, e é um dom da energia da minha raça. Repilo os artificios do Passado, deslocado nesta feliz magnificência sem história, sem antiguidade humana. Destruo toda esta arquitetura de importação literária, grega, romana, colonial, servil. Destruo toda esta escultura convencional e imbecil, esta pintura mofoza.

Destruo toda esta literatura acadêmica, romântica, literária que só é literatura e não vida e energia. Construo com o granito, com o ferro, com a madeira, que a terra prodiga me oferece, a morada simples, clara, forte, graciosa do brasileiro. Ergo as pedreiras, as silbéricas, as cascações, os galpões, não copando as nossas florestas, os nossos montes, mas com a força dinâmica libertadora do espírito moderno, que era coisa própria. Recoelho a língua do meu povo e transformo a sua poesia em poesia universal. Faço da minha atualidade a forja do Futuro.

A CHUVA DEPOIS DA SECA - Graça Aranha

Já no dormitório os trabalhadores resonavam sobre os colchões estendidos no chão, e Joca ainda se remexia inquieto, sem poder dormir. Era uma noite em claro que ele passava; tinha a garganta seca, sentia por vezes a pele a arder, e não achava agasalho na cama faja e tranqüila. A evocação da terra natal ali no meio da floresta do rio Doce, estranha a seus olhos e sentimentos fazia-o rememorar aos quadros da sua vida passada no lugar do nascimento, nesses campos de Cofajupó, vários e inconstantes, cuja mobilidade se transmitia à alma plástica dos homens aí formados. No Espírito Santo sentiu-se Joca em terra alheia; os montes o apertavam, os desfiladeiros o sufocavam de terra, e então uma saudade o transportava para a longa planície onde vivera. Via no verão o pasto todo morto; o amor violento do sol fazia o vasto campo lúcido e cortado em pedacinhos, sem um fio verde; por toda a parte a secura e com ela a morte. Nem uma gota d'água: o deserto árido e triste, e sobre ele a passara, arrastando-se lento, aguilão, sinuoso, o caminho feito pelo pé do homem e pelo rasto do animal. Nos dias chuvosos, sem nuvens, quando todos replicam chuva, o horizonte se confunde com o céu. Outros vezes, nuvens desceem quase a tocar a terra, o sol rubro as ilumina, as miríades se formam esboçando o círculo visual. Tudo se encerra num espaço limitado e o viajante caminha para trás, que se ajustam instantaneamente, fazendo evoluções como um exército em campo aberto. E assim a mobilidade do céu ameniza a esterilidade fixa da terra. Nem uma gota d'água para refrescar ao menos a vista. De espaço a espaço passa um boi faminto, esquelético, tocando os ossos num ruído, desconcertado e surdo. Várias de porcos vão foscando a terra, comendo as cobras que se estendem límbicas e felizes ao sol. Manadas de gado se apressam no horizonte, como que surgindo súbitas do chão, galopando loucamente, farejando e ar, daltas, sedentas, passando com torbidão como um ciclone, levantando o pó tranqüilo que, perturbado no seu repouso, se segue, envolvendo-as, sufocando-as, envolvendo, retaz e cobrindo, empacotando a terra rubra como uma colona de



fogo... Ao recordar-se dessas emigrações de animais, Joca teve um arrepio e um ímpeto para se erguer da colchêta, onde se revolvia agitado. E sempre a terra, a visão da planície o perseguia. Agora, era depois das primeiras chuvas sobre o campo. Uma manada lá no Cofajupó (Joca lembrava-se como se fora na véspera) acordara depois de uma grande tormenta no fim do verão. A medruspada estava ovalhada, mas serena, e ele se erguera de sua rede para ver o tempo. Um

grande lapete de verdura fresca e úmida parecia ter descido do céu e coberto como um manto misterioso o campo ontem mirrado... Os olhos perdiam-se na campina negra; o gado festejava o redentor da vida na terra e corria a erra tenro; um bando de marrecos passava grunhindo, e o pastor aqui, levantado a rido acido, buscava ainda mais longe a repêlo dos eternos lapos... Dias metros de chuvas e o pasto agora era furo, a água perfuma em vendido, e quando mais tarde o dilúvio se interrompia, iam-se no resto sarava verde pontos cegos que eram o resplendor dos olhos. Eram os primeiros lapos. Em volta deles uma multidão de aves aquáticas brincavam descevidas e estovavam as pernas de cores raras e quentes. Vinham passaros de toda a parte; peraltas com o seu bico de culber, marrecas em algarazara, jassanais leves e tímidos; e à tarde, quando o céu se vestia de nuvens encinadas, naves se desfilavam. Ora o bando marcial e rubro dos guardas, ora a alta virginea e branca das garças... No fundo dos lagos

multidões de peixes borbulhavam por encanto. E o em tudo o mesmo milagre de ressurreição, de rejuvenescimento, de expansão e de vida. Mas as chuvas continuavam, a água sempre crescente vai engolindo o campo, o gado mostra-se inquieto e começa a outra emigração, a do inverno, para os teos. Vivaceras elevações da planície. Uvalentos e saparosos, ou aproveitando a terra firme, os metidos náguas, ou nadando, mas sem recuar, caminhando para os refúgios. Já no meio do inverno

a água quase apouca o campo, um ou outro ponto aparece como ilha e nelas o gado se amontoa. Em um grande lago manso, transformou-se aquilo que fora meses antes o deserto ardente e feroz. Sobre ele repouam os grandes nenúfares, as múltiplas plantas aquáticas verdes, largas, bogando como péssaras. A vida mudara; desconheciam os cocheteiros e Joca sentava-se a empurrar a canoa, refletindo-se o seu vulto espigado à flor silenciosa das águas...

O PRINCÍPIO DO AMOR - Graça Aranha

O princípio do amar me sustenta e protege. Eu sou daqueles que formo por ele consolados... In terminar o drama interno do meu espírito e concluir-se a passagem dolorosa de um estado de moral hereditária para uma consciência pessoal. Refletindo sobre a condição humana, o meu pensamento se esclareceu, quando vi a marcha da humanidade partindo do escrivão inicial... No princípio era a cóis; massas infernos opacitavam-se como manchas de nebulosas cobrindo a Ter-

ra; pouco e pouco desta confusão cósmica os homens se destacaram, e os personalidades surgiram, enquanto os outros ainda jazam inf. mas na notéria geradora. Mas um dia chegou também para estes a hora de criar; e amar os reclamou à vida, pois criar homens é a sua obra. Um dia zora a subordinação de tudo a todos para maior liberdade de cada um. É a parábola que descreve o vida, do grande escrivão para o maior individualidade.

E MAR - Graça Aranha

Sob o frígida pelo azul do mar, o corpo fremente. Mar do amor. Ardentes vagas, onças do desejo. Esquite negro correndo sobre a fonte profunda e misteriosa do vida. Funeral. Cadáveres de ninfas, netunos, adomastores, tritões boim retoricamente ao extinto canto das serenas. Música alegre dos ventos subméticos. A vida vem do mar. A vida faz-se Amor, fusão no Tudo infinito. Sonaridade universal. Zumbidos,

murmúrios, luz esmagadora, pedras, aves, montanhas concentradas, palmicras espirituais, águas travessas, ilhas de ouro, veias pensativas, fumas incoletas. Exaltação. Movimento perene. Transfiguração. Vento que é desejo; água, infinito; nuvens, imaginação; sol, estupor; amor, êxtase. Húbio infatigável. O pensamento abisma-se na inconcórdia do Universo. Eternidade.

A emoção estética na arte moderna - Graça Aranha

O ENTERRO DO VELHO

(Continuação da pag. 149)

(Conferência com que foi inaugurada a Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo, em Fevereiro de 1922)

PARA muitos de vós o curioso e sugestivo expozição que gloriosamente inauguramos hoje, é uma aglomeração de "horrores". Aquel Gênio suplicado, aquela humen amoroza, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem inverídica, se não são jogos da fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvariadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto. Outros "horrores" vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mais transcendente, virão revoltar aqueles que se ageram movidos pelas forças do Passado. Para estes retardatarios a arte ainda é a Bela.

Nenhum preconceito é mais perturbador à concepção da arte que o da Beleza. Os que imaginam o belo abstracto são suggestionados por convenções forjadoras de entidades e conceitos estéticos sobre os quais não pode haver uma noção exata e definitiva. Cada um que se interessa a si mesmo e responde que é a beleza? Onde repousa o critério infalível do belo? A arte é independente deste preconceito. É outra maravilha que não é a beleza. É a realização do nosso integração no cosmos pelas emoções derivadas dos nossos sentidos, vagas e indefiníveis sentimentos que nos vem das formas, dos sons, dos cores, dos toques, dos sabores e nos levam à unidade suprema com o Todo Universal. Para ela sentimos o Universo, que a ciência decampou e nos faz somente conhecer pelos seus fenômenos. Por que uma forma, uma linha, um som, uma cor nos comovem, nos exaltam e transportam ao universal? Eis o mistério da arte, insólvel em todos os tempos, porque a arte é eterna e o homem é por excelência o animal artista. O sentimento religioso pode ser transmutado, mas o senso estético permanece inextinguível, como o Amor, seu irmão mortal. O Universo e os seus fragmentos são sempre designados por metáforas e analogias, que fazem imagens. Ora, esta função intrínseca do espírito humano mostra como a função estética, que é a de ideal e imaginar, é essencial à nossa natureza.

A emoção geradora da arte ou a que esta nos transmite, é tanto mais funda, mais universal quanto mais artista for o homem, seu criador, seu intérprete ou espectador. Cada arte nos deve comover pelos seus meios diretos de expressão e por eles nos arrebatou ao infinito.

A pintura nos exaltou, não pela anedota, que por acaso ela procure representar, mas principalmente pelos sentimentos vagos e inteiros que nos vem da forma e da cor.

Que importa que o homem amarelo ou a paragem louca, ou o Gênio angustiado não sejam o que se chama convencionalmente reais? O que nos interessa é a emoção que nos vem daquelas cores intensas e surpreendentes, daquelas formas estranhas, inspiradoras de imagens e que nos traduzem o sentimento poético ou satírico do artista. Que nos importa que a música transcendente, que vamos ouvir não seja realizada segundo as fórmulas conhecidas? O que nos interessa é a transfiguração de nós mesmos pela magia do som, que exprimirá a arte que está a Arte. É no sentimento vago da Infinito que está o soberano emoção artística derivada do som, da forma e da cor. Para o artista a natureza é uma "fuga" plena no Tempo imaginário. Enquanto para os outros a natureza é fixa e eterna, para ele tudo passa e a Arte é a representação densa transformação incessante. Transmitir por ela as vogas emoções absolutas vindas dos sentidos e realizar nesta emoção estética a unidade com o Todo, é o supremo alegria do espírito.

Se a Arte é inseparável do homem, se cada um de nós é um artista mesmo rudimentar, porque é um criador de imagens e formas subjetivas, a Arte nos suas manifestações recebe a influência da cultura do espírito humano.

sempre precedida de um movimento de ideias gerais, de um impulso filosófico, e a filosofia se faz Arte para se tornar Vida. Na antiguidade clássica o surto da arquitetura e da escultura se deve não somente ao meio, ao tempo e à raça, mas principalmente à cultura matemática, que era exclusiva e determinou o ascendente dessas artes da linha e do volume. A própria pintura dessas épocas é um acintuado reflexo da escultura. No renascimento, em seguida à perquirição analítica da alma humana, que foi a atividade predominante da idade média, a humanismo inspirou a magnífica floração da pintura, que na figura humana procurou exprimir o mistério das almas. Foi depois da filosofia natural do século XVII que o movimento pontilístico se estendeu à Arte e à Literatura e deu à Natureza e a personificação que na poesia e na pintura da paisagem. Rodin não teria sido o inovador, que foi na escultura, se não tivesse havido a precedência da biologia de Lamarck e Darwin. O homem de Rodin é a antropóide aperfeiçoada.

E eis chegado a grande enigma que é o de precisar os origens da sensibilidade na arte moderna. Este supremo movimento artístico se caracteriza pelo mais livre e fecundo subjetivismo. É uma resultante do extremado individualismo que vem na voga do tempo há quase dois séculos até se exprimir em nossa época, de que é feição avassaladora.

Desde Rousseau o indivíduo é a base da estrutura social. A sociedade é um ato da livre vontade humana. E por isto conceito se marca o ascendente filosófica da Condillax e da sua escola. O individualismo freme na revolução francesa e mais tarde no romantismo e na revolução social de 1848, mas a sua libertação não é definitiva. Esta se veio quando o darwinismo triunfante desancou o espírito humano dos seus pretendidos origens divinos e revelou o fundo da natureza e as suas tramas inexoráveis. O espírito do homem mergulhou neste insondável abismo e procurou a essência das coisas. O subjetivismo mais livre e desancou germinou em tudo. Cada homem é um pensamento independente, cada artista exprimirá livremente, sem compromissos, a sua interpretação da vida, a emoção estética que lhe vem dos seus contactos com a natureza. É toda a magia interior do espírito que se traduz na poesia, na música e nas artes plásticas. Cada um se julga livre de revelar a natureza segundo a própria sentimento libertada. Cada um é livre de criar e manifestar o seu sonho, a sua fantasia ínfima desancouada de toda a regra, de toda a sanção. O canção e a lei são substituídos pela liberdade absoluta que nos revela, por entre m.: extravagâncias, maravilhas que são a liberdade saba gerar. Ninguém pode dizer com segurança onde o erro ou a loucura na arte, que é a expressão do estranho mundo subjetivo da homem. O nosso julgamento está subordinado aos nossos variados preconceitos. O gênio se manifestará livremente, e esta independência é uma magnífica fatalidade e contra ela não prevalecerão os acadêmicos, as escolas, as arbitrariedades regras do nefanda bom gosto, e do infelicado bom senso. Temos que aceitar como uma força inexorável a arte libertada. A nossa atividade espiritual se limitará a sentir na arte moderna a essência da arte, aquelas emoções vogas transmitidas pelos sentidos e que levam a novo espírito a se fundir no Todo infinito.

Este subjetivismo é tão livre, que pelo vontade independente do artista se torna na mais desinteressada objetivismo, em que desaparece a determinação psicológica. Seria a pintura de Cezanne, a música de Stravinsky reagida contra o lirismo psicológico de Debussy procurando, como já se observou, manifestar a própria vida do objeto no mais rico dinamismo, que se passa nas coisas e na emoção do artista.

Esta talvez seja e acentuação da

modo, porque nesta arte moderna também há a vaga da moda, que até certo ponto é uma privação da liberdade. A tirania da moda, declara Debussy envelhecido e semi do seu subjetivismo transcendente; é a tirania da moda reclama a sensação forte e violenta da interpretação construtiva da natureza pondo-se em íntima correlação com a vida moderna na sua expressão mais real e desabuada. O intelectualismo é substituído pelo objetivismo direto, que, levado ao excesso, transbordará do cubismo no dadaísmo. Há uma espécie de jogo divertido e perigoso, e por isso sedutor, do arte que zomba da própria arte. Desta zombaria está impregnada a música moderna que na França se manifestou no sarcasmo de Eric Satie e que o grupo dos "sis" organizou em atitude. Nem sempre a fatura desse grupo é homogênea, porque cada um dos artistas obedece fatalmente, aos impulsos misteriosos do seu próprio temperamento, e assim mais uma vez se confirmou a característica da arte moderna que é do mais livre subjetivismo.

É prodigioso como as qualidades fundamentais da raça persistem nos poetas e nos outros artistas. No Brasil, no fundo de toda a poesia, mesmo liberta, jaz aquela porção da tristeza, aquela nostalgia irremediável, que é o substrato da nossa lirismo. É verdade que há um esforço de libertação do mais melancólico, e a poesia se distancia na amargura do humorismo, que é uma expressão de desencantamento, um permanente sarcasmo contra o que é e não devia ser, quase uma arte do vencido. Reclamosos contra essa arte imitativa e voluntária que dá ao nosso "modernismo" uma feição artificial. Luvemos aqueles poetas que se libertam pelos seus próprios meios e cujo força de acção lhes é intrínseca. Muitos deles se deixaram vencer pela morbida nostalgia ou pela amargura da força, mas num certo instante o toque da realidade lhes chegou e eis-lhes livres, alegres, senhores da matéria universal que tomam em matéria poética.

Destes, libertados da tristeza, do lirismo e do formalismo, temos aqui uma pleiade. Basta que um dos canção, será uma poesia estranha, nova, olada e que se faz música para ser mais poesia. De dois deles, nesta promissora noite ouvireis as derradeiras "imaginações". Um é Guilherme de Almeida, o poeta de "Messias", cujo lirismo se distia sutil e fresco de uma languinha e vago nostalgia de amor, de sonho e de esperança, e que, sorrindo, se evola da longa e doce tristeza para nos dar nas Canções Gregas o mago de uma poesia mais livre do que a Arte. O outro é o meu Ronald de Carvalho, o poeta da epopéia da "Luz Gloriosa" em que todo o dinamismo brasileiro se manifesta em uma fantasia de cores, de sons e de formas vivas e ardentes, maravilhoso jogo de sol que se torna poesia! A sua arte mais aérea ag., os seus epigramas, não definha no frívolo virtuosismo que é o folgado do artista. Ela vem da nossa alma, perdida no asombro do mundo, e é a vitória da cultura sobre o terror, e nos leva pela emoção de um verso, de uma imagem, de uma palavra, de um som à fusão do novo ser no Todo infinito.

A remodelação estética do Brasil iniciada na música de Vila-Lobos, na escultura de Brecheret, na pintura de Di Cavalcanti, Aníria Molffen, Vicente de Rego Monteiro, Zina Aita, e no jovem e audaz poesia, será a libertação da arte dos perigos que a ameaçam do inoportuno arcaísmo, do acadêmico e do provincialismo.

O regionalismo pode ser um material literário, mas não o fim de uma literatura nacional aspirando ao universal. O estilo clássico obedece a uma disciplina "que paira sobre as coisas e não as possui". Ora, tudo aquilo em que a Universo se fragmenta é nosso, são os mil aspectos do Todo, que a arte tem que recompor para lhes dar o

unidade absoluta. Uma vibração íntima e intenso aníma o artista neste mundo paradoxal que é o Universo brasileiro, e ela não pode desenvolver nas formas rijas do arcaísmo, que "é o sarcófago da possibilidade. Também o acadêmico é a morte pelo frio, da arte e da literatura".

Ignora como justificar a função social da Academia. O que se pode afirmar para acendê-la é que ela suscita o estilo acadêmico, constrange a livre inspiração, retira o jovem e ardoroso talento que deixa de ser independente para se vasar no molde da Academia. É um grande mal na renovação estética do Brasil e nenhum benefício trará à língua esse espírito acadêmico, que mata ao nascer a originalidade profunda e lucubradora do nosso floresta de vocábulo, frases e ideias. Ah! se os novos escritores não sensassem na Academia, se eles por sua vez o mantivessem em suas almas, que desartem inveno para o magnífico surto do gênio, enfim libertos de mais esse terror. Esse "academismo" não é só dominante na literatura. Também se estende às artes plásticas e à música. Por ele tudo o que o nosso vida oferece de enorme, de esplêndido, de imortal, se torna mediocre e triste.

Onde o nossa grande pintura, o nossa escultura e a nossa música, que não devia esperar a magia da arte de Vila-Lobos para ser o mais sincera expressão do nosso espírito divagando no nosso fabuloso mundo tropical? E, no entanto, eis a paisagem brasileira. É construída como uma arquitetura, são planos, volumes, massas. A própria cor da terra é uma profundidade, os vastos horizontes absorvem o céu e dão a perspectiva do infinito. Como ela provoca a transposição pela arte, que lhe dá no máximo realismo a mais alta idealidade? Eis as nossas gentes. Saem das florestas ou do mar. São os filhos da terra, moveis, agéis como os animais, cheios de pavor, sempre em desafio do perigo, e, no impulso do sonho, atucados pela imaginação, caminhando pela terra no ansio de conhecer e possuir. Onde o arte que transfigurou genialmente essa perpétua mobilidade, essa progressão infinita do alma brasileira?

"Da libertação do nosso espírito sairá o arte vitoriosa". E os primeiros anúncios da nossa esperança são os que oferecemos aqui à vossa curiosidade. São estas pinturas extravagantes, estas esculturas obscuros, esta música alucinada, esta poesia aérea e desarticulada. Maravilhosa aurora! Deve-se acentuar que, exceto na poesia, o que se fez antes disto na pintura e na música é inexistente. São pequenas e tímidas manifestações de um temperamento artístico apavorado pela dominação da natureza, ou são transplantações para o nosso mundo dinâmico de melodias molinos e lânguidas, marcadas pelo metro acadêmico de outros gentes.

O que haja fixamos não é a renovação de "uma arte que não existe". É o próprio comovente nascimento da arte no Brasil, e como não temos felizmente a perda do sonho do passado para matar o germinação, tudo promete uma admirável "floração" artística. E, libertos de todas as restrições, realizaremos na arte a Universo. A vida será, enfim, vivida na sua profunda realidade estética. O próprio Amor é uma função da arte, porque realiza a unidade integral do Todo infinito pela magia dos termos do ser amado. No universalismo da arte estão a sua força e a sua eternidade. Para sermos universais, façamos de todas as nossas sensações expressões estéticas, que nos levam à aristocrática unidade cósmica. Que a arte seja fiel a si mesma, renuncie ao particular e foca cessar por instantes a dolorosa tragédia do espírito humano desvariado no grande exílio da separação do Todo, e nos transporte pelos sentimentos vogas das formas, das cores, dos sons, dos toques e dos sabores à nossa gloriosa fusão no Universo.

avancando impávidos para o cadáver, que os trabalhadores extenuados já lhes queriam abandonar.

— Não! gritou zangado Felicíssimo. Não! Havemos de enterrar o pobre velho... Era só o que faltava, seus miseráveis!... Pega enxada!

E o cearense agarrou também numa delas e começou a cavar a cova. Muitos, murmurando, obedeçeram. Alguns, porém, ficaram enxotados as aves.

— Mais funda! ordenou ainda o agrilheiro. Assim, os urubus o desenterrariam... Faz do ver uma pobre criatura de Deus desamparada, sem ninguém neste mundo, comido por estesJUSTOS...

Em breve a cova ficou pronta e nela enterraram o imigrante caçador. Felicíssimo ajoelhou-se e rezou: — Padre nosso, que estais no Céu... Dominados por uma compaixão súbita e estranha os homens rudes ajoelhavam-se e de chapéu na mão, tristes acurruados em face da morte, que só agora se lhes revelava, rezavam. Depois, mudos, encheram a cova de terra. A medida que o cadáver ia sendo coberto, remontavam os urubus um a um às alturas secretas...

Naquela noite, quando os trabalhadores da turma de Felicíssimo se reuniram à porta do barracão, ouviram na mata um clamor, uma roncaria aterradora, quebrando o silêncio berfanteja. Era uma vara de queixada que passava. E Joca explicou:

— Lá vão as almas dos cachorros, feitas caetetés para desenterrar e resuscitar o velho demônio...

Formava-se assim um novo mito no Rio Doce. Nas noites de tempestade ainda hoje, quando o caeteté matraça no mata, todos se recolhem medrosos, melancólicos, pensando nos cães encantados...

Que é espírito moderno?

Graça Aranha

Que é espírito moderno? No ardente e perpétuo movimento da sensibilidade e da inteligência, como distinguir a expressão inequívoca do momento fugitivo, o propulsor espiritual, que nos separa do Passado e nos arrebatou para o Futuro? Não será uma contradição pretender-se fixar o que só tem uma existência imaginária e só é abstração? Para o observador, que assiste à fuga do tempo, nada é atual; o Presente é uma Ilusão. Como as águas de um rio, em cada instante que passa, o espírito do homem não é mais o mesmo. Que ansia permanente em explicar o indefinível, em querer encerrar o tempo Ilusório em fórmulas, que fazem do Universo uma projeção da nossa própria personalidade? Tudo é movel, tudo se evai, e tudo se transforma. O espírito moderno é uma abstração. No momento em que o definimos e o captamos, entrou no passado. Os efêmeros humanos sentem esta impossibilidade absoluta, mas persistem fatalmente em buscar na mobilidade a eternidade.

"MALAZARTE" — João Ribeiro

Men caro Alberto de Oliveira, pense-me um dia destes, cheio de entusiasmo e de carinho, do *MalazarTE*, o livro que neste momento ocupa a atenção dos nossos intelectuais.

Para mim, o livro, que eu não conhecia ainda, vinha de alemão com a recomendação pouco simpática de que era um drama simbólico.

Pensei logo em Ibsen, e nos desenganos e desilusões que me trouxe aquela arte sem clareza e sem luz como o seu berço boreal quase noturno.

Lá, no crepúsculo norueguês, compreendo que se agitem puras idéias, lá onde não há formas e a pouca que há se perde ou se dilui na névoa, imbricada das linhas e das cores.

Mas aqui, sob o céu luminoso, que pela todas as coisas até a sua verdadeira anatomia, que as define até os mínimos arabescos, que viria fazer o vago uso indistinto da Escandinávia. Não pode ser, pensei eu.

E finalmente razão. De muito conhecíamos o autor de "Candide", o seu espírito de filosofia e de arte, bastante severos para que não pegassem um logro infantil.

Os rapazes novos satânicos, inventivos e alegres poder-nos-iam assombrar com as suas inovações estéticas. Já uma vez senti a necessidade de, como Calisto, maior aos setenta anos, estudar o grego para compreender a invasão helênica destes jovens heremites.

Mas aos rapazes basta a moção que, ao parecer de Meffistófeles, ao menos no inferno vale uma alma.

Confesso-te singelamente, não me agradam as obras de mera abstração e de puro espírito. O espírito sem a paisagem, ou o de Deus antes do gênio. A alma, ela sózinha, sempre me pareceu uma plenitude vazia ou um universo de seres invisíveis.

Nunca pude por isso ler um livro de filosofia, onde se tratam abstrações e outras maliciosas transcendências. Ao cabo de algumas páginas começo a reclamar alguma coisa, peço pelo menos um fantasma, um bafo em que me assente, e tenho o desejo de maior cegueira, despenho-me daquele mundo vazio.

Para mim aquelas chamadas páginas intelectuais parecem-me feições com a palhetada ultra-violenta dos físicos, fora, por conseguinte, do alcance comum dos sentidos.

Lembras-te do macaco da fábula que mostrava a "lanterna mágica"? ... Aqui é o Pantheon! (gritava o simio); aqui agora as "Nove Musas!"

O público escabichava a sombra, arregrava os olhos desordenadamente, mas nada via.

O fabulista explica e moraliza o caso: o macaco tudo havia feito e do melhor modo, apenas esquecera-se de acender a lanterna.

Pois bem. Aqui vai a confissão minha: já fui público desse macaco, e muito mais que o público, conseguí ver um plinto no panteon e uma musa ou talvez duas.

Ora, quando li o *MalazarTE* desiludi-me da prevenção com que o esperava.

Não era o símbolo norueguês. Senti de novo a luz da minha terra, o milagre de ressurreição da infância, das tradições, da vida e da natureza, sonora, colorida, completa, sinfônica.

Era o símbolo, se ainda o querem, mas inclinado cá nesta América, e que Auerbach chamava o outro mundo, no sentido cristão, isto é, o mundo que eleva os humildes, nobilita plebeus e enriquece os pobres.

Eu "MalazarTE" simboliza-se no mais nito grau o sentimento da vida pastural oposto ao da contabilidade urbana (que tudo são contos na cidade).

É um poema idílico.

É a própria poesia da natureza.

Eu bem sei que o autor de "Galathea" e de tantos primores que fariam inveja a Teócrito não acredita, menos do que eu, neste culto do autor do "MalazarTE".

Para os fatigados de civilização, para os cansados da vida culta, essa sedução da vida rústica é de certo o prazer maior, e é o desafago mais amplo. Dai a necessidade dos recantos bucólicos e campesinos onde só há o verde e o azul, as duas maiores manchas coloridas quase únicas do campo, onde o sol, relógio impreciso, marca apenas as largas horas do trabalho, poucas e largas, longe do tormento urbano, onde se contam os minutos, os segundos, os estílicos e relâmpagos do tempo.

Creio, pois, que há uma necessidade desses relógios, de um relógio no impreciso das coisas vagas, necessidade de aerizar as torturas e as lágrimas quotidianas nessa névoa longa e difusa.

Para o velho mundo essas lágrimas são demasiadas para quanta névoa quiserem, para quanta anestesia inventarem. Lá, esse simbolismo é um vício como o ópio, necessitado por uma decadência vintista, trinta vezes secular; é uma tentativa quase mecânica com que se feminizam as arestas da realidade estilizando-as em curvas mais temperadas e suaves.

Na antiguidade, as fábulas e o apólogos eram símbolos; mas, reparaste? foram inventadas pelos escravos.

Mas nós somos a liberdade e o sol.

Entre nós a moedade acerta e sem exame todas as novidades mais do velho mundo; e tendo estrelas próprias adora ainda as do outro hemisfério que não ascendem nunca ao nosso horizonte. Dobram assim o infinito que lhes não parece sobejo.

Não europeizámo-nos. Nós lhes levo a mal esse contágio quase obrigatório.

Em mim, que já envelheci, seria uma doença aguda e por isso perigosa; mas como as crianças de génio que já a beberram no berço, será agora uma doença crônica, e talvez uma segurança de vida.

Eis por que não diligenciar tentar tardamente a experiência.

Se não estou enganado o "MalazarTE" de Graeco Aranha teve intencionalmente uma auto-crítica preliminar. Conciente das suas forças e do seu génio, G. A. naturalmente estudou os meios por onde havia de criar uma grande obra de inspiração nacional. Pensa em Goethe (é sempre uma conjectura minha) que foi buscar ao fundo da tradição alemã a lenda de "Fausto".

Na obra do nosso escritor o ente legendário é um novo "Mefistófeles", um demónio popular, o MalazarTE.

Não houve imitação, mas sugestão apenas, ou semelhança de processos críticos.

Para que uma obra literária seja nacional há mister que se lhe assegurem todas as ressonâncias aliudadas naqueles a quem se destina. Instituída a crítica desta verdade, chegaríamos a um único residuo comum que se reparte por todo o povo e que é a sua própria alma, o seu "lore", segundo a expressão técnica, a seu modo de ver a vida, a sua literatura anónima.

É claro que não basta que um livro se funde na tradição para que imediatamente se comunique a todo o povo.

A teoria nada pode construir. Do cérebro à pena, da pena ao papel e do papel ao público, há um infinito de eliminatórias, de perdas e de estragos variáveis que ninguém pode prever ou sequer avaliar.

É certo, porém, que fora da

alma popular não há criação literária estável.

A outra fonte mais próxima da inspiração de G. A. foi a estupefata criação de Hauptmann (1).

Mas, ainda neste caso, não há imitação.

Tudo é diferente nos três autores. MalazarTE não é um Mefistófeles que linsime a sedução; é também por si mesmo Satan e Fausto. O que tem ambos em comum é o espirito destruidor e negativo. Ambos realizam a plenitude da vida, cimentada em destruições e ruínas alheias.

É a indiferença pelas vítimas.

Nada mais ilicito que o suposto direito de viver; a vida é sempre um "quantum" de energia e de outras vidas roubadas ao ambiente.

O direito de viver pode ser a ordem da natureza, mas é uma egolatria imoral.

MalazarTE, errante, avulso, solto do mundo e aereo como uma nuvem, se entra em contacto com a terra, em temperada, quando como ela se desfaz nas lágrimas que semeia em diuivio de maldições.

É, certamente, a vida risonha e alçada, porque, segundo a definição do místico e simbólico Novalis, a alegria é apenas "o sintoma da nutrição, da mesma forma que a tristeza é o sintoma da secreção e das perdas vitais".

Na obra de Hauptmann, Rautendein à Unguia e filo de olhos verdes, destruidora da família, é como a "Dionisia" de G. A., mito de olhos da cor do mar, de cabeça da cor do sol.

Mas, ainda aí, os tipos são essencialmente distintos. Dionisia é uma Afrodite "pandemon", alegria e ruína das cidades, louca, irresistível, vinda do outro lado, sempre do mar: "Eu dou a alegria e a vida (diz ela)... Eu sou um mar de amor!"

Lá nós somos um com tudo o que existe...

As vezes, dentro da luz, sobre o mar calmo, sobre o mar calmo os burros parecem pássaros de asas abertas; outras vezes, os cisnes e as gavinetas abrem as asas e são barcos...

Em Dionisia no esplendor da sua nudez vive toda a natureza em comunhão profunda com as outras coisas".

Na tragédia de Hauptmann a esposa abandonada e mal ferida no coração, por abraçar a sedutora, manda-lhe os filhinhos que lhe apresentam o calix cheio de lágrimas, sacrificio da sua desesperação suprema.

Ao contrário, o que prende Eduardo (no "MalazarTE") é o amor de mãe, das duas mães que lhe velaram o berço e o habitaram a triunfar do demónio.

Esta é a situação mais trágica de todo o livro. Eduardo ampara a ruína que se desmorona e salva da destruição o lar desgraçado que é, já agora, menos que um abrigo, um peço, onde agorizam os três naufragos do catolicismo da vida.

Em resumo, um lar que aparece em cena, já mutilado, pouco a pouco se dilui na ruína extrema. Para contrastar a tristeza dessa destruição, e torná-la ainda mais triste, passa de vez em quando no ambiente o riso, o esgarneo de MalazarTE, egoísta e feliz.

Como na filosofia da natureza, o ente satânico e simbólico vive da ruína circunscrita, tira os seus risos dos clamores e do ranger de dentes dos que se afundam. A alegria e a dor é apenas a mesma máscara única que passa de um a outro.

"Que importa destruir, se tu doo renasces e não se acaba?... Veres vivem no vale de lágrimas e não perdoam a alegria."

MalazarTE é a vida repleta, é uma expressão maravilhosa da própria natureza, nas suas transformações infinitas: ou-

tem sol, árvore, mar, vento, leão, hoje homem!"...

Em verdade, essa ideia geral é um símbolo e por isso é a realidade verdadeira. As coisas todas que existem são fugazes, precárias e perecedoras, mas todas elas se vasam e se fundem nas formas imortais, que de si mesmas não vivem senão na ideia. Todos os seres se caldeiam e se derramam nesses moldes: todos perecem e renascem, dentro da mesma fisionomia da espécie abstrata e irreal, mas que é todavia a única imortalidade da natureza.

Que importam os indivíduos? Cada espécie é um símbolo que se realiza nesse turbilhão de túmulos e berços sem descontinuidade; ninguém, senão ela, é imortal.

Mas, assim como há as formas da natureza, também há as da moral, superiores às destruições.

Graça Aranha não cometeu a vulgaridade de sacrificá-las (2). O dever é também uma força alem e acima de todas as forças e sempre a mais trágica de todas quando em conflito com o amor, que é para a natureza a expressão da elasticidade orgânica, a necessidade de continuar "adaeternum".

Esta é a situação trágica e final do drama.

O último cenário é a praia luminosa junto ao mar onde se abelham o dever que é da terra e o vicio que dela se alonga na imensidade misteriosa.

MalazarTE que é a vida, incoerente e despreocupada, convidada à peregrinação à nova e ignorada Citera:

MALAZARTE

"Sim, muito longe... na imensidade das águas... A vista do rochedo, vires a barca e aproximei-me o mais de leve possível da ilha. Naquela água funda, naquele oceano escuro, a ilha era como uma flor vermelha, aberta sobre o mar. Atraiquei, pulei em terra, e a maravilha aumentou: toda a ilha era um palácio de coral."

MALAZARTE

"O palácio de coral!"

DIONISIA

MALAZARTE

A água cerca-o de todos os lados... Entrai. No interior estão aberturas por onde o sol penetra... A noite, a lua deitada sobre o leito de coral dorme um sono cor de rosa...

DIONISIA

E depois? Desapareceu tudo?

MALAZARTE

Não. Tudo ali permanece para sempre.

DIONISIA

Oh! eu quero ver... eu quero...

MALAZARTE

Ele é teu, Dionisia! vem vê-lo!

DIONISIA

Vou... Eduardo, preciso ir...

EDUARDO

E é preciso ficar, Dionisia.

MALAZARTE

Dionisia!... O palácio de coral...

DIONISIA

O meu palácio!... O meu sonho, que se realiza. Algumas coisas que estava em mim e que vem de ti, MalazarTE!

MALAZARTE

Eu o desejava sem saber. Eram todos os meus desejos, inquietos e desenfreados... Eu

errava sobre a terra e o buscava... O meu palácio estava no fundo das águas... Ele sai das águas... Sinto em mim, no mais remoto do meu ser, como um retorno...

EDUARDO

Não Dionisia. Escuta, é uma mentira que ele nos conta... É a tua última invenção, impostor!

Val-te, bandido!

MALAZARTE

Tu te vangas, homem de verdade? Nem ver a mentira...

DIONISIA

É no entanto, ele existe!

EDUARDO

Existe? Mentira! Ilusão engançada. (Durante alguns momentos, Dionisia vê o palácio de coral... Ela ou Eduardo e dissimulando a sua visão, e a sua fé, quer abraçar para o mar...)

DIONISIA

Eu vou contigo... Cantarei enquanto atravessarmos o mar...

EDUARDO

Nunca!

DIONISIA

Vem... tu és o meu domínio, o meu reino; em teu sangue em tua alma vivo na força da minha natureza... Vem... É no mistério do mar, e diante de todos os mistérios, que devemos realizar a união absoluta dos nossos seres...

EDUARDO

Tu me aberras!

DIONISIA

Covarde, covarde! É assim que sois, apavorado diante da mais simples coisa da natureza, diante da água...

MALAZARTE

Deixa-o... Tu és livre e forte. A barca está pronta e se o vento nos ajudar, tu verás abraçado pelo sol e teu palácio de coral!

DIONISIA

O meu palácio de coral!... Não, eu não devo. O sonho é belo, mas este sonho me mata... Sinto que nãoerei mais eu... (a Eduardo) que sem ti a minha vida se acabará; o sonho vai desaparecer, e tudo entrará na inconsciência profunda... (Fitando MalazarTE) O sonho é belo, a natureza é a vida eterna...

MALAZARTE

Vem à imensidade das águas...

DIONISIA

Quero a ilha de coral, quero a magia da luz, a cor e a água banhando a minha morada...

EDUARDO

Não... Fica nesta terra, que foi a do nosso amor... Não me fuja...

DIONISIA

Quem se pode reter na violência do desejo? Há sempre alguma coisa além que é necessária àqueles que vivem do absoluto... Da-me a eternidade! Tu não podes!

MALAZARTE (na barca)

Vem, Dionisia... Tu serás a voz do mar! vem!

DIONISIA

Eu serrei essa voz eterna... Eu serrei o murmúrio infinito do (Continua na pag. 166)

"E INDO POR TERRA PARAR NO PERÚ" - Jorge de Lima

Um dos livros básicos para a compreensão da humanidade brasileira, a explicação de sua psicologia, o acesso feliz de sua organização social, os seus desígnios, é sem dúvida a "Marcha para Oeste", de Cassiano Ricardo.

Lendo-o, ficamos automaticamente aptos a aceitar um desmentido: de que os poetas são infensos ou incapazes de trabalhos semelhantes, de falhas na pesquisa, de investigação científica, objetiva, portanto etimológica, positiva, na sua mais sã expressão.

Apesar disso, dá gosto ler esta preciosa obra de ciência, tão bem escrita, tão sóbria, tão concisa.

O autor-poeta põe-nos frente a frente, desde as primeiras páginas, com os verdadeiros elementos bio-democráticos de nosso povo, de nossa realidade como pessoas e como coletividade cristã de um país destinado a uma genuína democracia entre todos os países da América e do mundo. Esta democracia brasileira deve em grande parte o seu caráter e a sua realidade, que apenas se entreabre, a um fator vital de extrema mobilidade social interna e externa, num sentido de unificação, de intercâmbio, de equilíbrio ecológico, de mesclagem cristã, ao homem da bandeira, ao homem ecumênico democristão que, saindo de

Piratininga, mexeu o sertão e chegou ao país.

A bandeira é uma cidade móvel, é o plano anti-ecumênico-sedentário, nômade, desconhecendo a grande propriedade privada feudal, em função de divisor dos latifúndios para um primitivo lineamento da nossa federação. O altiplano andarilho e povoador estabelece desde logo as relações de miscigenação e de fraternidade entre os primeiros grupos demográficos que iniciaram a estrutura da incipiente sociedade. Do pastoreio e a monocultura do açúcar requeriam para sua expansão o grande espaço vital privado: a bandeira impunha para sua expansão — dinamismo, desapego ao econômico estático, policultura, roteiros imprevisíveis, horizontes sucessivos, a vitória sobre as distâncias, cooperação e solidariedade de todos os filhos multiplicados do Brasil. É uma família andando, plantando, semeando, procurando, descobrindo, banhando-se nos rios, enchendo-se em todas as direções geográficas, uma democracia que se originava das torções vitais comunistas do negro e do índio.

O bandeirante custou a ter calma, carregava a rede nas costas, incorporando a sombra à sua economia de nômade, auscultando o que os sertões ofertavam, e os rios eram es-

tradas, e os olhos e o fardo dos mamelucos eram como bússolas. O nosso poema épico é a bandeira.

Agradam-me os seus heróis sem gala: Afonso Dias, o mais grandioso de seus pioneiros, possuiu apenas três gibões, seis camisas e um cabeção de estameña. Agradam-me os seus agregados de língua de jaguar, os seus negros semi-vestidos de pano tinto, os seus índios de pé encastorados, esmagados, nas estradas — poeiras, cobras, estrepes e espinhos. Agradam-me os horizontes renovados, inilmitáveis das fronteiras fixas das propriedades imobiliárias. Agradam-me saber que os meus antepassados brancos bandeirantes eram moços tanto no espaço povoado de florestas, como no tempo em que eles se locomoviam, entre a sua civilização originária e a do índio, símbolo da civilização utópica que S. Thomaz Morus apontava ao mundo. O perigo continuava a assaltava, a solidariedade a uria e a impelia para a frente: nada a dissociava. O Brasil nascia desta união, desta igualdade de homens intrépidos, de raças diversas, capazes de regressão purificadora ao primitivo de que estavam próximos, como próximos dos despreconceitos que os não impediriam de andar. Para a existência da ban-

dira nada devia existir que lhe embaraçasse os passos, como o peso de bens imobiliários ou a tarafação de seu corpo velho; e é este grupo autônomo e unido, sem leito e sem laço, de casa-grande que inicia a unidade social extra-familiar. A vontade brasileira, a esperança do nosso povo, a fé em alguma coisa oculta e misteriosa como o sertão e o futuro, é que animavam as suas caminhadas. A "Marcha para Oeste" é o primeiro livro que estuda a bandeira como deve ser estudada, que a explica esclarecendo a psique do brasileiro democrata de hoje, que a apresenta cientificamente indicando a excepcionalidade de nossa democracia, que "é um fenômeno histórico (a República de Piratininga), climático (somos um país tropical), bio-ético (a mistura de raças, social (o nenhum pre-núncio de classe, de credo e de origem), econômico (a hierarquização pelo próprio esforço) e psicológico (a bondade, na sua acepção brasileira, tipicamente democrática)".

O autor estuda a penetração divergente do grupo socializante para o Norte, para o centro e para o sul, mas o objetivo constante, instintivamente social, era a direção Oeste, contra o litoral em oposição à costa menos nascido:

em suma, as bandeiras do altiplano Piratininga é que abriram o caminho do Brasil.

A casa-grande era comodata, confortável e sedentária, locomovia-se dentro de seu círculo medido pela alçada portuguesa, a bandeira representava uma contínua migração de sangue brasileiro ansioso de novas miscibilidades, uma sociedade em marcha para uma organização de uma unidade central que se voltaria oportunamente, depois de realizada, contra o invasor, contra as normas atlânticas do reinol. Pugnava-se da colônia, instintivamente se iniciava uma democratização e se conseguia um começo de independência contra a aristocracia rural bafejada pelo capitalismo europeu. A bandeira brasileira é o mais legítimo fenômeno americanizante de todo o continente porque é um arraial em movimento, cidade portatil, prolongamento de Piratininga por todos os membros do Brasil, é o ritmo do índio, a liberdade do escravo, a aventura do mameluco sertanista.

Gosto deste livro de poeta que escreve sabidamente como etnólogo, como sociólogo, como brasileiro verdadeiramente democrata.

UM TERCEIRO VIRIATO CORREIA - Viriato Correia (Da Academia Brasileira)

A gente tem cada surpresa no mundo!

O diário da capital alagoana — "Gazeta de Alagoas", no dia 25 de setembro do ano passado, publicou o seguinte:

ATALAIA, 29 — Companhia "Zig-Zag" — Estere aqui, entre nos a companhia "Zig-Zag" dirigida pelo ator Jau Ribeiro. Trabalhando no palco do teatro "Clube", a Companhia "Zig-Zag" estreou com a peça "Hula", de Viriato Correia. O espetáculo agradou bastante e teve enorme concorrência, estando o teatro completamente cheio. Como complemento do espetáculo foi levada à cena a revista intitulada — "Fim de Festa", que também alcançou grande sucesso. Tomaram parte na representação os seguintes

artistas: Raimundo Silveira, Aluísio Ribeiro, Luane e Magnólia Ribeiro. O comêdo "Zé do Beco" arrancou dos espectadores constantes gargalhadas, com as suas piadas e anedotas caipiras. O segundo espetáculo foi, como o primeiro, bastante concorrido. A peça foi "Lua de Mel", da autoria de Procópio Ferreira. Na segunda parte foi levada à cena a revista "E pra casar ou pra que é?" que alcançou franco sucesso. O terceiro espetáculo foi dedicado ao ilustre prefeito do município, ao seu secretário e demais autoridades. Subiu à cena a peça — um disparate cômico — "Hotel Imperial", da autoria de José dos Anjos, cuja peça como as demais logrou prolongadas aplausos da assistência. Despertou vivo interesse a representa-

ção da revista "Noite de São João", na qual figuraram parte de os principais membros da Companhia. Em homenagem ao povo católico da cidade foi encenada a peça de Viriato Correia — intitulada "Ceia de Cristo", cujo desempenho agradou geralmente. A companhia "Zig-Zag", sob a direção artística de Jau Ribeiro, delicia o público alagoense, durante três noites com os seus espetáculos que alcançaram sucesso e positivamente os dotes artísticos dos componentes do conjunto dramático que nos visitou no começo desta semana!

Para mim há várias novidades na notícia da "Gazeta de Alagoas". Primeira: eu, homem de teatro, que me gabo de conhecer toda a gente das rodas teatrais, nunca soube da existên-

cia do ator Jau Ribeiro. Segunda: também nunca ouvi falar da existência da Companhia "Zig-Zag". Terceira: não sabia que o grande ator, Procópio Ferreira, fosse autor de alguma peça intitulada "Lua de Mel".

Há tempos Procópio escreveu uma revista que subiu à cena no Recreio, revista de que ele hoje nem quer ouvir falar.

Mas a tal revista em vez do venturoso título "Lua de Mel" chamava-se prosaicamente "Segundo Clípeo". Quarta: a minha surpresa atingiu a culminação ao ler a notícia de que na longínqua localidade de Atalaia, foram representadas duas peças minhas: "Hula" e "Ceia de Cristo".

Nunca em dias de minha vida escrevi tais peças.

Existe no Rio de Janeiro um outro Viriato Correia. É um conceituado pedreiro de nossa praça, que muito aborrecimento me tem dado porque os bancos, às vezes, o confundem comigo.

Mas o pedreiro que possui o meu nome (ele é mais moço do que eu) é um homem sério, prático, que nunca teve o mau gosto de pisar em território literário. Faz pão, mas pão de verdade. Juro por todos os deuses do universo que as peças "Hula" e "Ceia de Cristo" não são do Viriato Correia da padaria. Deve haver atualmente no Brasil um terceiro Viriato Correia. Esse eu não conheço. Esse deve ser o autor das peças que Jau Ribeiro, diretor da Companhia "Zig-Zag", levou à cena em Atalaia, no Estado de Alagoas.

O "INTERMEZZO", DE H. HEINE

20

21

22

Gonçalves Crespo.

Pedro Rabelo.

Francisca Júlia da Silva.

Sei-o: a tua vida é sem ventura,
E nos comum esta funérea sorte.
Cai sobre nós a mesma noite escura,
E isto não finda sem que chegue a morte.
Se vejo nesse olhar um rir travesso
E em teu lábio a insolência costumada,
E o orgulho inflar teu coração... padeço,
E murmuro: "és como eu, tão desgraçada".
Bem sei que ris, mas o teu lábio treme;
Nos teus olhos azues o pranto brilha;
Tens orgulho, e essa voz suspira e geme...
Como nós somos desgraçados, filhal

Gemem as flautas, lânguidos violinos
Soluçam, trompas ressoando estão...
Outrem hoje a possui! Laços divinos
Deram-lhe a amada de meu coração.
Soem flautas, e trompas e violinos,
Cresça o melódico diapasão!
No céu azul os anjos peregrinos
Comigo soluçando ficarão...
Ah! isso o poeta, não, não faz.
Dragões, vampiros, bestas-feras,
A história natural completa
Dos falsos monstros de outras eras
Pode criá-los, vãs quimeras,
O ardor de um cérebro de poeta.
A ti, porém, e a tanta graça,
Teu malicioso olhar mordaz,
Em que a perfídia ao rir se enlaça
Ah! isso não; por mais que faça,
Ah! isso o poeta, não, não faz.

Já te esqueceste, pois, inteiramente,
De que em melhores épocas da vida
Teu coração, querida,
Me palpitou no coração ardente?
Teu coração de leve mariposa
Esvoaçante e terrena,
Tão pequeno e tão falso, que outra coisa
Não pode haver mais falsa e mais pequena?
L. de certo, também, já te esqueceste
Do pesar e do amor
Com que tu me predeste
O coração num círculo de dor?
Pesar e amor! ambos me fazem doente,
Ambos me são do pranto
Incentivos fatais
E não sei, entretanto,
Se aquele pode ser maior do que este.
Pois sei apenas que ambos, igualmente,
Já são grandes de mais.

Poemas de Murilo Mendes — (De "O Visionário")

FORMAÇÃO

A luz nasce nos olhos de Eva.
A noite nasce nos cabelos de Eva.
Meus pais nascem no ventre de Eva.
Eu nasci no ventre de Eva.
Minha amada nasce no ventre de Eva.

A MÃE DO PRIMEIRO FILHO

Carmen fica matutando
No seu corpo já passado.

— Até à volta, meu seio
De mil novecentos e doze.
Adeus, minha perna linda
De mil novecentos e quinze.
Quando eu estava no colégio
Meu corpo era bem diferente.
Quando namorei João
Meu corpo era bem diferente.
Quando um dia me casei
Meu corpo era bem diferente.
Nunca mais eu hei de ver
Meus quadris do ano passado...

A tarde já maduro
E Carmen fica pensando.

MULHER EM TRÊS TEMPOS

Minha boca está no presente,
O meu olhar no passado.
Meu ventre está no futuro.
Minha boca toda a noite
Está na boca amorosa
Do meu marido atual,
Meu olhar está no olho
Do meu namorado antigo,
Meu ventre está no futuro
Do corpinho do meu filho.

DILATAÇÃO DA POESIA

Nas formas da filha o pai
Vê sua mulher ressurgir
No viço da mocidade.
Inda há pouco ele subia
Uma escada com sua filha,
Pareceu-lhe que levava
Sua mulher pela mão,
Cemovida, para o altar.

O NAMORADO E O TEMPO

O namorado contempla
O corpo da namorada,
Vê o corpo como está,
Não vê como o corpo foi
Nem como o corpo será.

Se aquele corpo amanhã
Mudar de peso, de forma,
Mudar de ritmo e de cor,
O namorado, infeliz,
Vai sofrer mesmo demais;
Não calculou o futuro,
A mulher quebrou o encanto,
Ele só vê a mulher
No momento em que a vê.

UNIDADE DO AMOR

As namoradas que eu tive
Ressuscito no teu corpo,
Elas falam por tua voz.
A mulher é uma só.
As formas é que variam.
Tua pele é quase igual
À de três que conheci,
Certas maneiras de olhar,
De remexer os quadris,
Certos caprichos e dengues
Ligada estás pelo sangue
As tuas irmãs de vida,
Por isso me consolei
Da perda das outras três;
Não és minha namorada:
Representas, sem saberes,
Minhas quatro namoradas,
O amor é um amor só.

DUAS IRMÃS

Uma mulher conta de noite
A sua irmãzinha menor
A história de seus amores.
Conta o último namorado,
Descreve o físico dele
Nos seus mínimos detalhes,
Depois narra com ternura
O que se passa entre os dois.
A outra escuta cismando,
Não dormiu a noite inteira
Até a amizade entre as duas
Daí para diante cresceu.

FORMAS ALTERNADAS.

Vi a menina crescendo
Na sombra de sua mãe.
Vi a mãe dela sumindo,
O corpo da outra aumentando,
Vi a posição dos corpos
Mudando sempre no espaço,
O tempo desenrolando
Olhares e movimentos,
Vontades, curvas e cheiros,
Ora da filha bonita,
Ora da mãe consumida,
Com tantas afinidades
Que veem, sem se perceber,
De formas bem semelhantes;
Não sei onde a mãe acaba
Não onde a filha começa.

MORAL DO TATO

"A mão do meu namorado
Segura nos meus quadris.
Tem a forma parecida
Com uma outra que já vi.
Parece com a mão de meu pai:
Essa mão há tantos anos
Faz parte da minha vida
— Desde sete anos me lembro
Dos carinhos dessa mão —
Que sei toda ela de cor".

MENINA EM QUATRO IDADES

Alguem te contempla
Desde antes o tempo começar.
Mais tarde a Virgem Maria
Navegava nas ondas do céu
Para ver teu rosto.
Eu te olhava com ternura
Através das grades do internato
Onde choram orfãs de vestido azul,
Eu te conheço desde antes tu nasceres...
Vi tua mãe caminhando para o altar.

UMA ORFÃ ADOTA A HUMANIDADE

Vejam só meus quinze anos.
Eu não tenho mãe nem pai,
Nem ao menos um irmão.
Quero mãe para o meu beijo,
Um pai para o meu olhar,
Irmã para o meu abraço
E um noivo pro corpo todo.
Enquanto não acho esta gente,
Adoto a quem conhecer.
Bem pode o mundo dormir
Na sombra de uma mulher.

OLHAR SEM TEMPO

Quem sou mesmo eu?
Sou um retrato de antepassado,
Sou aquela camisola que vesti
Há muitos anos atrás.
Sou o companheiro quase apagado
De uma menina que me bolinou
Há muitos anos atrás.
Sou uma valsa lenta
Coçando nos meus ouvidos.
Sou um cadáver, uma visagem
Que alguns sujeitos rindo
Levam sem flores num automovel.
Sou um réprobo esperando a sentença final.

SOLIDARIEDADE

Sou ligado pela herança do espírito e do sangue
[que
Aos mártires, aos assassinos, aos anarquistas,
Sou ligado
Aos casais na terra e no ar,
Ao vendeiro da esquina,
Ao padre, ao mendigo, à prostituta,
Ao mecânico, ao poeta, ao soldado,
Ao santo, ao anjo,
Feitos à minha imagem e semelhança.

PRE-HISTÓRIA

Mamãe vestida de rendas
Tocava piano no caos.
Uma noite abriu as asas
Cansada de tanto som,
Equilibrou-se no azul.
De tonta não mais olhou
Para mim, para ninguém!
Cai no album de retratos.

O POETA MUNDANO Honório Armond, príncipe dos

O poema que aqui publicamos, assinado por Manuel Afonso, é uma caricatura literária. Foi feito a quatro mãos, e os dois nomes que o assinam assim se identificam:

O poeta tem um carnet como tinham Anticamente as moças quando iam dançar. Não lhe peçam a primeira valsa. Que a primeira valsa ele não pode dar.

O poeta acorda. Todos os dias Tem cem convites para jantar. E escreve cartas, providência, Responde a quem lhe telefonar:

— "Hoje não posso. Amanhã, só vendo". Vai ver, não pode: tem um aniversário. E passa um ano que não vai à casa Do tio materno desembargador.

O poeta sai barbeado e alegre. Cadê a tristeza que Deus lhe deu? Cadê a tristeza? Ficou no beco. Cadê a tristeza? O gato comeu.

Mas cuidado, amigos, com o poeta mundano Não o façam rir muito; pode acontecer Que venha a tossir. E o poeta tossindo, O poeta tossindo pode morrer!

MANUEL AFONSO

"MALAZARTE"

(Continuação da pagina 165) anjo, e do desejo... Oh! alegria, se Dionísia morrer...

MALAZARTE

A voz do mar cantará eternamente. *(Dionísia entra na barca, que parte lentamente, levando Malazarte e Dionísia. Na praia, Eduardo fica só. Tudo é separação e dor)*

Assim, finaliza a tragédia. Não sei definir a emoção integral que senti ao fechar este livro de tantas emoções. A que me parece agora mais clara é a da poesia.

Eis aí, meu caro Alberto, como confere com a minha a tua opinião de que esse livro é um grande poema.

E, sim, é o poema da dor humana. Tu bem sabes que um pequeno incidente deste drama (a morte de Alzira) foi tirado de um passo colorido da vida. Fez aqui o poeta o seu desfecho. *Arenú e segundo o conselho de um seu irmão fez da sua dor um poema.*

A vida, aí de nós, não segue linear como um rio. Ao contrário, procede por ondulação, toda ao redor de nós, em todos os rumos; o presente é sempre um

ponto de indiferença, e nós vivemos, para trás ou para adiante; da saudade e do futuro; das alegrias que misturam e das esperanças ou ambições que avultam, ou dos contactos que nos enoviam e nos arrastam para o desconhecido.

Não é só para o teatro nem para as regras de perspectivas que se trama ou se entretuce o drama da vida. Há outras dimensões espirituais que escapam às construções do compasso, do nível ou do prumo.

Não peçam a Graça Aranha e à sua arte magnífica e libertina as frivolidades da perfeição técnica, as pequenas retróicas, as adaptações ao profano vulgo. Pouco lhe importam aplausos ou excomuniões de cenáculos e de escolas.

A sua obra é ínterica, vigorosa, inconsultu. O que lhe admira precipuamente é a sua arte de interpretar, sua filosofia e o quase dom angélico da sua palavra.

Dentro em pouco Malazarte será das páginas mais lidas e relidas da nossa literatura, grande e incoordenada como esta nossa terra que na sua extraordinária grandeza quase se não pode mover, mas que nos dá lá por antecipação inconel-

Alphonsus de Guimaraens Filho

O príncipe dos poetas mineiros, sucessor de Alphonsus de Guimaraens — pouca gente o sabe — é Honório Armond. Este poeta vive num quase absoluto esquecimento, o que mais parece uma contingência do principado... Mas é que Honório Armond mora no interior de Minas, em Barbacena, e não há quem constata vencer a indiferença provinciana. Também assim sucedeu a Alphonsus de Guimaraens, mergulhado por longos anos no interior mineiro. E o seu sucessor não tem sido mais feliz.

Meu primeiro contacto com a poesia de Honório Armond foi perturbador. Eu era então um menino e andava perdido na leitura dos versos de Augusto dos Anjos. Por essa época, conheci "Perante o Alem", livro que Honório Armond publicara em 1921. Tamaíha foi a impressão que me deixou que não pudei em consagrar-lhe um longo estudo, onde reunia Augusto dos Anjos e Honório Armond. Este estudo denominava-se "Dois poetas mortos". É que um poeta tão amargo e revoltado não me parecia com reservas suficientes para arrastar-se no mundo. Devia estar morto, como Augusto dos Anjos... Só mais tarde soube que Honório Armond, apesar do meu estudo, continuava a viver em Barbacena...

"Perante o Alem" é um livro singular. Menos pela originalidade do poeta — como é o caso de Augusto dos Anjos — que pela sua revolta. Revolta que supera o mesmo Augusto dos Anjos, porque o poeta de "Perante o Alem" não se contenta apenas em constatar a inconsistência de tudo, em versos desalentados, mas se entrega a maldições a que não nos podemos manter indiferentes. Tal a sinceridade que as agita. Basta que eu mencione alguns versos e o leitor concluirá por si:

"... Que, em observando os homens / Tenho quem priva / Pode aprender a odiá-los e a mim / E mesmo / E odeio, se ele existe, o próprio / Ideia..."

Ou ainda estes versos sufocados:

"O Fantasma de um Deus... des- / cri de todo / Tu não és mais que uma mentira / latosa..."

ente estes sinais da sua formidável importância.

Há um Deus em nós, como diz o poeta. ("Jornal do Comércio" — 29-11-911).

(1) Falo aqui dos "Sinus submergidos" (Versunken Gnecken) e de memória porque não tenho agora a mão.

(2) Não foi só esta vulgaridade que evitou. Não quis transplantar para a sua tragédia o estalado lugar comum do adultério.

Todo o livro é, por isso mesmo, um grito de desespero. Nenhum caminho se oferece ao poeta, nenhuma possibilidade. Nem a morte lhe parece um refúgio de paz... Entretanto, palpita nesses versos quase sempre nihilistas uma alma vivamente religiosa. O poeta é um místico desorientado, um metafísico que sonda o mundo através da "noite ignota" que sente no fundo do seu ser. Sua inquietação, manifestada no próprio título do livro, é a de quem busca um caminho qualquer na tempestade interior, uma luz que se faça em meio ao vórtice dos sentimentos. Por isso mesmo, apesar das suas maldições, escreverá estes versos que se destacam, tão diferentes, entre todos os outros:

"A entrança nem Deus, que me / receiva, / Faz-me a terra tão longa e o céu / tão perto!"

Suas maldições, em última análise, não são senão apelos. Porque o poeta virá a confessar:

"Sou como um cego em face de uma / luz que / Tenho sede, Senhor! mas é de / luz!"

Ao mesmo tempo que mergulha numa angústia espessa, onde entrevemos breves momentos de pacificação, assume uma atitude comovida diante do sofrimento universal. É uma sombra que se agita entre sombras, sintonizando a queixa das criaturas. Nas suas noites de insônia, sofrerá as vidas mortas e outrá no silêncio:

"Risos, lamentos, uivos, gritos, bra- / didos, / Epitáfios, nenias, misereres, / Salmos de fé, rular de maldições..."

Para revelar:

"E eu sinto nos meus nervos excita- / ções / Paurosas, de roldão, homens, mu- / lheres, / Santos e heróis, zibaldas e la- / tidões..."

A releitura que fiz de "Perante o Alem", se não me traz o entusiasmo do primeiro contacto, também não me desilude. Se me desgosta um indistincto preciosismo, posto a viver a sinceridade dos seus gritos e me deixo arrastar, por outro lado, pelo prestígio da sua força poética. Não sei qual será hoje, visto e experimentado, a atitude do poeta. Posso concluir que quem escreveu este verso: "Tenho sede, Senhor! mas é de luz!", não era apenas um cego em face de uma esfinge... (Belo Horizonte, janeiro de 1942).

Galeria de nomes ilustres



O almirante Claude Charles Bloch é o comandante em chefe da Frota Americana. Nasceu no Estado de Kentucky, em 12 de julho de 1878



Osvaldo Cruz, o grande higienista brasileiro



O general Edmund Ironside é o comandante em chefe das defesas da Inglaterra



José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, considerado o maior dos estadistas brasileiros

Correspondência de escritores:

Uma carta íntima de Raimundo Corrêa

A sua filha Stela, quando ainda estava de escola, Raimundo Corrêa escreveu a carta que segue:

"20 de abril de 1906. — Nitobô.

Minha querida Stela. Só agora é que posso responder à tua apreciada cartinha a que esqueste de por data. Não havia necessidade de te escrever, pois, por intermédio de tua mãe, tens sempre as minhas notícias, mas como a vontade, querida filha. Não duvido do interesse com que acompanhas os meus progressos e os de nossa Xandi. O resultado bom que colheres dos teus estudos e aplicação ao será a compensação que esperamos ao melhor compensação do sacrifício que fazemos, privando-

nos de tua presença. E o mesmo se dá com relação à nossa Xandi, cuja falta é grande cá em casa. Continua o estudo, portanto, minha querida Stela, afim de enriqueceres o teu espírito com os conhecimentos e lucidas verdades. Estimo muito saber que, ao lado dos estudos práticos, tens um lugar distinto, nas tuas ocupações quotidianas, as belas artes, e, sobretudo, a música, e a pintura. É indispensável cultivá-las com amor, entusiasmo e carinho, porque qualquer delas te proporcionará no futuro doce lenitivo ao sofrimento ou ao tédio de que a nossa vida em condição nenhuma se acha exempto. O sentimento artístico é de direta inspiração divina e é como o sopra luminoso que nos levanta e alma até o trono estelífero

do Criador, de cujo sublime obra o pintor imita o colorido, a luz e os primários traços, e a música acompanha o ritmo, o cadência, a harmonia mágica que regula a marcha dos céus e dos planetas e toda a movimentação universal. Não tenho aqui de pronto, — querida filha, — palavras bem bonitas que exprimam com precisão o meu sentimento a esse respeito. Tu, porém, compreendes quanto me é agradável saber que amo a pintura e a música e estudos com gosto estas duas artes, — fontes de grandes alegrias nesta triste existência; fontes onde os mortais se vão saciar de prazeres que são antegozos do céu. "Gostei muito também da carta que nos escreveu a nossa Xandi, com uma letra bem bonita. Pelos últimos

boletins recebidos, vejo que ambas vos tendes estudado regularmente. O teu lugar em aritmética foi o 14.º mas em português obtiveste o 8.º, em física o 6.º e em desenho, assás bem. A nossa Xandi teve o 1.º lugar em História Natural e Geral, o 2.º em História Sagrada, o 3.º em Francês, em Piano assás bem, e em Religião "boa". Estamos muito satisfeitos com isto. Continuem ambas a nos serem assim tanta prazer. Honrem e estimem muito os seus bons mestros e especialmente a bondosa e santa "Notre-Mère", a quem muitos benefícios devemos. Deus os abençoe a todas e os faça felizes. "Ades, meus queridos filhos. Abracem o saudoso pai que vos abençoa. Raim".